

Universidade Federal do Rio de Janeiro

REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO  
NAS FÁBULAS DE MONTEIRO LOBATO E ESOPO

Manuela Colamarco Pereira Gomes

2014

# REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NAS FÁBULAS DE MONTEIRO LOBATO E ESOPO

Manuela Colamarco Pereira Gomes

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Profa. Doutora Leonor Werneck dos Santos

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2014

REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NAS FÁBULAS DE  
MONTEIRO LOBATO E ESOPO

Manuela Colamarco Pereira Gomes

Orientadora: Profa. Doutora Leonor Werneck dos Santos

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

---

Presidente, Profa. Doutora Leonor Werneck dos Santos

---

Profa. Doutora Rosalice Botelho N. S. Pinto – Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

---

Profa. Doutora Maria Eduarda Giering – UNISINOS

---

Profa. Doutora Rosa Maria Cuba Riche – CAP-UERJ

---

Profa. Doutora Regina Souza Gomes – UFRJ

---

Profa. Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis – UFRJ, Suplente

---

Prof. Doutor Auto Lyra Teixeira – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2014

*Ao meu marido, Fernando Botelho, por sua companhia diária...*  
*A meus pais, Ana Maria e João Roberto, por sua vida de dedicação à família...*

## AGRADECIMENTOS

Como nenhum trabalho construído ao longo de tanto tempo se faz sozinho, deixo, aqui, aos “co-autores” desta Tese, o meu muito obrigado!

À minha orientadora Leonor Werneck dos Santos por esses tantos anos de orientação paciente e amiga. Por tudo o que me ensinou e por sua preocupação sincera, que ultrapassa a esfera acadêmica. Por sua parceria, suas palavras de incentivo e, principalmente, por fazer de mim uma profissional melhor.

À professora Regina Gomes pelas muitas vezes em que pensou comigo os rumos desta pesquisa, por sua disponibilidade em ajudar e por seus comentários valiosíssimos, principalmente durante meu exame de Qualificação.

À professora Mônica Cavalcante por sua contribuição no início desta pesquisa, dividindo comigo sua experiência ímpar na área da Referenciação. Também agradeço sua leitura atenta do meu exame de Qualificação.

Às professoras Rosalice Pinto e Maria Eduarda Giering, pela disponibilidade em vir de longe avaliar este trabalho. À professora Rosa Cuba Riche também por ter aceitado tão prontamente fazer parte da minha banca.

Ao professor Auto Lyra por sua ajuda valiosa, dividindo comigo seus conhecimentos fabulares e me apresentando ao livro que fez parte do *corpus* desta Tese.

Ao professor João Antônio de Moraes por ter me orientado durante muitos anos, desde minha iniciação científica até meu Mestrado. Por seu exemplo de seriedade e ética na pesquisa e por ter compreendido minha decisão de buscar outros caminhos de estudo.

Aquela que me acompanha desde meus anos de aluna do Ensino Fundamental e que me ensinou a amar as palavras. Antes professora, hoje, amiga. Uma verdadeira MESTRA, companheira de todas as horas e exemplo a ser seguido, D. Fátima.

Ao meu grupo de pesquisa em Linguística de Texto, pelas muitas trocas e pelas discussões que tanto me ajudaram a pensar esta Tese.

A todos aqueles com quem convivo diariamente e fazem o meu dia-a-dia mais leve e divertido.

À minha pequena grande família: meus tios e meus primos, pela torcida constante e pelo sincero carinho que têm por mim. À família que ganhei no dia em que me casei, por sua acolhida e por compreender minhas ausências durante a elaboração desta Tese.

Aos meus pais, Ana Maria e João Roberto, a quem devo tudo o que consegui até aqui. Pela presença incondicional, pelos sacrifícios feitos por mim, pelas palavras de carinho e sabedoria ao longo de tantos anos, por tudo o que me ensinaram, enfim, por serem quem são.

Ao meu marido, Fernando Botelho, por sua doação, seu carinho, sua parceria constante e por me ajudar a ser uma pessoa melhor.

Colamarco, Manuela.

Referenciação e construção de sentido nas fábulas de Monteiro Lobato e Esopo/ Manuela Colamarco Pereira Gomes. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2014.

xiv, 189f.: il.

Orientadora: Professora Doutora Leonor Werneck dos Santos

Tese (doutorado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2014.

Referências Bibliográficas: f. 162-168.

1. Referenciação. 2. Linguística de texto. 3. Fábulas. I. Santos, Leonor Werneck dos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós- Graduação em Letras Vernáculas. III. Referenciação e construção de sentido nas fábulas de Monteiro Lobato e Esopo.

## RESUMO

### REFERENCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NAS FÁBULAS DE MONTEIRO LOBATO E ESOPHO

Manuela Colamarco Pereira Gomes

Orientadora: Profa. Doutora Leonor Werneck dos Santos

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Esta pesquisa observa, à luz da Linguística de Texto, de que modo a referenciação constitui elemento basilar na construção de sentido de fábulas, um gênero textual predominantemente narrativo. A análise de dez fábulas de Monteiro Lobato em contraponto a dez fábulas de Esopo investiga o papel da referenciação na construção de sentido das narrativas pela avaliação crítica dos objetos de discurso envolvidos no projeto de dizer, representados pelo material linguístico do texto (expressões referenciais e pistas textuais). Antes, porém, procede-se a uma revisão teórica do processo da referenciação e propõe-se uma revisão da classificação, principalmente em relação ao conceito da introdução referencial. Ainda, as estratégias de referenciação e as expressões referenciais nominais, identificadas nas fábulas nacionais e nas versões clássicas, são submetidas a análises qualitativa e quantitativa com vistas à observação de padrões de uso nos textos de cada um dos autores. Nas narrativas de Esopo, a preferência pelas anáforas pronominais e a utilização de expressões referenciais nominais menos marcadas semanticamente constroem um simulacro de neutralidade, levando o leitor a identificar como verdade absoluta a moralidade. Já nas narrativas de Monteiro Lobato, as anáforas recategorizadoras predominam, e a avaliação dos elementos representados por expressões referenciais nominais é constante e explícita. Com isso, o leitor observa uma tomada de posição por parte do narrador, colocando-se de forma crítica diante do que lê. Finalmente, transpõe-se a metodologia de análise do processo da referenciação nas fábulas para o estudo da Língua Portuguesa na educação básica, a partir da confecção de materiais didáticos.

Palavras-chave: Referenciação; fábula; ensino.

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2014



## ABSTRACT

### REFERENCING AND CONSTRUCTION OF MEANING IN THE FABLES OF MONTEIRO LOBATO AND AESOP

Manuela Colamarco Pereira Gomes

Orientadora: Profa. Doutora Leonor Werneck dos Santos

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

This research examines how referencing consists of a basic element in the construction of meaning of fables - a predominantly narrative textual genre. The approach used is that of Text Linguistics and the analysis compares and contrasts ten fables by Monteiro Lobato to ten fables of Aesop. The role of referencing in the construction of meaning in those narratives is investigated by means of a critical evaluation of the discourse objects involved in the project of “saying”, these objects in their turn being represented by the linguistic material of the text, namely referring expressions and textual clues. The work begins with a theoretical review of the process of referencing and proposes a review of classification, especially in relation to the concept of referential introduction. The referencing strategies and nominal referential expressions identified in the Brazilian fables as well as in the classic versions are subjected to qualitative and quantitative analyses aiming at the observation of usage patterns in both authors. In Aesop's narratives the preference for pronominal anaphora and the use of less semantically marked nominal referential expressions build a simulacrum of neutrality, thus leading the reader to identify the moral lesson as an absolute truth. On the other hand, in the narratives of Monteiro Lobato, re-categorizing cases of anaphora prevail, and the evaluation of the elements represented by nominal referential expressions is constant and explicit. Therefore, the reader is made aware of the perspective of the narrator, and takes on a critical position towards his/her reading. Finally, the analysis methodology of the referencing process in the fables is applied to the study of Portuguese language in primary education, focusing on the devising of teaching materials.

Keywords: referencing; fable; teaching.

Rio de Janeiro  
Dezembro de 2014

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS .....</b>	<b>xii</b>
<b>LISTA DE FIGURAS .....</b>	<b>xiii</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS .....</b>	<b>xiv</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS TEXTUAIS.....</b>	<b>23</b>
2.1. DISCUSSÕES ACERCA DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	23
2.2. O GÊNERO TEXTUAL "FÁBULA" .....	28
2.3. <i>FÁBULAS</i> : UMA OBRA BRASILEIRA PARA CRIANÇAS BRASILEIRAS ...	35
2.4. A INTERTEXTUALIDADE .....	42
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>47</b>
3.1. TEXTO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO .....	47
3.2. O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO .....	52
3.2.1. PANORAMA TEÓRICO.....	52
3.2.2. REVISITANDO A TEORIA .....	66
<b>4. ANÁLISE.....</b>	<b>81</b>
4.1. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....	81
4.2. ANÁLISE DOS DADOS .....	85
4.2.1. ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE AS FÁBULAS DE ESOPO E AS FÁBULAS DE MONTEIRO LOBATO.....	85
4.2.1.1. "A cigarra e as formigas".....	85
4.2.1.2. "O jumento que transportava sal" e "Burrice".....	92
4.2.1.3. "O cão, o galo e a raposa" e "O galo que logrou a raposa" .....	96
4.2.1.4. "O jumento que passava por ser um leão" e "O burro na pele de leão".....	99
4.2.1.5. "O avarento" e "Unha de fome".....	101

4.2.1.6. “O rato e a rã” .....	104
4.2.1.7. “O lobo e o cordeiro” .....	108
4.2.1.8. “A galinha dos ovos de ouro” .....	110
4.2.1.9. "O leão e o rato agradecido" e “O leão e o ratinho”..	112
4.2.1.10. “O veado na fonte e o leão” e "O útil e o belo" .....	114
4.2.2. REFERENCIAÇÃO E AVALIAÇÃO .....	119
4.2.2.1. A cadeia referencial e a avaliação do texto .....	119
4.2.2.2. As pistas textuais e a avaliação do texto .....	127
4.2.3. ANÁLISE CONTRASTIVA E QUANTITATIVA DAS ANÁFORAS DIRETAS EM ESOPO E EM MONTEIRO LOBATO .....	131
4.2.3.1. A anáfora direta em números .....	131
4.2.3.2. O núcleo das expressões referenciais recategorizadoras .....	134
4.2.3.3. Os determinantes nas expressões referenciais recategorizadoras .....	137
<b>5. UM OLHAR PARA O ENSINO .....</b>	<b>141</b>
5.1. “A CIGARRA E AS FORMIGAS” .....	142
5.2. "O JUMENTO QUE TRANSPORTAVA SAL" E “BURRICE” .....	146
5.3. "O CÃO, O GALO E A RAPOSA" E “O GALO QUE LOGROU A RAPOSA” .....	149
5.4. "O JUMENTO QUE PASSAVA POR SER UM LEÃO" E “O BURRO NA PELE DE LEÃO” .....	151
5.5. "O AVARENTO" E “UNHA DE FOME” .....	153
<b>6. CONCLUSÕES .....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>161</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>168</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Quadro geral das práticas hipertextuais; adaptado de Genette (2010, p.40).....	p. 43
<b>Quadro 2:</b> Processos referenciais; adaptado de Santos e Cavalcante (2014, p.242).....	p. 67
<b>Quadro 3:</b> Classificação e propriedades das expressões anafóricas.....	p. 75
<b>Quadro 4:</b> Título das dez fábulas Esopo e das dez fábulas correspondentes de Monteiro Lobato, que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa.....	p. 82
<b>Quadro 5:</b> Expressões referenciais e avaliação dos referentes nomeados nas dez fábulas de Esopo.....	p. 119
<b>Quadro 6:</b> Expressões referenciais e avaliação dos referentes nomeados nas dez fábulas de Monteiro Lobato.	p. 121
<b>Quadro 7:</b> Estratégias de avaliação do referente observadas nas expressões referenciais nominais das fábulas de Esopo e de Monteiro Lobato.....	p. 124
<b>Quadro 8:</b> Pistas textuais e avaliação dos referentes nas fábulas de Esopo.....	p. 127
<b>Quadro 9:</b> Pistas textuais e avaliação das personagens “cigarra” e “formiga má” de “A formiga má” de Monteiro Lobato.....	p. 128
<b>Quadro 10:</b> Pistas textuais e avaliação dos referentes nas fábulas de Monteiro Lobato.....	p. 129
<b>Quadro 11:</b> Retomadas por anáfora direta nas fábulas de Esopo e de Monteiro Lobato.....	p. 132
<b>Quadro 12:</b> Funções dos determinantes das expressões referenciais recategorizadoras e seu grau de recategorização do referente.....	p. 138

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** *Continuum* das formas intertextuais segundo seu distanciamento do texto base, a partir de Sant'Anna (2003)..... p. 44
- Figura 2:** Classificação das processos referenciais..... p. 74
- Figura 3:** Esquema ilustrativo das cadeias referenciais relacionadas..... p. 78
- Figura 4:** Tipologia das anáforas nominais; adaptado de Silva e Ferreira (2008, p. 786)..... p. 134
- Figura 5:** Graus de recategorização e de avaliação do referente de acordo com o tipo de nome-núcleo utilizado nas anáforas diretas recategorizadoras das fábulas de Monteiro Lobato..... p. 137
- Figura 6:** Graus de avaliação do referente de acordo com o determinante utilizado nas anáforas diretas recategorizadoras das fábulas de Monteiro Lobato..... p. 139

## LISTA DE GRÁFICOS

**Gráfico 1:** Percentual das estratégias de anáfora direta nas fábulas de Esopo..... p. 132

**Gráfico 2:** Percentual das estratégias de anáfora direta nas fábulas de Monteiro Lobato..... p. 132

## 1. INTRODUÇÃO

É notória a preocupação atual dos estudiosos da Língua Portuguesa (LP) que se debruçam sobre o seu ensino em desconstruir uma visão tradicional e fossilizada, que entende a língua apenas como um simples código e acredita que compreender um texto é meramente decodificá-lo, considerando que o objeto da análise linguística seria unicamente o código e a sua forma, como alerta Marcuschi (2008). Essa concepção de língua culminou em um ensino de LP que se limita ao estudo metalinguístico da gramática e a compreende como um conjunto de regras e exceções.

Por outro lado, as teorias mais modernas baseiam-se na noção de língua como atividade sociocognitiva e interacional e postulam que compreender é inferir (KLEIMAN, 1989a, 1989b; 2004), ou seja, é um “processo de construção mais amplo e de base sociointerativa” (MARCUSCHI, 2008, p.237). Desse modo, o significado não seria apenas uma entidade mental ou um objeto lógico, como concebiam as perspectivas tradicionais, mas sim uma expressão linguística determinada pelas circunstâncias de uso.

Voltando o foco ao ensino da Língua Portuguesa, constata-se que essa é a perspectiva teórica que poderá garantir o cumprimento dos pressupostos determinados pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN):

Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva. [...] A área *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* objetiva ampliar a competência do educando, permitindo-lhe, entre outros aspectos: analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção; e compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade. (BRASIL, 98-99)

Assim, preocupados com a disparidade que se observa hoje entre os trabalhos da academia – que defendem essa visão de língua como atividade

sociointerativa – e a realidade do ensino de Língua Portuguesa no nível fundamental – que, em sua maioria, ainda tem como objetivo primeiro o estudo metalinguístico da gramática e entende o texto apenas como um pretexto para seu estudo – associaremos um conceito fundamental da Linguística de Texto (LT) a um gênero textual analisado na educação básica e tentaremos comprovar que a referenciação, se traduzida para uma linguagem mais acessível aos jovens, pode garantir um estudo do texto mais crítico, capaz de desenvolver a competência discursiva do aluno.

Mais especificamente, esta Tese, vinculada à linha de pesquisa *Língua e ensino*, busca associar o conceito de referenciação (MONDADA e DUBOIS, 2003; KOCH, 2008a; CAVALCANTE, 2011; SANTOS e CAVALCANTE, 2014) à análise contrastiva das fábulas de Esopo e de Monteiro Lobato, textos amplamente estudados nas séries iniciais do Ensino Fundamental II.

Sendo assim, procedendo a uma análise principalmente qualitativa do *corpus*, observaremos de que modo o processo da referenciação contribui para a construção de sentido de dez fábulas de Monteiro Lobato, retiradas de sua obra *Fábulas*, em contraponto a dez fábulas de Esopo, selecionadas de *As fábulas de Esopo: em texto bilíngue*. Ainda, avaliaremos nesses textos, de tipologia predominantemente narrativa, de que modo se manifesta sua intencionalidade, através da avaliação positiva/negativa dos objetos de discurso ativados, propondo uma metodologia de análise que dê conta dessas e de outras questões. Antes, porém, revisitaremos a teoria, sugerindo algumas pequenas modificações na compreensão e na classificação de elementos envolvidos no processo da referenciação. Ressaltamos que a compreensão de que os objetos de discurso podem ser avaliados positiva- ou negativamente não pressupõe uma visão maniqueísta de mundo, mas trata-se apenas de uma maneira didática de apresentar essa construção de sentido.

A partir do exposto, o presente estudo justifica-se, uma vez que, embora haja um número significativo de trabalhos que contemplem a referenciação e sua relação com a intencionalidade do texto, a maior parte deles se constrói a partir de *corpora* formados por textos de tipologia predominantemente



argumentativa. Há poucos trabalhos que abordam o tema em textos de tipologia narrativa, principalmente com o gênero textual escolhido nesta pesquisa.

A escolha das fábulas como objeto de estudo desta Tese deve-se, ainda, a duas razões. Inicialmente, embora esse gênero textual se caracterize por ser de tipologia narrativa, verificamos, nele, um traço argumentativo bastante marcado. As fábulas devem transmitir a seus leitores um ensinamento sobre o comportamento humano, uma “moral”. No caso das fábulas recriadas por Lobato, acreditamos que a reconstrução do enredo com nuances nacionais acena para um posicionamento marcadamente ideológico (CATINARI, 2010). Lobato reescreve – e não apenas traduz – as famosas fábulas de Esopo e de La Fontaine, a partir de uma visão de mundo mais moderna. Seu texto chega a desconstruir alguns valores defendidos nas fábulas de seus precursores. Desse modo, justifica-se, ainda, o contraponto estabelecido entre as fábulas clássicas e os textos modernos.

Esse gênero textual também é importante para o nosso estudo, pois faz parte da grade curricular da disciplina *Língua Portuguesa*: as fábulas são, normalmente, tema de estudo do sexto ano, série inicial do Ensino Fundamental II. É, portanto, um gênero textual organizado de maneira narrativa, que, por constar da grade curricular do Ensino Fundamental, parece ser considerado essencial para a formação do jovem leitor.

Selecionamos as fábulas de Esopo como contraponto às de Lobato e não as de La Fontaine, por exemplo, uma vez que, embora os textos do autor grego sejam de mais difícil acesso, ele é considerado o pioneiro desse gênero na cultura ocidental (AVELEZA, 2002). Ou seja, optamos por buscar a fonte primeira das fábulas no momento de avaliar as inovações de Monteiro Lobato. Ainda, quando transpostas da tradição oral para a forma escrita, as fábulas de Esopo foram redigidas em prosa. As fábulas de La Fontaine, ao contrário, encontram-se em versos, o que dificultaria ainda mais a comparação com os textos de Lobato.

Nossa pesquisa sustenta-se também porque, embora haja trabalhos sobre as inovações trazidas por Lobato em suas fábulas, em que se observam as relações intertextuais entre seus textos e os de Esopo ou de La Fontaine (FIORIN, 1987; OLIVEIRA e LUCENA, 2008; NADAL e MOREIRA, 2010), não se conhecem estudos que relacionem esse assunto à referenciação, procedendo a uma análise do *corpus* que siga, predominantemente, os pressupostos teóricos da Linguística de Texto.

Desse modo, a originalidade desse trabalho confirma-se, ainda, por relacionarmos o estudo da referenciação a uma abordagem contrastiva entre textos narrativos, com vistas a identificar a intencionalidade manifestada neles por meio da avaliação dos diferentes objetos de discurso construídos nas narrativas clássica e moderna. É importante ressaltarmos que, em nossa Tese, não temos por foco a intertextualidade e, portanto, não procedemos a um estudo teórico e aprofundado desse conceito. Apenas, como observamos de que modo as escolhas lexicais evidenciam avaliações semelhantes ou diferentes dos mesmos referentes em ambas as versões de uma fábula, abordamos, indiretamente, a intertextualidade.

Destacamos que pesquisas recentes associam o processo da referenciação a outras correntes teóricas, que não apenas a LT (cf. CAVALCANTE e LIMA, 2013). Nossa proposta, porém, é outra. Acreditamos que a estratégia de referenciação, por ela mesma, tem sua importância e papel, merecendo apenas uma breve revisão de alguns conceitos que hoje se confundem, além do estabelecimento de uma metodologia de análise efetiva e abrangente. Assim, procedemos a uma sutil reformulação teórica da referenciação e evidenciamos um escopo de atuação mais amplo desse processo em relação à construção de sentido dos textos e ao alcance de sua(s) intencionalidade(s). Com isso, julgamos estar contribuindo para futuras pesquisas na área.

Acreditamos que não há neutralidade no discurso, e, portanto, entendemos que todo e qualquer texto traz, mesmo que de forma implícita, uma visão e uma compreensão de mundo. Isso porque, conforme defendem os

pressupostos teóricos da LT, todo autor, ao fazer determinadas escolhas linguísticas em seus textos, silencia outras e, assim, evidencia sua intencionalidade (KOCH, 2008b). Dessa forma, postula-se que nenhum discurso é neutro. Não podemos, portanto, considerar a linguagem como uma representação fidedigna de um suposto "mundo real", mas uma atividade de interação linguística que consiste em uma construção de versões desse real, marcada pela subjetividade. Sendo assim, buscamos entender, nesta Tese, se textos predominantemente narrativos podem manifestar intencionalidades por meio de suas cadeias referenciais.

Outra motivação deste trabalho surgiu da constatação de que nossa análise precisava dar conta do contraste entre as fábulas de Esopo e as narrativas de Monteiro Lobato, mostrando intencionalidades. Assim, surgiu o seguinte questionamento: de que modo, a partir da referenciação, podemos chegar a uma compreensão do texto, identificando, inclusive, sua intencionalidade e estabelecendo um contraponto entre duas versões de uma mesma fábula para observar, principalmente, como o processo da referenciação opera na construção de sentido de cada texto?

Compreendemos que a escolha de determinado item lexical e o consequente silenciamento de outros, que poderiam ocupar o mesmo lugar no texto, marca um posicionamento frente ao tema abordado. Por isso, defendemos que o processo de referenciação pode ser responsável por evidenciar esse posicionamento mesmo em textos de tipologia predominantemente narrativa. Também, entendemos que, nesses textos, a manifestação de uma intencionalidade pode ser observada pela avaliação dos objetos de discurso, envolvidos no projeto de dizer, a partir da análise das expressões referenciais e das pistas textuais que constroem, conjuntamente, o sentido e os efeitos de sentido dos textos. Para tanto, faz-se necessário constituir uma metodologia de análise textual que dê conta dessas evidências e resolver alguns problemas de classificação ainda observados na teoria.

No que diz respeito às fábulas de Lobato, nossa hipótese é de que esse posicionamento, observado pelos processos referenciais, desconstrói ou, pelo

menos, modifica a fábula clássica, de Esopo. Assim, nessa relação intertextual, objetos de discurso aparentemente iguais receberiam configurações distintas, sendo avaliados, também, de modo diverso, por meio de expressões referenciais nominais mais ou menos marcadas semanticamente. Também entendemos que as cadeias referenciais podem contribuir, em contrapartida, para a construção de um efeito de sentido de neutralidade, o que ocorreria principalmente nas fábulas de Esopo.

Esclarecemos que, nesta Tese, ao tratarmos de expressões mais ou menos marcadas semanticamente, não o fazemos a partir de uma perspectiva tradicional estruturalista, em que se polemizam aspectos semânticos. Nossa compreensão de expressões mais marcadas semanticamente diz respeito estritamente a seu caráter mais explicitamente avaliativo dentro do processo referencial.

Finalmente, acreditamos que essa metodologia de análise dos processos referenciais, contrastando as fábulas de Monteiro Lobato e de Esopo, pode e deve ser transposta para a sala de aula. Assim, pretendemos que nossa pesquisa ajude o aluno da educação básica a identificar a intencionalidade dos textos, para também poder posicionar-se de forma crítica diante de suas leituras.

Tendo em vista o que se afirmou até o momento, o objetivo central do presente trabalho é entender, à luz da LT, de que modo a referenciação lexical constitui elemento basilar na construção de sentido de um gênero textual de tipologia narrativa, trabalhado ao longo do segundo segmento do Ensino Fundamental. Mais precisamente, busca-se compreender de que forma esse conceito opera na construção de sentido dos textos, evidenciando uma avaliação crítica dos objetos de discurso envolvidos no projeto de dizer. Destacam-se, ainda, como objetivos específicos da pesquisa:

- (i) contribuir para a teoria, que precisa de uma revisão teórica (SANTOS e CAVALCANTE, 2014; SANTOS e COLAMARCO, 2014), revisitando o processo da referenciação e propondo uma classificação ligeiramente diferente da observada em Cavalcante (2011);

- (ii) propor uma metodologia de análise das fábulas de Monteiro Lobato, em contraponto às de Esopo, a partir do processo da referenciação, que alcance o sentido do texto, sua intencionalidade, e uma compreensão maior dos objetos de discurso representados por meio do material linguístico do texto (expressões referenciais e pistas textuais);
- (iii) transpor essa mesma metodologia de análise para o estudo da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II, a partir da confecção de listas de exercícios.

Para cumprir os objetivos supracitados, organizamos nosso trabalho em seis capítulos. Após a presente introdução, o segundo capítulo traz uma breve contextualização desta Tese, em quatro partes, nas quais: (i) discutimos a situação da literatura infantil brasileira antes de Monteiro Lobato e logo após o surgimento deste autor, destacando seu papel como fundador da genuína literatura infantil brasileira e como editor pioneiro no processo de nacionalização do livro (seção 2.1); (ii) conceituamos o gênero textual fábula desde sua origem, em Esopo (seção 2.2); (iii) comentamos alguns aspectos importantes que envolvem o livro *Fábulas*, de Monteiro Lobato (seção 2.3); e (iv) abordamos brevemente o conceito da referenciação, justamente por ele perpassar toda a obra de Lobato em análise.

No terceiro capítulo, apresentamos o arcabouço teórico no qual essa pesquisa está alicerçada, enfatizando, sob o olhar da Linguística de Texto: o texto e sua construção de sentido (seção 3.1) e o processo de referenciação (seção 3.2). Na seção 3.3, apresentamos, além de um panorama teórico do conceito, propostas de intervenção na teoria.

A seguir, no quarto capítulo, explicamos os aspectos metodológicos da pesquisa (seção 4.1) e analisamos nosso *corpus*, destacando os resultados encontrados (seção 4.2).

Conforme destacamos anteriormente, essa pesquisa pretende não apenas trazer contribuições para o meio acadêmico, como também voltar-se para o ensino, enriquecendo, de alguma forma, as práticas didático-pedagógicas no que se refere a um ensino de Língua Portuguesa mais

reflexivo. Pretendemos evidenciar que, no tocante ao ensino de língua materna, é necessário que o professor trabalhe, em sala de aula, com o texto propriamente dito e que aborde os mecanismos pelos quais se constroem os sentidos do texto, para que sejam, assim, formados leitores críticos, que, por reconhecerem os mecanismos de que se compõe o discurso, terão autonomia para questionar os diversos discursos ouvidos ou lidos por eles. Desse modo, no quinto capítulo, é proposto um material didático para o 6º ano do Ensino Fundamental II, elaborado a partir de dez fábulas previamente analisadas, cinco, de Monteiro Lobato e, cinco, de Esopo.

Finalmente, no capítulo 6, sintetizamos as conclusões a que chegamos em nosso trabalho, ressaltando nossas contribuições para teoria.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERÍSTICAS TEXTUAIS

### 2.1. Discussões acerca da literatura infantil no Brasil

Ao final do século XIX, quando os autores brasileiros pensaram pela primeira vez na ideia de público-leitor, surgiram os livros nacionais dedicados às crianças. Essa nossa primeira literatura infantil, no entanto, tinha como único objetivo ensinar virtudes aos pequenos: os textos eram extremamente moralizantes e não havia, neles, espaço para a brincadeira, para a diversão.

Em “O ramo verde”, conto de Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida, Frederico, o menino “estouvado” (VIEIRA e LOPES, 1927, p.131), cai da árvore em que tentava subir – ele estava novamente aprontando – e quebra um braço. Frederico aprende a lição e deixa de ser o “madrão” (VIEIRA e LOPES, 1927, p.133) de antes. Já em “Os meninos vadios”, de Figueiredo Pimentel (1982), lemos a história de três garotos que fogem para a floresta para não assistir às aulas na escola e ouvem o sermão do sabiá que lhes ensina o valor do trabalho e condena sua preguiça. Também os poemas de Olavo Bilac, decorados e recitados pelos alunos nas escolas, visavam apenas a “contribuir para a educação moral das crianças” (SILVA, 2008, p.103).

Assim, a literatura infantil brasileira no início do século XX era restrita e artificial. Isto é, não havia muitas opções de obras nacionais para a leitura das crianças e as existentes não lhes garantiam entretenimento. Equivaliam, dessa forma, “para rapazinhos espertos, a uma vacina preventiva contra os livros futuros” (LOBATO, *apud* ACIOLI, 2012, p. 53). Não havia textos verdadeiramente escritos para as crianças reais, aquelas que brincam, que são livres, que sonham e que estão à procura do que possa encantá-las. Os textos dessa época produzidos em nosso país expressavam

uma perspectiva do adulto que quer imprimir modelos na mente infantil, essa leitura admonitória e edificante constituía a face do dever, que puxava para o primeiro plano as preocupações pedagógicas e morais, relegando a leitura como fruição para um segundo plano. (SILVA, 2008, p.104)

Tratava-se, portanto, de uma literatura sem relação com a vida, cujos livros podem ser considerados como “panfletos em favor de uma autoridade” (HUNT, 2010, p.203). Com isso, diante da precariedade da nossa literatura infantil, era preciso recorrer a textos estrangeiros. Nas palavras de Lobato:

É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde, só poderei dar-lhes o *Coração*, de Edmondo de Amicis – um livro tendente a formar italianinhos. (*apud* LAJOLO, 2000a, p. 23)

Monteiro Lobato, ao criticar a literatura nacional para crianças, não considera apenas seu conteúdo, mas também os temas abordados, a linguagem dos textos, o formato dos livros e as ilustrações oferecidas, enfim, sua crítica é à mercadoria oferecida ao consumidor jovem (ACIOLI, 2012). O autor, não se conformando com esse quadro, começa então, a partir da década de 20, sua vasta produção de obras destinadas ao público infantil.

Com Lobato, teremos, pela primeira vez em nosso país, uma verdadeira literatura infantil brasileira. Isto é, uma literatura voltada para as crianças, que visa à sua formação, mas que também expressa a sua perspectiva e que é, por isso, capaz de encantá-las; também, uma literatura que retrata a realidade do Brasil, nosso espaço e nossos costumes. Lobato insere a imaginação nas histórias para crianças, despertando, enfim, o interesse do jovem leitor (ACIOLI, 2012). O anúncio do livro *Narizinho arrebitado*, publicado em 1921 na *Revista Brasil*, confirma essa proposta:

*Narizinho arrebitado*, por Monteiro Lobato. Edição escolar, completa. É um livro fora dos moldes habituais e feito com o exclusivo intuito de interessar a criança na literatura. O livro que não interessa a criança é um mal: cria o desapego, quando não o horror à leitura. *Narizinho arrebitado* forma um volume de 181 páginas, em corpo 12, com todos requisitos didáticos e é magnificamente ilustrado com 114 desenhos de Voltolino. Preço: 2\$500. (*apud* ACIOLI, 2012, p. 56-57; grifo nosso)

A produção infantil de Lobato é bastante significativa e a maior parte de seus títulos destinados a esse grupo narra as aventuras da turma do Sítio do Picapau Amarelo. Nesta Tese, porém, como já exposto, nosso objeto de



investigação será apenas seu livro *Fábulas*, obra emblemática no que concerne ao tema da nacionalização da literatura infantil.

José Bento Monteiro Lobato defendia a ideia de que um país se faz com homens e com livros e por isso lutou durante toda a vida para construir um Brasil em que adultos e crianças pudessem de fato ter contato com os livros e, a partir deles, conhecer, pensar, questionar e mudar o país. Nessa busca, Lobato desempenhou inúmeros papéis, conforme relata Marisa Lajolo (2000b) na biografia do autor:

A mudança de papéis vividos por Monteiro Lobato é paulatina e irreversível.

Foi primeiro aprendiz de escritor, colaborador de jornaizinhos estudantis e insignificantes. Depois, escritor de verdade, colaborador de jornais e revistas de prestígio. Depois escritor-editor de si mesmo, e finalmente editor de obras alheias. (LAJOLO, 2000b, p.33)

Monteiro Lobato foi o nosso “editor pioneiro no processo de nacionalização do livro” (FEIJÓ, 2010, p.25). Antes dele, a produção e a distribuição de livros no Brasil era precária. Assim, em 1917, fundou sua própria editora: a *Monteiro Lobato e Cia.*. Antes dela, as obras adquiridas no país eram todas impressas em Portugal. A *Monteiro Lobato e Cia.*, porém, foi fechada em 1925, por falência, transformando-se, então, na “Companhia Editorial Nacional”, que não contava mais com a participação ativa de Lobato.

Após ter dado ao país a possibilidade de fazer seus livros, Lobato ocupou-se da formação de leitores brasileiros. Para o autor-editor

[...] o verdadeiro cidadão, aquele capaz de ter um pensamento autônomo, de analisar o mundo com o olho crítico, de expor e defender suas ideias e valores morais não se cria com um passe de mágica, mas precisa ser formado desde a infância. (SILVA, 2008, p.107)

Por isso, Monteiro Lobato trabalhou incessantemente, durante 24 anos de sua vida, para que jovens leitores pudessem ser formados no Brasil e fundou a literatura infanto-juvenil genuinamente brasileira. Suas obras destinadas ao público infanto-juvenil correspondem a quase metade de toda a sua produção. De acordo com Nadal e Moreira (2010):

Muito embora se saiba que, em termos cronológicos, ele não foi [...] o primeiro a preocupar-se com uma literatura voltada para os pequenos leitores, o fato é que antes dele ninguém havia feito nada igual, com uma verdadeira visão mercadológica e nas proporções em que ele o fez e, por isso, a grandiosidade e a qualidade da obra de Lobato é que o consagram merecidamente como pioneiro. (NADAL e MOREIRA, 2010, p.4)

Sendo sua preocupação a formação de leitores, para o autor, os textos infantis deveriam trazer algum ensinamento para as crianças – deveriam formá-las. Ou seja, ele não abandona a perspectiva didática sempre atribuída à literatura infantil, até mesmo porque sua intenção era dirigir-se ao público infantil escolar (NADAL e MOREIRA, 2010). No entanto, afastando-se de seus precursores, Monteiro Lobato entende que a literatura infantil deve reunir informação e divertimento. Segundo ele, para a criança, aprender também dá prazer (SILVA, 2008).

Outro diferencial seu, conforme aponta Ceccantini (2009), é o respeito que Lobato tem por seu público-alvo, os jovens leitores. Monteiro Lobato considera o que até então seus precursores na literatura infantil brasileira pareciam esquecer: que “a criança é um ser inteligente capaz de juízos críticos” (SILVA, 2008, p.104).

Mais do que apresentar conteúdos ou ditar regras de comportamento, seus livros infantis da turma do Sítio do Picapau Amarelo ensinam os pequenos leitores a refletir, a questionar, a criticar, a chegar a suas conclusões, a ter coragem para expor e para defender o próprio ponto de vista. Nada disso havia sido objetivo das escolas brasileiras e dos livros para crianças produzidos em nosso país até aquele momento. Sempre à frente do seu tempo, Lobato acredita que a leitura deve modificar as ações do leitor, configurando-se, dessa forma, como uma "leitura-ação" (ACIOLI, 2012, p. 56) em que seu receptor passa a ser um "leitor-agente" (ACIOLI, 2012, p. 56), assim como Emília, a boneca de pano questionadora, que transforma suas leituras em aventuras.

Ainda, nos textos para as crianças, Lobato recupera e valoriza a tradição oral brasileira. A linguagem empregada por ele em suas narrativas é fluente e coloquial e, “nessa medida, marco inaugural da moderna literatura infantil brasileira” (LAJOLO, 2008, p.19). Conforme advoga Santos (2003, p.118),

Monteiro Lobato “assume os procedimentos de adequação do discurso narrativo ao seu destinatário, [...], adotando um discurso narrativo que pode ser lido e compreendido pelas crianças”.

Em cartas escritas a seu amigo Godofredo Rangel, o autor ressalta a necessidade de oferecer, aos jovens leitores, histórias escritas numa linguagem objetiva, clara, acessível, o mais próximo possível do registro coloquial (SILVA, 2008). Para Lobato, é preciso que as crianças entendam de fato aquilo que ouvem e leem. Portanto, o autor obedece fielmente à exortação de Emília, em *D. Quixote das crianças*, quando ela pede à D. Benta que conte as histórias:

Com palavras suas e de tia Nastácia e minhas também, e de Narizinho, e de Pedrinho, e de Rabicó. Os viscondes que falem arrevesado lá entre eles. Nós, que não somos viscondes nem viscondessas, queremos o estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido. (LOBATO, 1968, p.12)

Para que seus textos sejam realmente escritos em “estilo de clara de ovo”, Monteiro Lobato permite que seus personagens criem palavras e inúmeras marcas da oralidade preenchem suas falas e também as do narrador. É recorrente o uso de onomatopeias e interjeições, por exemplo, nas narrativas lobatianas. Mais uma vez, suas palavras explicam-nos sua prática: “Se toda gente escrevesse como fala, a literatura seria uma coisa gostosa como um curau que comi domingo no Tremembé” (*apud* SILVA, 2008, p.106).

De forma bastante natural, no entanto, Monteiro Lobato insere também em seus textos algumas palavras de difícil compreensão. Nesses casos, as crianças questionam D. Benta sobre o significado desses vocábulos e/ou expressões, recebendo, sempre, explicações bastante pacientes da avó:

- Que é passar a vau? – perguntou Pedrinho.
- É uma expressão antiga e muito boa. Quer dizer “vadear um rio”, passar por dentro da água no lugar mais raso.
- E por que a senhoria disse “redarguiu”? Não é pedantismo? – quis saber a menina.

- É e não é – respondeu Dona Benta. – Redarguir é dar uma resposta que é também uma pergunta. Bonito, não? [...] É pedantismo para os que gostam da linguagem mais simplificada possível. E não é pedantismo para os que gostam de falar com grande propriedade de expressão. (LOBATO, 2008, p.26)

Desse modo, mais uma vez percebemos o respeito de Lobato por seu público jovem. O autor quer tornar a leitura mais fácil para as crianças, mas, ao mesmo tempo, não subestima sua capacidade de aprender coisas novas. Ele parece, assim, acreditar no que postula White (*apud* HUNT, 2010, p.158):

Alguns escritores deliberadamente evitam usar palavras que julgam que a criança não conhece. Isso castra a prosa e, segundo imagino, entedia o leitor. As crianças se dispõem a qualquer coisa, desde que estejam em um contexto que absorva sua atenção.

Entendendo que os textos clássicos devem ser compreendidos como textos primeiros, que podem dar origem, indefinidamente, a novos textos, “sempre atualizados com o contexto histórico em que são produzidos e com o público a que se destinam” (FEIJÓ, 2010, p.43), Lobato vai adaptar – ou reescrever – inúmeros textos clássicos da literatura universal, sempre os “vestindo”, de algum modo, “à nacional”. É isso o que ele faz em seu livro *Fábulas*.

## **2.2.O Gênero textual “fábula”**

Antes de analisarmos a constituição do gênero textual fábula, cabe esclarecer, que seguimos, nessa pesquisa, os pressupostos teóricos da LT para a definição do que são os gêneros e as tipologias textuais.

Desse modo, compreendemos por gêneros textuais, “os textos materializados em situações comunicativas recorrentes” (MARCUSCHI, 2008, p.155), ou, ainda,

os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p.155)

Já por tipologia textual designamos uma espécie de sequência teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas e estilo) e, segundo Marcuschi (2008), abrangem as categorias conhecidas como *narração*, *argumentação*, *descrição*, *exposição* e *diálogo*. A narração, tipologia predominante nas fábulas, “consiste no relato de acontecimentos ou fatos, reais ou imaginários, envolvendo ação e movimento, no transcorrer do tempo” (PEREIRA *et alii.*, 2006, p.34). Nos textos de tipologia narrativa: (i) os acontecimentos que compõem o enredo situam-se em determinados tempo e espaço; (ii) os tempos verbais e os advérbios marcadores de tempo e espaço promovem a coesão e a coerência narrativa; e (iii) os verbos aparecem conjugados na primeira ou na terceira pessoa, uma vez que os fatos podem ser narrados por um narrador que participa ou não da história, respectivamente (cf. PEREIRA *et alii.*, 2006).

Segundo Avezza (2002), a fábula, gênero textual objeto de estudo desta pesquisa, teria surgido ainda na pré-história, sendo impossível determinar a época exata de seu aparecimento. Sendo difundida, inicialmente, pela tradição oral, somente mais tarde ganhou a forma escrita. Ainda de acordo com Avezza, a fábula seria uma variante do conto popular, gênero textual que nasceu em tempos bastante remotos, quando os homens começaram a se comunicar verbalmente. Consoante o autor, a fábula, juntamente com o conto e com o mito, seriam as primeiras formas literárias narrativas de que se tem conhecimento, tendo surgido mesmo antes da invenção da escrita. Embora não se possa precisar também com certeza a região onde surgiu o gênero, sabe-se que a narrativa fabulística é “um hábito multissecular na Grécia” (AVELEZA, 2002, p.XXXIV). Sua popularidade entre os gregos do século V a.C. era tanta, que o cidadão educado deveria citá-las em festas e reuniões políticas para impressionar os outros convidados e fortalecer seu ponto de vista (DUARTE, 2013).

Desse modo, em sua origem, o gênero fabular era voltado para os adultos. Havia, inclusive, conforme esclarece Duarte (2013, p. 19), fábulas que tratavam de temas polêmicos, como morte e sensualidade, ou de assuntos considerados politicamente incorretos, como velhinhas sendo violadas (“O

rapazote e a velhaca"), crianças embriagando-se ("O menininho que vomitava tripas"), discriminação racial ("O etíope"), pederastia e prostituição ("Zeus e a Vergonha"). Somente mais tarde, por constituírem-se de narrativas breves, que adotam um estilo simples e apresentam um fundo moral, passaram a ser consideradas como textos para as crianças, excluindo-se, é claro, os títulos de temática inapropriada. Com isso, Esopo tornou-se "uma das maiores referências para a literatura infantil em todos os tempos" (DUARTE, 2013, p. 9).

Ainda, as fábulas não surgiram como gênero autônomo, já que os primeiros exemplos de que se tem conhecimento faziam parte de outras obras, ou seja, apareciam inseridos em textos representativos de outros gêneros, como a poesia épica ou lírica e a oratória (DUARTE, 2013). Adiantando o que será apresentado na próxima seção deste capítulo, é curioso observar que Monteiro Lobato, muitos séculos depois, resgata essa mesma estrutura, inserindo as suas fábulas dentro de um outro texto: a narrativa sobre os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, que ouvem uma série de fábulas contadas por Dona Benta e discutem sobre elas e sobre outros assuntos ao término de cada história.

O escravo Esopo, na Grécia do século VI a.C., contava suas fábulas em prosa, em praça pública. Fedro, escravo latino do século I d.C., foi outro importante fabulista da tradição oral. La Fontaine recriou, em versos, as pequenas narrativas de seus dois antecessores, enriquecendo, ainda, seu repertório, com fábulas inéditas de sua autoria e ambientando seus textos na França do século XVII. Muitos outros autores da literatura universal recontaram, então, os textos desses três grandes fabulistas ou criaram suas próprias versões. No Brasil, Monteiro Lobato (1882-1948) e Millôr Fernandes (1923-2012) destacam-se por reescrever essas antigas historietas, cada um a seu modo: o primeiro, objeto de estudo deste trabalho, publicou em 1921 a primeira versão de sua obra *Fábulas*, na época ainda intitulada *Fábulas de Narizinho*; o segundo transformou os textos clássicos nas *Fábulas fabulosas* (1964), individualizando suas fábulas – ou “anti-fábulas”, conforme defende Fiorin (1987) – por sua irreverência ímpar.

Constatamos, desse modo que, “envolvidas pelo imaginário e o fantástico, as fábulas trilharam muitos caminhos, recebendo as influências de costumes, valores e tradições dos lugares por que passaram” (OLIVEIRA e LUCENA, 2008, p.1879). Ainda nas palavras de Oliveira e Lucena (2008, p. 1879), “com mais de dois mil anos, essas pequenas narrativas são imortais como a fênix, renascem das cinzas pelos movimentos do retorno, pela ordem do repetível”. Isto é, por serem narrativas sobre o homem de um determinado tempo e espaço (SANTOS, 2003), as fábulas receberam de cada novo autor sua assinatura própria. Duarte (2013) conclui que a fábula encerra em si dois valores distintos: por um lado, ela é dependente de seu tempo e espaço, devendo atualizar-se sempre às novas circunstâncias de produção; em contrapartida, o seu caráter universal faz com que ela desperte o interesse de diferentes gerações ao longo dos séculos.

Consoante Aveleza (2002), a fábula caracteriza-se por ser uma obra individual – ao contrário do mito que, também figurativo, constitui um produto coletivo – e tem por objetivo “explicar comportamentos e situações da vida prática cotidiana, chegando mesmo a sugerir soluções, principalmente no campo da convivência social” (AVELEZA, 2002, p.XXXII). Seus personagens são, mais comumente, animais, plantas ou objetos personificados. Assim, na fábula, a personificação tem a dimensão de todo um texto, operando, nele, uma generalização impactante, já que intensifica os sentidos desse texto (FIORIN, 2014). Há alguns poucos casos, no entanto, em que deuses ou seres humanos são os protagonistas (DUARTE, 2013). Das fábulas clássicas podem ser extraídos paradigmas de comportamentos sociais que têm por base o que seria o bom senso popular. Elas podem, ainda, propor explicações imaginárias sobre a origem de determinados comportamentos e/ou situações (AVELEZA, 2002). O fabulista latino Fedro explica a função social do gênero em suas fábulas *Prolugus – Auctor e Phaedrus ad Eutychem*, respectivamente:

O gênero de Esopo é constituído de exemplos; e por meio de fábulas não se pretende outra coisa senão que seja corrigida a ignorância dos mortais e estimulada a sua atividade consciente (*apud* AVELEZA, 2002, p.XXXIII).

Agora resumidamente ensinarei por que foi inventado o gênero das fábulas: como a escravidão submissa não ousava dizer o que queria, disfarçava em fábulas os seus próprios sentimentos, esquivando-se da punição com imaginosos divertimentos (*apud* AVELEZA, 2002, p.XXXIII).

A fábula é composta de pelo menos duas partes bastante marcadas: o enredo e a moralidade (ou moral). Ou seja, é uma narrativa breve, à qual sempre se associa, mesmo que implicitamente, uma moralidade, o que determina o caráter exemplar desse gênero. Segundo Aveleza (2002), a moral seria uma espécie de interpretação final e resumida da fábula.

Consoante Duarte (2013), quando, em sua origem, as fábulas apareciam dentro de outros textos, sua moral era inserida no próprio corpo da fábula (*endomítio*), na voz de um dos personagens; também essa estratégia, como veremos no capítulo 4, será resgatada por Monteiro Lobato. Ao tornar-se um gênero autônomo (século IV a.C.), sua moralidade passou a ser apresentada no início do texto (*promítio*), como ocorre em Fedro e em La Fontaine, ou ao final dele (*epimítio*), como vemos em Esopo. Ainda, a moralidade é tão frequente nas fábulas, que, por vezes, é suprimida do texto, uma vez que sempre pode ser presumida pelo leitor atento.

A moral é a parte do texto que mais varia entre as versões de uma mesma fábula (DUARTE, 2013), isso porque ela encerra em si os valores e a ética de determinado povo. Assim, por exemplo, em uma sociedade estratificada, patriarcal e escravocrata, as práticas defendidas e sugeridas serão distintas daquelas valorizadas em uma sociedade democrática e igualitária. Ressaltamos que, mesmo reconhecendo que a ética antiga (das fábulas de Esopo) é bastante diferente da ética moderna (das fábulas de Monteiro Lobato), nosso intuito nesse trabalho, ao contrapor as fábulas de Monteiro Lobato às de Esopo, não é analisar questões históricas, sociais ou culturais. Nossa proposta é observar, no plano textual-discursivo, as diferenças e semelhanças das versões de Lobato em relação aos textos de seu precursor grego.

Metaforicamente, La Fontaine (1989) explica que o enredo da fábula seria o corpo do texto e, a moralidade, sua alma. Já Fiorin (1987) entende que



o enredo constitui o discurso figurativo da fábula, ao passo que a moralidade corresponde ao discurso temático. Desse modo, no discurso figurativo, há a narração de um episódio, em que as personagens, mesmo que figurativizadas por animais, plantas, objetos e etc., correspondem a tipos humanos. Segundo Fiorin, o discurso temático, por sua vez, é a explicação do discurso figurativo. Em palavras do autor, “ele ancora a interpretação, não permitindo que o enunciatário entenda o discurso figurativo de maneira diferente daquela que o enunciador deseja” (FIORIN, 1987, p.85). Ou seja, pode-se dizer, como postulam Oliveira e Lucerna (2008), que, na fábula, as narrativas servem de pretexto à moral.

Depreende-se, ainda, segundo Fiorin (1987), uma terceira parte da fábula: o enunciado que liga os discursos figurativo e temático, mostrando que o primeiro depende do outro para ser corretamente compreendido; ele pode se manifestar de diferentes maneiras: “Moral:...”, “A fábula mostra que...”. Esse enunciado e até mesmo a moralidade nem sempre aparecem explícitos em fábulas, no entanto, uma vez que sempre estão presentes no texto, mesmo que implicitamente, são essenciais para a caracterização do gênero.

Um importante questionamento coloca-se, ainda, acerca da definição do gênero fabular: uma vez que a moral é tão relevante nas fábulas e nela defendem-se paradigmas do que seria o correto comportamento social, seriam as fábulas predominantemente narrativas ou, ao contrário, devemos considerar esse gênero como principalmente argumentativo? Não é nossa proposta, nesse estudo, definir a tipologia textual predominante na fábula; apenas teceremos breves comentários acerca dessa discussão, apresentando, de modo não conclusivo, nossa compreensão da questão.

Arantes (2008), após a análise de seu *corpus*, conclui que a estrutura da fábula, ao contrário do que se estabelece didaticamente, deve ser caracterizada como argumentativa *strictu sensu*, segundo a nomenclatura proposta por Travaglia (1991). Para este autor, um texto é argumentativo *strictu sensu* quando apresenta a argumentação de forma explícita, uma vez que seu produtor entende seu interlocutor como alguém que não concorda com ele e

que, portanto, deve ser convencido de sua opinião. Segundo Arantes, a narração, na fábula, “atua como técnica no discurso argumentativo” (ARANTES, 2008: p.195), isto é, constitui apenas um argumento.

Entendemos a posição de Arantes (2008), até mesmo porque, conforme defendemos anteriormente, na fábula, a narrativa pode servir de pretexto à moral, justamente o componente argumentativo do texto. No entanto, do ponto de vista estrutural, a estrutura narrativa ocupa quase que a totalidade do texto e a moralidade nem sempre é explicitada na fábula, o que contraria um dos pré-requisitos de Travaglia (1991) para a caracterização de determinado gênero como argumentativo *strictu sensu*, o de que a argumentação deve ser apresentada de forma explícita.

Também de acordo com o próprio Travaglia (1991), um gênero pode ser composto por mais de um tipo textual. Adam (2008), ao tratar das sequências textuais, defende que o encadeamento de várias sequências em um único texto pode acarretar em uma combinação de sequências idênticas ou diferentes, sendo esse último caso o mais frequente. Ainda segundo o autor, um modo de composição, no entanto, aparece sempre como dominante; de acordo com seu exemplo: "O texto é predominantemente *narrativo*, [...] apesar da presença de sequências de outro tipo" (ADAM, 2008, p. 269, grifo do autor). Além disso, o efeito dominante, em relação às sequências, seria determinado "pelo maior número de sequências de um certo tipo que aparecem no texto [ou] pelo tipo de sequência matriz (que abre e fecha o texto)" (ADAM, 2008, p. 269).

Desse modo, assim como Silva (1999), Arantes (2006) e Travaglia (2007), preferimos entender que a fábula corresponde a um gênero predominantemente narrativo – respeitando, para isso, sua estrutura e a própria classificação didática – com um fortíssimo componente argumentativo, que pode, inclusive, direcionar a interpretação da narração. A origem da fábula, como uma variante do conto popular (AVELEZA, 2002), contribui também para mantermos essa classificação.

Assim, mesmo compreendendo que, na fábula, narra-se uma história com o objetivo de persuadir o leitor a adotar determinado comportamento, sua

organização textual, ou seja, sua natureza linguística de composição continua sendo quase que totalmente narrativa. Segundo o critério estabelecido por Adam (2008), predominam, nas fábulas, sequências narrativas em relação às argumentativas, uma vez que as últimas aparecem quase que unicamente na moral do texto, quando explícita. Nas fábulas de Monteiro Lobato, conforme veremos na próxima seção deste trabalho, essa realidade torna-se ainda mais evidente, uma vez que a ideia de persuasão do leitor é enfraquecida em suas versões e a moral, em seus textos, não é compreendida como verdade absoluta a ser adotada, sendo, inclusive, questionada pelas crianças.

### **2.3. Fábulas: uma obra brasileira para crianças brasileiras**

Monteiro Lobato escreveu sua obra *Fábulas* motivado, mais uma vez, pela constatação da artificialidade da literatura que era oferecida às nossas crianças. Em suas palavras:

Ando com várias ideias. Uma: vestir á nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para criança. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memoria e vão reconta-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção á moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, á medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulario nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fabulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fabulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. [...] É de tal pobreza e tão besta nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação dos meus filhos. (apud SOUZA, 2008, p.104)

Assim, em 1921, o autor publica *Fábulas de Narizinho*, com 29 fábulas e 76 páginas ilustradas por Voltolino. Na nota introdutória dessa primeira edição, Lobato escreve:

As fabulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infancia. Por intermedio dellas a moral, que não é outra coisa mais que a propria sabedoria da vida accumulada na consciencia da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animais, às árvores, às águas e tece com

esses elementos pequeninas tragédias donde ressurte a 'moralidade', isto é, a lição de vida.

O maravilhoso é o assucar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão.

O autor nada fez senão dar forma às velhas fabulas que Esopo, Lafontaine e outros criaram. [...] todas trazem em mira contribuir para a criação da fabula brasileira, pondo nellas a nossa natureza e os nossos animaes, sempre que isso é possível. (*apud* SOUZA, 2008, p. 5-6)

Para o autor, a importância do “assucar que disfarça o medicamento amargo” é tão grande que, em suas versões das fábulas de seus precursores, ele desconstrói a moral original, relativizando algumas verdades e valores absolutos defendidos nos primeiros textos e, quando explicita a moral da fábula, o faz de forma bastante leve, utilizando a irreverência ou valendo-se de conhecidos ditados populares. Sendo assim, de maneira suave e descontraída, os ensinamentos são transmitidos aos leitores que são convidados, ainda, a refletir sobre eles, em palavras de Narizinho:

[...] as fábulas são sabidíssimas. No momento a gente só presta atenção na fala dos animais, mas a moralidade nos fica na memória e de vez em quando, sem querer, a gente aplica *el cuento* [...]. (LOBATO, 2008, p. 118)

Destaca-se ainda, o desejo de Lobato de nacionalizar os textos originais, adaptando as fábulas europeias ao contexto de nossas crianças. É também importante ressaltar que:

fazendo uma tradução tipicamente brasileira [...], ele também visa contribuir para o crescimento e a valorização da nossa literatura, o que, de certa forma, se inseria no seu amplo 'projeto nacionalista', que obviamente ultrapassava as fronteiras literárias e editoriais. (NADAL e MOREIRA, 2010, p.3)

Antes de Monteiro Lobato, conforme relatam Nadal e Moreira (2010), outros autores brasileiros adaptaram as famosas fábulas de Esopo e de La Fontaine, dentre os quais se destacam: Bonsucesso (1833-1899), Coelho Neto (1864-1934), Kopke (1852-1926) e o já citado Figueiredo Pimentel (1869-1914).

Embora Bonsucesso demonstrasse certa preocupação em nacionalizar alguns personagens e cenários dos textos originais, suas *Fábulas*, publicadas em 1895, não se voltam necessariamente para o público infantil e mesmo sua linguagem é de difícil compreensão para esse público. Já Coelho Neto prezava

pelo preciosismo da escrita e, portanto, seus livros *Apólogos* (1904) e *Fabulário* (1907) distanciam-se do pequeno leitor para o qual “seu vocabulário é muitas vezes inalcançável e sua estilística frasal um tanto indestrinçável” (NADAL e MOREIRA, 2010, p.5). O mesmo se observa em *Fábulas* (1891) de Kopke, obra comentada pelo próprio Lobato em carta a seu amigo Rangel: “Há umas fábulas de João Kopke, mas em verso – e diz o Correia que os versos de Kopke são versos de Kopke, isto é, insulsos e de não fácil compreensão por cérebros ainda ternos” (*apud* NADAL e MOREIRA, 2010, p.6). Por fim, Pimentel, autor cuja obra caracteriza-se por seu viés extremamente moralizante e sua linguagem rebuscada demais, portanto, artificial para os jovens, publicou algumas dessas fábulas no livro *Contos da Carochinha* (1896).

Por toda a inovação trazida e por estar realmente de acordo com o público infanto-juvenil, o sucesso das fábulas de Lobato foi tão grande que novas edições de seu livro eram lançadas quase que anualmente. Em 1922, Lobato mudou o título da obra para *Fábulas* e a ampliou: 77 fábulas em 184 páginas. O título manteve-se o mesmo a partir de então, mas a quantidade de textos sofreu inúmeras alterações, variando entre 29 e 77 fábulas.

A maior mudança na obra aconteceu, porém, em sua 8ª edição, quando Lobato inseriu comentários dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo ao final de cada fábula, criando, assim, um outro texto, dentro do qual suas fábulas passaram a estar inseridas, recurso que, de certo modo, resgata a origem do gênero fabular, como vimos na seção 2.2 deste capítulo. Ainda, muitas vezes, esses comentários aparecem relacionados entre si, não sendo totalmente independentes um do outro, ao contrário das fábulas propriamente ditas. Dona Benta narra as histórias para as crianças “contadamente” – segundo seu neto, Pedrinho – traduzindo os vocábulos difíceis e fazendo com que seus pequenos ouvintes de fato entendam aquilo que estão ouvindo (SILVA, 2008). No entanto, por ser questionada após cada narração, pode-se dizer que a avó “não é sacralizada como a autoridade detentora infalível e inquestionável duma suposta ‘verdade única’” (NADAL e MOREIRA, 2010: p.3).

Apesar de a avó ser a narradora das fábulas, não há uma introdução na obra explicando isso. O livro começa com a fábula "A cigarra e as formigas", sem que seu narrador seja identificado, e o reconhecimento de Dona Benta como tal só se dá ao final dos comentários das crianças, quando Emília pede à senhora: "Conte outra" (LOBATO, 2008, p. 14). Assim ocorre até o final da obra: as fábulas propriamente ditas são narradas pela avó sem que nenhuma referência seja feita a ela. Ainda, um outro narrador, não identificado em momento algum, surge durante as discussões dos personagens do sítio. Ele, inclusive, refere-se à Dona Benta utilizando a 3ª pessoa e insere sua fala no texto fazendo uso de travessões:

Dona Benta aceitou a objeção e disse:

- Sim, mas nas fábulas os animais falam a nossa língua e na realidade só falam as linguinhas deles. Está satisfeita? (LOBATO, 2008, p. 14)

De acordo com Fiorin (2003, p. 35), a plurivocidade é uma característica inerente ao romance - podemos dizer que aos textos narrativos literários em geral - e aparece nos diversos textos por meio do que o autor denomina de discurso objetivado, isto é, um discurso representado em que "num mesmo contexto, há dois centros, duas unidades de discurso: o enunciado do narrador e o enunciado da personagem" (FIORIN, 2003, p. 35). Ainda nesse caso, considera-se que a segunda unidade não seja autônoma, mas subordinada à primeira. Nos textos que compõem as *Fábulas* de Lobato, como vimos, diferentes centros discursivos também podem ser observados. A primeira unidade de discurso corresponderia ao enunciado do narrador não identificado. A segunda, ao enunciado de Dona Benta, a quem o narrador dá voz, sem sinalizar, durante a narração das fábulas e, sinalizando, no momento em que os personagens do Sítio dialogam entre si. Finalmente, há ainda os enunciados dos diferentes personagens das fábulas propriamente ditas e dos demais personagens do Sítio.

No que diz respeito à origem dos textos narrados por Dona Benta, alguns indicativos nos são dados no decorrer da obra. Após a fábula "O corvo e o pavão", Emília pergunta à Dona Benta se quem inventou as fábulas foram os

animais. A senhora nega, completando que "Quem inventou a fábula foi o povo e os escritores as foram aperfeiçoando" (LOBATO, 2008, p. 59). Já em "Pau de dois bicos", a narradora atribui a La Fontaine a autoria do texto. Ainda, em "O cavalo e as mutucas" e "O jabuti e a peúva", Dona Benta assume a autoria das fábulas. Ou seja, ao mesmo tempo em que reconhece estar contando textos de outros autores, a avó coloca-se também como autora de algumas das fábulas.

Em relação à estratégia de inserir os personagens do Sítio em suas *Fábulas*, deve-se reconhecer, nela, também uma forma de "vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo" (LOBATO, *apud* Souza, 2008, p.104), uma vez que o Sítio do Picapau Amarelo pode ser considerado um microcosmos do Brasil, representando "em um pequeno espaço de terra, o Brasil todo, através das personagens e de sua maneira de vida" (GÊNOVA, 2008, p.416). Assim, trazer as fábulas para o Sítio é trazer as fábulas para o Brasil.

Além disso, nesses momentos Lobato ensina os jovens leitores a ler criticamente e a não aceitar nenhuma verdade como absoluta e definitiva. Isso porque, após cada uma das fábulas, os meninos, algumas vezes acompanhados por Tia Anastácia, tecem comentários e questionam aquilo que acabaram de ouvir. Essa estrutura criada pelo autor nos dá uma lição extremamente lobatiana:

Um dado interessante a observar nos comentários é a representação do exercício da crítica, não somente por parte de Dona Benta, mas, principalmente, por parte das crianças. É nesse intervalo que Lobato dá uma verdadeira aula de mediação de leitura, mostrando que os textos – inclusive as fábulas – não foram feitos para servir como lições a serem 'aprendidas', mas como objetos de reflexão, de debate, inclusive de recusa [...]. (SOUZA, 2008, p.114)

Assim, por meio desses diálogos acerca das narrativas contadas por Dona Benta, coloca-se "em discussão a fábula da tradição, outros *jogos de verdade* são inaugurados [e críticas são tecidas] a *jogos de verdade* já cristalizados". (OLIVEIRA e LUCERNA, 2008, p.1883; grifos dos autores). As inserções das diferentes personagens com suas opiniões divergentes e as discussões que se instauram daí configuram uma "riqueza polifônica,

evidenciadora de senso crítico, criativo e lúdico” (NADAL e MOREIRA, 2010, p.2).

É importante lembrarmos que, no gênero fabular, a narrativa pode servir de pretexto à aparição da moral. Seguindo esse raciocínio, poderíamos compreender, então, concordando com Oliveira e Lucerna (2008), que, em Lobato, a fábula propriamente dita serviria, em certas ocasiões, de pretexto aos diálogos das personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Em suas versões, pode-se dizer até mesmo que a própria moral, quando explicitada, serve de pretexto a esses diálogos, uma vez que, neles, os ensinamentos das fábulas são questionados, negados ou reafirmados pelas crianças e por Emília. Muitas vezes, inclusive, outras lições, não presentes nas fábulas, são transmitidas ao leitor nesse outro texto. Ainda, nessas conversas, riquíssimas, os personagens:

(i) discutem as normas culta e popular da língua, ora defendendo o falar do povo por ser autêntico, ora valorizando a norma culta por possibilitar uma comunicação com maior "propriedade de expressão" (LOBATO, 2008, p. 26);

(ii) problematizam assuntos gerais, relacionados a algum elemento da fábula, que envolvem à realidade a sua volta,

- Querem ver um erro absurdo da natureza? Essa coisa do tamanho... Para que tamanho? Para que quer um elefante um corpão enorme, se podia muito bem viver e ser feliz com um tamanhinho de pulga? Que adianta aquele beijo de Tia Nastácia? Tudo errado - e o maior dos erros é o tal tamanho. (LOBATO, 2008, p. 18);

(iii) relembram situações vividas por eles em outras histórias, estabelecendo, desse modo, uma relação de intertextualidade entre as *Fábulas* e outras obras da saga do Sítio do Picapau Amarelo, "Lembra-se, vovó, do que [Emília] disse para Dom Quixote, naquela vez em que o herói montou no Conselheiro por engano [...]?" (LOBATO, 2008, p. 37);

(iv) refletem sobre a literatura, seu valor e o da linguagem poética,

"- Sim, minha filha, apesar do meu desamor pela 'literatura', às vezes faço alguma. Isso aí é uma "imagem literária". A Lua é um astro poético, e quando um gatinho anda miando pelo telhado, um poeta pode dizer que ele está fazendo sonetos à Lua. É uma bobagenzinha poética." (LOBATO, 2008, p. 33);



(v) conversam sobre o gênero fabular, sua estrutura, origem, função e, confirmando que as fábulas são histórias de gente e não de animais, as crianças reconhecem, em alguém próximo, um dos animais do texto ouvido, "Outro dia vi essa fábula em carne e osso. A filha do Elias Turco estava sentada à porta da venda [...]"(LOBATO, 2008, p. 98);

(vi) questionam e esclarecem o significado de alguns vocábulos ou expressões da língua, "[...] o modo de botar um defeito em alguém ou alguma coisa era sempre por meio do 'senão' - e por fim essa palavra ficou sinônima de defeito." (LOBATO, 2008, p. 59);

(vii) fazem referência a períodos históricos, a filmes, a filósofos e a autores, obras e personagens da literatura universal, "- E quem é esse Bocage, vovó? - perguntou a menina. - Um velho poeta português, notável pelas suas agudezas." (LOBATO, 2008, p. 114).

Finalmente, podemos compreender que “são esses diálogos a principal *assinatura* da marca de autoria” (OLIVEIRA e LUCERNA, 2008, p.1884; grifo dos autores) nas reescritas lobatianas, em relação às versões de seus precursores mais diretos, Esopo e La Fontaine. No entanto, essa estratégia não pode ser compreendida como uma grande contribuição do autor para o gênero, uma inovação, uma vez que, conforme exposto anteriormente, Lobato estaria retornando - intencionalmente ou não - à origem das fábulas, ao apresentá-las dentro de um outro texto. Como vimos, a fábula não surgiu como um gênero autônomo (DUARTE, 2013). Desse modo, também não se pode dizer que o autor subverte o gênero em pauta ao modificá-lo pela introdução desses comentários.

Em suma, acreditamos, desse modo, que na obra em questão, o gênero fabular aparece novamente dentro de um outro texto, a narrativa sobre os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, que escutam, juntos, a uma série de pequenas fábulas e discutem sobre elas e sobre outros assuntos variados. Desse modo, as fábulas propriamente ditas, contadas por Dona Benta às crianças e a nós leitores, aparecem inseridas dentro dessa primeira grande narrativa. Embora as fábulas sejam independentes umas das outras, a história

como um todo segue uma sequência do início ao fim da obra, percebe-se que o fato narrado não é concluído ao final de cada um dos textos, mas segue até o final do livro. Tanto é assim que, após a narração da última fábula, Pedrinho reclama: "- Chega de fábulas, vovó! [...] Já estamos empanturrados. [...] Estou com a cabeça cheia de 'moralidades'" (LOBATO, 2008, p. 118).

#### 2.4.A Intertextualidade

Embora nossa análise das fábulas de Monteiro Lobato em contraponto às de Esopo não tenha por objetivo discutir tipos de relações intertextuais, não é possível tratar dessas fábulas sem ao menos tecer alguns comentários sobre a intertextualidade. Em palavras de Michelli (2007, p. 9):

A intertextualidade, estabelecendo a relação com textos anteriores, revitaliza a fábula, permitindo a abordagem de diferentes "mundos" – o literário, o social, o histórico -, segundo a época estudada.

Genette (1982/2010) trata, de forma geral, dos diálogos entre textos como relações de transtextualidade, definindo-as como "tudo que coloca [o texto] em relação, manifesta ou secreta, com outros textos" (GENETTE, 2010, p. 11). O autor reconhece cinco tipos distintos de relações transtextuais, que listamos e definimos brevemente nos tópicos seguintes:

- (i) **Intertextualidade**, que corresponde a uma relação de copresença entre dois ou mais textos.
- (ii) **Paratextualidade**, que diz respeito aos sinais acessórios que fornecem ao leitor algum tipo de informação sobre o texto (título, prefácio, prólogo, notas marginais, epígrafes, ilustrações, entre outros).
- (iii) **Metatextualidade**, nome dado aos comentários de um texto sobre outro do qual ele trata, sem necessariamente citá-lo.
- (iv) **Arquitextualidade**, de caráter puramente taxonômico, refere-se a "uma relação completamente silenciosa que, no máximo, articula apenas uma menção paratextual" (GENETTE, 2010, p. 15).

(v) **Hipertextualidade**, que definiremos a partir da própria explicação de Genette (2010, p. 16; grifos do autor):

Entendo por hipertextualidade toda relação que une um texto B (que chamarei de *hipertexto*) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei *hipotexto*) do qual ele *brota* de uma forma que não é a de comentário.

Koch; Bentes e Cavalcante (2008, p. 119) compreendem a relação de intertextualidade de Genette como uma "intertextualidade restrita", isso porque ela abrange apenas os casos em que um texto está efetivamente presente em outro texto, como nas *citações com aspas*; no *plágio*, isto é, quando um autor cita uma outra obra sem informar que não é seu autor; e na *alusão*, em que a citação feita a outro texto é bastante sutil. A essa lista, Piègay-gros (1996) acrescenta a *referência*, em que um texto não expõe o outro ao qual ele faz referência, mas apenas remete o leitor a esse outro texto, sem citá-lo literalmente.

Outra relação transtextual de Genette que nos interessa observar com mais cuidado é a hipertextualidade, em que o autor trata de textos de "segunda mão" (2010, p. 16), ou seja, quando um texto deriva de outro preexistente. Este é o caso das fábulas de Monteiro Lobato, que correspondem a recriações das fábulas de Esopo.

Ainda conforme Genette, o quadro geral das práticas hipertextuais poderia ser disposto da seguinte maneira:

Regime Relação	lúdico	satírico	sério
Transformação	PARÓDIA	TRAVESTIMENTO	TRANSPOSIÇÃO
Imitação	PASTICHE	CHARGE	FORJAÇÃO

**Quadro 1:** Quadro geral das práticas hipertextuais; adaptado de Genette (2010, p.40).

Piègay-gros (1996), por seu turno, compreende que existem dois tipos distintos de relações intertextuais: as relações de *co-presença* e as relações de *derivação*. As primeiras correspondem aos casos de *citação*, *referência*, *plágio*

e *alusão*. Já sobre as relações de derivação, a autora afirma que

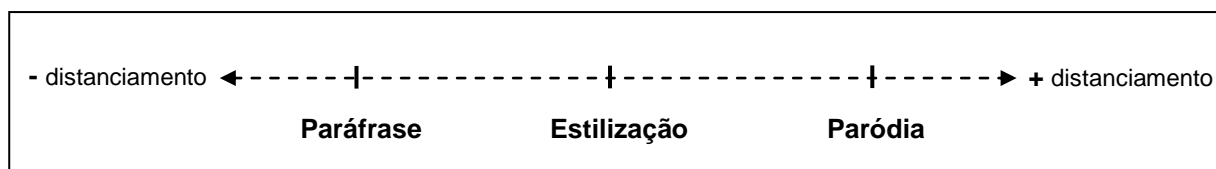
a paródia e o pastiche são os dois grandes tipos de derivação que ligam um texto ao outro; a primeira se apoia numa transformação, e a segunda, numa imitação do "hipotexto". (PIÉGAY-GROS, 1996, p. 230)

Ou seja, as formas de hipertextualidade, propostas por Genette, foram redimensionadas por Piégay-gros a formas de intertextualidade por derivação.

Para Sant'Anna (2003, p. 17) a paródia opera uma transformação no texto base, ao passo que "a paráfrase está do lado da imitação e da cópia". Ainda segundo Sant'Anna, é necessário diferenciar a paródia da estilização, conforme esclarece Tynianov (1969; *apud* SANT'ANNA, 2003, p. 13-14):

a estilização está próxima da paródia. Uma e outra vivem de uma vida dupla: além da obra há um segundo plano estilizado ou parodiado. Mas, na paródia, os dois planos devem ser necessariamente discordantes, deslocados: a paródia de uma tragédia será uma comédia [...]. Mas, quando há estilização, não há discordância, e, sim, ao contrário, concordância dos dois planos: o do estilizando e o do estilizado, que aparece através deste.

De outra maneira, Sant'Anna (2003, p. 41; grifos do autor) explica que "a diferença entre esses três termos está em que a paródia *de forma*, a paráfrase *conforma* e a estilização *reforma*". Nesse sentido, existiria um *continuum* entre essas três formas intertextuais, segundo seu distanciamento do texto base:



**Figura 1:** *Continuum* das formas intertextuais segundo seu distanciamento do texto base, a partir de Sant'Anna (2003).

Finalmente, Sant'Anna (2003, p. 26; grifo do autor) compreende que "os conceitos de paródia, paráfrase e estilização são *relativos* ao leitor, isto é, dependem do receptor". Consoante o autor, apenas leitores mais informados são capazes de perceber as relações intertextuais.

Ao tratarmos da intertextualidade, é ainda interessante abordar, mesmo

que brevemente, sua relação com o conceito da polifonia:

O conceito de polifonia é mais amplo que o de intertextualidade. Enquanto nesta [...] faz-se necessária a presença de um intertexto, cuja fonte é explicitamente mencionada ou não [...], o conceito de polifonia, tal como elaborado por Ducrot (1980, 1984), a partir da obra de Bakhtin (1929) [...] exige apenas que se *representem, encenem* (no sentido teatral), em dado texto, perspectivas ou pontos de vista de enunciadores (reais ou virtuais) diferentes [...]. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 79; grifos das autoras)

Nesse sentido, a polifonia é um aspecto constante no discurso, portanto, ela engloba todos os casos de intertextualidade, porém seu alcance é bem mais amplo que o daquela.

As fábulas de Monteiro Lobato analisadas nesta Tese são recriações das fábulas de Esopo e todas elas, de alguma maneira, modificam o texto clássico, até mesmo porque, como vimos, o objetivo de Lobato nessas reescritas era “vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo” (LOBATO, *apud* Souza, 2008, p.104). Assim, o autor procurou reescrever essas fábulas de modo a aproximar o leitor brasileiro da sua realidade:

fazendo uma tradução tipicamente brasileira, [...], ele também visava contribuir para o crescimento e a valorização da nossa literatura, o que, de certa forma, se inseria no seu amplo "projeto nacionalista", que obviamente ultrapassava as fronteiras literárias e editoriais. (NADAL e MOREIRA, 2010, p. 3)

Uma vez que seu público-alvo eram as crianças, Monteiro Lobato também "assume os procedimentos de adequação do discurso narrativo ao seu destinatário, [...], adotando um discurso narrativo que pode ser lido e compreendido pelas crianças" (SANTOS, 2003, p. 118). Ou seja, suas reescritas contam, como vimos, com uma linguagem mais acessível ao público infantil, ao contrário dos textos de seu precursor.

Nas versões de Monteiro Lobato, as características estilísticas do gênero fabular são mantidas (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 139) e como na fábula da tradição, seu texto busca conduzir a um ensinamento moral. No entanto, em suas fábulas, o enredo e/ou a moralidade passam por transformações, podendo ir de encontro a dizeres cristalizados nos textos

clássicos. Compreendemos, porém, que a classificação das fábulas de Lobato em relação aos tipos de relações intertextuais é uma tarefa que exige um estudo à parte, devido às particularidades de cada uma das narrativas que compõe às suas *Fábulas*.

O distanciamento das reescritas lobatianas em relação às versões clássicas não é sempre o mesmo, podendo ocorrer em maior ou em menor grau. Assim, por exemplo, em "A cigarra e as formigas", as transformações sofridas pelo texto original são bastante significativas tanto em seu enredo quanto em sua moralidade e, por isso, considera-se esse texto uma paródia (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 138). Já "O burro na pele do leão" (Monteiro Lobato) traz praticamente o mesmo enredo de "O jumento que passava por ser um leão" (Esopo), modificando-se apenas sua moral. É uma diferença mais sutil, portanto, mas que também inaugura novos "jogos de verdade" à narrativa (OLIVEIRA e LUCENA, 2008, p. 1883). Finalmente, em "Unha-de-fome" (Monteiro Lobato), tanto o enredo quanto à moral são bastante próximos aos do texto de Esopo, "O avarento". Sendo assim, as diferenças entre as duas narrativas recaem apenas em relação à forma de denominação dos personagens e no fato de que a moralidade do texto nacional é apresentada por um de seus personagens, não estando em destaque ao final do texto. Desse modo, essas particularidades permitem-nos concluir que há diferentes formas de intertextualidade nas *Fábulas* de Monteiro Lobato, dispostas em um *continuum* em relação a seu distanciamento do texto base, e que as fábulas precisam ser analisados uma a uma para que possam ser classificadas quanto aos tipos de relações intertextuais. Como essa não é a nossa proposta de pesquisa, deixamos aqui uma sugestão para trabalhos futuros.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1. Texto e Construção de sentido

Na década de 60, surgiram tendências de estudo linguístico que fugiam à análise formal da língua e buscavam observar a linguagem em seus usos efetivos, considerando sua função social e entendendo-a como forma de ação. Tendo em Wittgenstein (1889-1951) e Austin (1911-1960) seus precursores, essa nova forma de abordagem deu origem a diferentes correntes teóricas, dentre as quais nos interessa a Linguística de Texto (LT), cujo principal objeto de análise é o texto em si (ADAM, 2008), considerado em seu sentido mais amplo e completo.

A LT atribui ao texto, atualmente, um tratamento de ordem sociocognitiva e interacional e postula que o leitor deve ser capaz não só de entender as mensagens veiculadas pelos diversos textos, como precisa, ainda, identificar as intenções comunicativas de seus autores, trazendo à tona conhecimentos armazenados em sua memória, reconhecendo os diversos tipos e gêneros textuais e as diferentes estratégias de referenciação e sequenciação (KOCH, 2004a).

Para a LT, portanto, o texto é considerado o próprio lugar da interação, e, por isso, para ele convergem intencionalidades e informações identificadas tendo em vista conhecimentos compartilhados. Os interlocutores, por seu turno, são compreendidos como sujeitos que, dialogicamente, nele se constroem e por ele são construídos (KOCH, 2008a). Modificando toda uma tradição de estudo do texto, a LT desconstrói a relação de hierarquia autor-leitor, em que o segundo deve apenas coletar informações isoladas que estariam “prontas” para ele dentro de um “produto acabado” (*idem*). Conforme advoga Marcuschi (2008, p.231), entende-se, agora, que “existem, pois, má e boa compreensão, ou melhor, *más* e *boas* compreensões de um mesmo texto, sendo estas últimas atividades cognitivas e trabalhosas”.

Assim, um texto seria originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas e sua produção de sentidos se realizaria com base nos

elementos linguísticos presentes na sua superfície e na sua forma de organização. Com isso, a percepção desses sentidos requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes, como também a sua reconstrução no momento da interação verbal. À LT caberia, então, desenvolver estratégias de descrição e análise textuais capazes de dar conta desses processos.

Por tudo isso, compreende-se que o texto é percebido como o resultado da interação de elementos sociais, cognitivos e linguísticos, e a sua compreensão mobiliza recursos cognitivos e pragmáticos (KOCH e ELIAS, 2008; CAVALCANTE *et alii*, 2003). Portanto, de acordo com essa proposta, aspectos tradicionalmente associados apenas ao entorno comunicativo passam a ser decisivos para a construção de sentido dos textos e torna-se frágil a percepção do limite exato entre as instâncias linguística e não linguística (SCHIFFRIN, 1990), uma vez que uma passa a ser dependente da outra, ou seja, entre o contexto e a linguagem observa-se uma relação de interdependência: "even 'text' is 'contextual': it is in the somewhat dubious position of being a linguistic unit that is a unit for non-linguistic reasons" (SCHIFFRIN, 1990, p. 136). Desse modo, a linguagem depende do contexto para se manifestar e para ser compreendida, mas o contexto, por sua vez, é construído pela linguagem (FONSECA, 1992; SANTOS e CAVALCANTE, 2014). Sendo assim, de acordo com a percepção atual da LT, não se faz mais necessário estabelecer uma oposição entre texto e discurso, uma vez que um opera sobre o outro e ambos são construídos conjuntamente: "Não é interessante distinguir rigidamente entre *texto* e *discurso*, pois a tendência atual é ver um contínuo entre ambos com uma espécie de condicionamento mútuo" (MARCUSCHI, 2008, p. 81; grifos do autor).

Acredita-se que, fazendo uso de textos, os usuários da língua criam novas realidades de significação (BAZERMAN, 2006). Além disso, "a linguagem é concebida como uma atividade interativa, em que o locutor expressa a sua subjetividade [...]" (BARBISAN, 2006, p. 55). Conclui-se, portanto, que nenhum dizer é neutro e que toda escolha ou silêncio revela uma determinada intenção (van DIJK, 2005).



Desse modo, compreender a língua como interação social é considerar que ela se caracteriza, fundamentalmente, pela argumentatividade. Isso porque, segundo advoga Koch (2008b), o homem, sendo dotado de vontade e razão, avalia, julga, critica, formando constantemente juízos de valor. Assim, na interação com o outro, este homem, por meio do discurso, busca influir sobre seu comportamento, fazendo, ainda, com que ele compartilhe de suas opiniões. De acordo com Koch (2008b, p. 17; grifos da autora) "É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental".

A linguagem é, assim, caracterizada por uma orientação argumentativa, sendo encarada como forma de ação, isto é, de levar o outro a fazer X, a acreditar em X. Por trás de qualquer texto, há o propósito de se transmitir pontos de vista, intencionalidades, uma vez que tudo que diz respeito à linguagem tem uma subjetividade inerente, já que todos somos sujeitos com intenções e objetivos delimitados, que buscamos convencer o outro das nossas ideias e fazer com que ele chegue às nossas conclusões. Com isso, ratificamos que não é possível existir neutralidade no discurso; a própria seleção do que será reproduzido já determina, por si só, um posicionamento. Desta forma, pode-se afirmar que, mesmo em textos de tipologias predominantemente narrativa ou descritiva, por exemplo, a argumentatividade se faz presente, em menor ou maior grau (KOCH, 2008b). Ou seja, a neutralidade é, de fato, um mito, conforme advogam Cortez e Koch (2013, p.15):

Nesse contexto, a tão propalada neutralidade, característica grosseiramente atribuída a textos informativos, científicos ou de cunho mais formal, seria apenas a tentativa de causar um "efeito de objetividade" por parte do locutor-enunciador, como se as coisas fossem representadas ou contadas por si só nessa aparente correspondência com o mundo e com uma só verdade.

Qualquer atividade de interpretação da linguagem "fundamenta-se na suposição de que quem fala tem certas intenções ao comunicar-se" (KOCH, 2008b, p.22). Por isso, a compreensão de determinada enunciação deve passar pela apreensão dessas intenções. Portanto, a noção de sentido

linguístico deverá ser compreendida não apenas em termos de verdade ou falsidade, mas também se tendo em vista, principalmente, “a direção, as conclusões, o futuro discursivo, enfim, o alvo para onde esse enunciado aponta” (KOCH, 2008b, p.23). Beaugrande e Dressler (1981), em seus princípios de textualidade, destacam também a intencionalidade. Segundo os autores, todo produtor de um texto atribui uma intenção ao que escreve/fala. Porém, tal intencionalidade só surtirá efeito se for bem recebida por parte do leitor/ouvinte, ou seja, se houver uma aceitabilidade. Logo, há uma interdependência entre esses dois princípios.

A LT, como vimos, estabelece que, além de entender as mensagens veiculadas pelos vários textos, o leitor precisa conseguir identificar suas intenções comunicativas, o que só é possível por meio da análise do material linguístico do texto. Consoante Sarfati (2010, p. 28), “todo material linguístico, constituído, principalmente, de elementos e de microssistemas lexicais, organiza a expressão da subjetividade linguística”.

Desse modo, de forma mais específica, podemos entender que “pela escolha vocabular, o autor de um texto busca expressar seu ponto de vista em relação ao mundo que o cerca, emitindo juízo de valor” (PAULIUKONIS, 2005, p. 126). Isso porque, ao fazer a escolha por determinado item lexical, o autor, necessariamente, deixa de escolher outros que poderiam ocupar aquela mesma posição. Assim, quando se usa um termo pejorativo como “pivete” (ao se referir a um menino de rua), opta-se por um vocábulo específico dentro de um grupo de outras palavras que são, conseqüentemente, silenciadas (“menino de rua”, “menor abandonado”, entre outros), o que provoca efeitos de sentido diferentes, condicionados pela intenção de quem enuncia.

Concordamos, então, com Marcuschi quando ele afirma:

Com uma visão de língua como atividade sócio-interativa [...] e uma hipótese sociocognitiva, tentamos superar a noção meramente representacionista e referencialista da língua, para privilegiar as relações intersubjetivas instauradas pelos interlocutores mediante os recursos linguísticos. (MARCUSCHI, 2004, p. 273)

Para Ducrot (1987), existiria uma estratificação do dizer. Ou seja, no discurso há sempre um sentido explícito (o que se diz e em que nível se diz), subjacente ao qual se podem observar outros níveis de significação implícitos. É, assim, nessa significação implícita, que se encontram as intenções do produtor do discurso. Koch (2008b) reafirma que é a própria língua que comanda essa leitura implicitada, isso porque “o sentido [...] não se apresenta preexistente à decodificação, mas, sim, como constitutivo dela” (KOCH, 2008b, p.24). Finalmente, entendemos que não é necessário apenas compreender o significado literal das palavras, mas devemos, também, reconhecer o uso que é feito delas em determinado contexto, que pode variar de acordo com as intenções do falante e com as circunstâncias de produção (KOCH, 2008b).

Nesse sentido, o processo de referenciação, dentro da LT, configura-se como um importante meio através do qual se chega à intencionalidade do texto, já que a referência é um ato intencional, desse modo, "no notion of reference is adequate that does not explain its intentionality" (NELSON, 1992, p. 182). Assim também, a referenciação não é jamais neutra (RABATEL, 2005). Nesse sentido, a relação entre referenciação e intencionalidade justifica-se, uma vez que

o processamento do discurso, por ser realizado por sujeitos ativos, é estratégico, isto é, implica, da parte dos interlocutores, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece. (KOCH, 2001, p. 75)

Conforme explicaremos mais detalhadamente na próxima seção deste capítulo, as expressões referenciais não têm apenas a função de referir, mas, por serem "multifuncionais" (KOCH, 2001, p. 87), colaboram na construção de sentidos dos textos, indicando sua intencionalidade e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva do leitor/ouvinte. Em outras palavras, compreendemos que

[...] a relação do sujeito com as instâncias que povoam seu discurso pode ser detectada a partir dos "objetos de discurso", assim como os ajustes que o próprio locutor opera em seu ponto de vista. [...] Com base nisso, partimos do pressuposto de que os objetos de discurso são reveladores de pontos de vista, e seu modo de apresentação é um meio pelo qual se pode apreender a subjetividade. (CORTEZ e KOCH, 2013, p. 9-10)

## **3.2. O Processo de Referenciação**

### **3.2.1. Panorama teórico**

A referenciação destaca-se como importante estratégia para introduzir novas entidades ou referentes no texto (KOCH e ELIAS, 2008) e constitui um elemento basilar dentro da LT, uma vez que a ela são atribuídas as funções de imprimir sentido ao texto e de contribuir para sua progressão. Além disso, a observação das cadeias referenciais dos textos contribui para o estudo e para o reconhecimento dos diferentes gêneros textuais, como mostrou Morais (2012) para os relatos esportivos e Santos e Colamarco (2014) para as fábulas e as narrativas de terror.

O processo de referenciação também está relacionado à ideia de escolha vocabular, uma vez que, ao selecionar determinada expressão referencial para ocupar certa posição no texto, o autor deixa de escolher outras expressões também possíveis naquele contexto em função de uma intenção sua.

Desse modo, compreendemos que a nomeação de um referente envolve uma reflexão sobre o próprio dizer, o que faz com que a seleção referencial mais apropriada ocorra com base no receptor, nos propósitos comunicativos, no contexto, no gênero textual em questão etc. O produtor textual pode ter a intenção de criticar algo, de ressignificar um termo em evidência, de causar humor, dentre outras opções, fazendo com que haja uma grande instabilidade nessa nomeação dos referentes.

A referenciação é, portanto, um fato social (DUMMET, 1990), uma atividade discursiva (KOCH, 2008a) que precisa ser analisada na atividade sócio-interativa. Conforme asseveram Koch e Elias (2008, p. 123):

[...] os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossa percepção do mundo [...], nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos.

Essa visão, no entanto, nem sempre foi a aceita. Saber como a língua refere o mundo tem sido objeto de interesse dos linguistas há muito tempo e foi colocada, portanto, em diversos quadros conceituais. Embora as respostas encontradas sejam distintas, defendeu-se com frequência uma relação de correspondência entre as palavras e as coisas, em que o discurso era considerado uma “*re-presentação* adequada da realidade” (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.18). Desse modo, o poder referencial da linguagem seria fundado por uma ligação direta entre as palavras e as coisas. Com isso, acreditou-se por muito tempo na falsa ideia de que haveria

um mundo autônomo já discretizado em objetos ou “entidades” existe independentemente de qualquer sujeito que se refira a ele, e que as representações linguísticas são instruções que devem se ajustar adequadamente a este mundo. (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.19)

Assim, falar em referência era observar, apenas, a relação entre as palavras isoladas e os objetos do mundo representados por elas. Isto é, uma palavra como “homem”, por exemplo, simbolizaria apenas um ser humano do sexo masculino ou um ser humano no sentido mais abrangente, existente na realidade, “na exterioridade do que estava dito no texto” (CAVALCANTE, 2011, p.20). Como podemos observar, nessa primeira concepção, a referência era confundida com a denotação, conforme postula Cavalcante (2011). Ambos os processos, porém, precisam ser vistos como distintos, pois a denotação analisa a palavra em estado de dicionário, fora de contexto, portanto, ao passo que a referência está associada ao uso que os sujeitos fazem das expressões referenciais em enunciados efetivos, em contextos particulares e específicos.

Alguns estudiosos, como Mondada, Apothéloz e Reicher-Béguelin e Koch, voltaram-se para a necessidade de considerar uma perspectiva sociocognitiva e interacionista no que diz respeito à referência, entendendo que referentes são construtos culturais que ocorrem na cena de enunciação e podem ser transformados dentro da situação comunicativa. Desse modo, percebeu-se que os processos referenciais não poderiam mais ser limitados à ocorrência de segmentos linguísticos em um texto ou às suas estruturas

semânticas apenas, uma vez que eles se ancoram em conhecimentos partilhados tanto do locutor quanto do interlocutor e são construídos tendo-se em vista não apenas o texto, mas todo o contexto envolvido na enunciação (CHAFE, 1994; BERRENDONNER, 1994; GIVÓN, 1995). Consoante Apothéloz e Pekarek Doehler (2003, p. 110):

Cette évolution coïncide avec une prise en compte toujours plus explicite de la représentation mentale construite par le (et à partir du) discours, des circonstances de l'énonciation et des savoirs des participants.

Compreendeu-se, nesse momento, que a “referência”, por ter um alcance maior do que se postulava anteriormente, deveria ser considerada um processo de “referenciação” e que os referentes eram, na realidade, “objetos de discurso” e não “objetos do mundo” (MONDADA e DUBOIS, 2003). De acordo com essa concepção, as formas linguísticas selecionadas devem ser avaliadas segundo a adequação aos propósitos e às ações em curso dos enunciadores, que compartilham a mesma sociedade, isto é, essa concepção trata a língua como uma negociação entre indivíduos e exclui uma possibilidade de mundo excessivamente estabelecido e delimitado, “pronto para receber uma etiqueta lexical incontestável e válida para todos os sujeitos” (CORTEZ, 2003, p. 24). De acordo com Custódio Filho (2012, p. 843):

[...] Podemos dizer que a referenciação é uma proposta teórica que fortalece o "poder" da anáfora. Essa categoria não pode mais ser entendida nos limitados moldes da relação de identificação entre sintagmas presentes num texto. Ela é, na verdade, a unidade poderosa que revela um complexo trabalho sociocognitivo-discursivo de abordagem da realidade, passível de retomar elementos os mais diversos e de realizar múltiplas funções.

Os objetos de discurso ou referentes são “representações semióticas instáveis (constantemente reformuláveis) e não entidades da realidade preexistentes à interação” (CAVALCANTE *et alii*, 2010, p. 233), por isso, devem ser analisados observando "a coconstrução de sentido" (SANTOS e CAVALCANTE, 2014, p. 226). Ainda, eles são dinâmicos e, assim, uma vez introduzidos/ativados, podem ser reativados ou desativados e, por esta via,

constroem-se ou reconstroem-se os sentidos do texto. Consoante Koch e Cavalcante (2007, p. 16), a ativação de um referente ocorre quando um objeto de discurso até então não mencionado é introduzido no texto, passando a ocupar o foco de atenção; já por reativação, as autoras compreendem a refocalização de dado objeto de discurso, já referido anteriormente, por meio de uma expressão referencial; a desativação pressupõe a introdução de um novo objeto de discurso no texto, que passa a ocupar a posição focal, deixando o primeiro objeto em "estado de ativação", passível de retornar ao foco a qualquer momento.

Por tudo isso, entendemos a referenciação como um “processo em permanente reelaboração, que, embora opere cognitivamente, é indiciado por pistas linguísticas e completado por inferências várias” (CAVALCANTE *et alii*, 2010, p. 234), a partir da ativação de conhecimentos prévios. Sendo assim, entende-se que também o contexto é constitutivo dos fenômenos referenciais (SANTOS e CAVALCANTE, 2014).

Os referentes são, ainda, entidades construídas mentalmente quando um texto é enunciado, são entidades abstratas e imateriais (CAVALCANTE, 2011). Não constituem significados nem formas, mesmo que, em geral, se realizem por meio de expressões referenciais (CAVALCANTE, 2011). Além disso, por estarem alicerçados em representações mentais dos interlocutores, pressupõem mecanismos inferenciais complexos (APOTHÉLOZ e PEKAREK DOEHLER, 2003).

Desse modo, observemos o exemplo abaixo, retirado dos comentários dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo sobre a fábula “O burro na pele do leão”, de Monteiro Lobato, que integra o *corpus* dessa pesquisa:

Quando um homem quer xingar outro, diz: “Burro! Você é um burro!”, e no entanto há burros que são verdadeiros Sócrates de filosofia, como o Conselheiro. Quando um homem quiser xingar outro, o que deve dizer é uma coisa só: “Você é um homem, sabe? Um grandíssimo homem!”. (LOBATO, 2008, p. 49; grifos nossos)

No trecho anterior, três expressões referenciais foram sublinhadas: “um homem”, “um homem” e “um grandíssimo homem”. No entanto, os referentes nomeados por elas só poderão ser representados cognitivamente se identificarmos ao certo o significado dessas expressões e suas nuances de sentido naquele contexto específico. Isto é, embora as três expressões referenciais tenham por núcleo o substantivo “homem” e as duas primeiras apresentem ainda o mesmo determinante (artigo indefinido “um”), elas não representam o mesmo objeto de discurso no contexto em que estão inseridas. Assim, o referente “homem”, nas duas últimas ocorrências, só será representado cognitivamente se compreendermos o valor depreciativo dessa expressão referencial naquele contexto, em que está sendo utilizada com valor adjetivo, como uma forma de insulto, ao contrário da primeira ocorrência, que não é tão marcada semanticamente. Ainda, é necessário perceber a equivalência que se cria, no trecho, entre "burros" e "Sócrates", em oposição a "homem". Finalmente, observar que essa fala é da boneca de pano Emília e ter conhecimento de seu caráter contestador contribui para que percebamos a inversão de valores estabelecida no fragmento em que "homem" passa a ser insulto, ao passo que "burro" configura-se como um elogio.

Assim, entende-se que construímos uma representação – instável – dos referentes com base na interação com o outro e a partir da interação das nossas práticas de linguagem com nossas experiências socioculturais. Ou seja, “o ato de referir é sempre uma ação conjunta” (CAVALCANTE, 2011, p.15). Já Mondada e Dubois (2003, p. 20) afirmam:

Estas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

Finalmente, a manutenção dos objetos de discurso pode realizar-se através de recursos de ordem gramatical (pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos, etc.) ou de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais, etc.), que



evidenciam as escolhas do sujeito-enunciador no seu querer-dizer. Reiteramos que, independente da estratégia referencial utilizada, sua escolha nunca é aleatória.

Sobre ela incide a intencionalidade, o gênero discursivo em questão, o suporte onde o texto circula, a sequência textual predominante, além de outros aspectos não apenas linguísticos, mas condicionados pelo caráter sociocognitivo da linguagem e dos textos (SANTOS e CAVALCANTE, 2014, p. 229).

Para esta pesquisa, conforme exposto anteriormente, interessa-nos principalmente a estratégia da referenciação lexical, ou seja, quando os objetos de discurso são introduzidos, retomados ou antecipados por meio de itens lexicais. Pronomes e elipses somente serão avaliados por nós como um contraponto a essa primeira estratégia.

Consoante Cavalcante (2011) e Custódio Filho (2012), nos estudos de referenciação, há duas maneiras de se abordarem os objetos de discurso dentro de um texto: (i) priorizando a manifestação das expressões referenciais no cotexto para descrever diferentes tipos de processos de introdução, de anáfora e dêixis; e (iii) não considerando como critério primário de distinção a explicitação das expressões referenciais, mas a construção sociocognitivo-discursiva desses objetos de discurso. Em ambas as visões, porém, deve-se analisar o modo como a representação mental do objeto de discurso vai se configurando através dos indícios fornecidos pelo cotexto e de todos os outros dados do entorno sociocultural e situacional dos enunciadores e coenunciadores. Há ainda uma terceira forma de abordagem dos processos referenciais, comum em autores estrangeiros (SAINSBURY, 2007; CORNISH, 2010), que é o de analisar a anáfora apenas e não o processo referencial como um todo.

Ciulla e Silva (2008, p.17), de certo modo, resume, na citação a seguir, parte do que se explicou até aqui:

Pensamos que, na verdade, os elementos linguísticos estão imersos, assim como todos os outros elementos da situação extralinguística, no que poderíamos chamar de entorno discursivo. Por isso, a referência é um processo em que não se pode separar

completamente o que é linguístico do que não é. O que podemos é inferir, a partir do texto, quais objetos estão sendo referidos, de que maneira, por quem, com quais intenções, etc. num cálculo que pode ser ajustado, conforme nos empenhamos na compreensão e de acordo com as outras pistas que nos vão sendo fornecidas à medida que o discurso se desenvolve. O fato de que as inferências que são autorizadas pelos elementos materiais do texto são essenciais para completar-lhes o sentido é uma evidência de que essas inferências fazem parte do próprio processo linguístico.

Ratifica-se, dessa forma, que o processo de referenciação está diretamente relacionado à construção de sentido do texto. Conforme afirma a autora, as inferências necessárias para a compreensão dos referentes textuais são autorizadas pelos elementos materiais do texto e são, ainda, essenciais para completar-lhes o sentido. Todo esse processo constrói, então, o sentido do próprio texto. Postula-se, por isso, que a referenciação está intrinsecamente relacionada à coerência textual. Não se pode avaliar uma sem levar em consideração a outra. Assim, por exemplo, em um texto no qual se protesta contra as cotas destinadas aos negros nas universidades federais, o referente “cotas” não poderá ser retomado pela expressão “essa solução” sem que isso afete a coerência do texto, da argumentação.

Até o momento, entende-se que os processos referenciais se dividem em duas possibilidades: (i) *introdução referencial*, quando entidades são introduzidas no texto pela primeira vez; e (ii) *anáforas*, que supõem “uma retomada ou continuidade referencial de uma entidade qualquer já introduzida no texto, não importa de que maneira” (CAVALCANTE *et alii*, 2010, p.237). É importante ressaltar que, para que haja uma anáfora, é necessário que as expressões referenciais anafóricas estejam ancoradas em pistas do cotexto, que podem apontar para trás (*remissões retrospectivas*), ou para frente (*remissões prospectivas*). Já as introduções referenciais não levam em conta o que vem após elas, mas o fato de nada remeter a elas antes. Conforme apontaremos na próxima seção deste capítulo, a oposição entre a introdução referencial e a anáfora ainda não está muito clara na teoria e merece ser revisitada.

A progressão referencial pode se efetivar por meio das estratégias de correferencialidade, quando um objeto de discurso é completamente recuperado pelo termo anafórico ou

pela menção de expressões que, embora não representem o mesmo referente citado, estão de algum modo ligadas a outras âncoras linguísticas do cotexto e operam uma espécie de referência indireta, que nem por isso deixa de ser anafórica (CAVALCANTE, 2011, p.36).

Nas palavras de Apothéloz (2003, p.61), “há correferência entre duas expressões sempre que elas designam no discurso o mesmo referente”.

Desse modo, a anáfora direta distingui-se da anáfora indireta pelo o fato de que, na primeira, há a retomada total ou parcial (ou seja, quando retoma-se apenas um subconjunto de um conjunto maior que corresponde ao termo antecedente) do mesmo objeto de discurso (recategorizado ou não) e, na segunda, não acontece essa retomada. Desse modo, é a presença ou a ausência da estratégia de correferencialidade que vai determinar um ou outro processo, respectivamente (CAVALCANTE *et alii*, 2010).

Segundo Koch (2002, p.1), as anáforas indiretas caracterizam-se

pelo fato de não existir no cotexto um antecedente explícito, mas sim um elemento de relação, que se pode denominar âncora (SCHWARZ, 2000) e que é decisivo para a interpretação; ou seja, trata-se de formas nominais que se encontram em dependência interpretativa de determinadas expressões da estrutura textual em desenvolvimento, o que permite que seus referentes sejam ativados por meio de processos cognitivos inferenciais que mobilizam conhecimentos dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores.

Na literatura da área, alguns autores, como Schwartz (2000), optaram por dividir as anáforas indiretas em dois grupos, a saber: (i) *anáforas associativas*, que seriam “conceitualmente baseadas” (CAVALCANTE, 2011, p.63); e (ii) *anáforas inferenciais*, que seriam “inferencialmente baseadas” (CAVALCANTE, 2011, p.63). Considerando, no entanto, que “não importa a origem da âncora em que se apoia o anafórico indireto, nem a forma como ele se manifesta [...], [mas] o mecanismo inferencial envolvido no processo”

(CAVALCANTE, 2011, p.63), outros autores, como Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999) e Cavalcante (2011), com os quais concordamos, decidiram-se por não fazer distinção entre ambas as anáforas indiretas.

Um processo referencial que merece ser tratado separadamente é o encapsulamento, definido como “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente de texto” (CONTE, 2003, p.178), que pode ter extensão e complexidade variadas. Desse modo, uma de suas principais propriedades é o fato de que seu antecedente não é claramente delimitado no texto, devendo ser reconstruído pelo ouvinte/leitor, ou seja, a anáfora encapsuladora não retoma, pontualmente, nenhum objeto de discurso, apenas se vincula a conteúdos espalhados pelo contexto. Durante muito tempo, considerou-se o encapsulamento um caso especial de anáfora indireta, uma vez que a correferencialidade, nele, não é evidente. Nesse caso, a distinção entre as anáforas indiretas propriamente ditas e as anáforas encapsuladoras devia-se somente ao fato de que estas últimas têm o poder e a função de resumir conteúdos proposicionais inteiros, o que não acontece com as primeiras. Também essa questão será revista na próxima seção do presente capítulo.

Conte (2003) explica que os encapsuladores são novos referentes discursivos criados, no texto, com base na informação velha e tornam-se argumento de predicções futuras. Ou seja, depreendem-se duas funções distintas para os encapsuladores: eles rotulam uma parte anterior do (co)texto, estabelecendo um novo referente, podendo ainda constituir tema para enunciados seguintes (KOCH, 2001), iniciando, desse modo, uma nova cadeia referencial no texto. Ainda, autores como Koch (2001) e Abbot (2010) reconhecem que os sintagmas nominais comumente utilizados para sintetizar porções de texto apresentam, como núcleo, termos de valor mais abstrato. Ainda, por seu caráter fortemente avaliativo, os encapsuladores podem servir como importantes recursos argumentativos (KOCH, 2001). É o que percebemos no exemplo a seguir, extraído dos comentários dos personagens do sítio sobre a fábula “A coruja e a águia”:

- São coisas do latim, minha filha. Nessa língua havia duas palavras parecidas: poena e penna. A primeira virou em nossa língua "pena" - pena-dor; e a segunda ficou penna mesmo - a tal das aves.

- E depois a penna das aves perdeu a peninha e virou pena com um n só, igual à pena-dor - concluiu Emília -, e agora está aí, está aí, está aí...

- Está aí o quê, Emília?

- Esta aí um grande embrulho...

(LOBATO, 2008, p.54; grifo nosso)

No fragmento, a expressão sublinhada, “um grande embrulho”, funciona como um anafórico encapsulador, uma vez que retoma, resumindo, todo um conteúdo proposicional anterior a ele: a confusão, no português, entre os dois possíveis significados da palavra "pena" e a trajetória de "poena" e "penna" do latim para o nosso idioma. Além disso, a opção por usar, nesse caso, o substantivo “embrulho”, como núcleo dessa expressão referencial, enfatiza o valor negativo atribuído por Emília a essa situação.

É ainda importante enfatizar que, na perspectiva adotada até o momento, as anáforas podem ser perpassadas pelo processo da recategorização (APOTHÉLOZ e REICHLER-BÉGUELIN, 1999), que seria uma consequência natural do processo anafórico, quando ele opera uma transformação no referente que vinha sendo construído até então (CUSTÓDIO FILHO, 2012). Assim, em palavras de Cavalcante (2011, p.90):

[...] a recategorização é o fenômeno cognitivo-discursivo que corresponde à evolução natural que todo referente sofre ao longo do desenvolvimento do texto; ele se dá abstratamente, na mente dos interlocutores, podendo ou não realizar-se no cotexto por meio de termos anafóricos. Para essa evolução, concorrem não somente as expressões referenciais que manifestam explicitamente as transformações do objeto de discurso, mas também um conjunto de pistas contextuais que, acionando informações sócio-historicamente compartilhadas, ajudam os participantes da enunciação a (re) construir a referência.

Desse modo, considera-se que a recategorização corresponde a um processo que perpassa todos os processos referenciais conhecidos até o momento (introdução referencial, anáfora e dêixis) (CIULLA e SILVA, 2008; LIMA e FELTES, 2013). Além disso, pode ser operada por elementos radicados

num nível cognitivo, sempre sinalizados por pistas linguísticas espalhadas pelo cotexto (LIMA, 2009).

Nesse ponto, é importante esclarecer, conforme já sugerido por Cavalcante (2011) na citação anterior, que a construção dos referentes pode valer-se, também, de estruturas e mecanismos não diretamente relacionados à menção referencial (CUSTÓDIO FILHO, 2012). Compreendemos que inúmeros elementos que participam da configuração textual são acionados para a construção dos diversos objetos de discurso, dentre os quais destacamos toda a materialidade verbal do texto, observada em seu sentido amplo e não apenas através das expressões referenciais. Verbos, predicacões, sinais de pontuação e articuladores textuais, entre outros, sinalizam (re)categorizações dos referentes do texto, correspondendo, desse modo, as pistas textuais que contribuem para sua construção cognitiva. Por tudo isso, esses elementos, normalmente não observados nos estudos da área, devem ser avaliados juntamente à análise dos processos referenciais. O exemplo abaixo, extraído de Cavalcante e Santos (2012, p. 668; grifos nossos), corresponde a um trecho do conto "Dizem que os cães veem coisas", de Moreira Campos. Nele, o objeto de discurso "morte" não é nomeado por nenhuma expressão referencial nominal, sendo referido apenas por meio de pronomes (sublinhados na transcrição do trecho) e por elipses ( $\emptyset$ ). O leitor, no entanto, consegue identificar que a narrativa trata da morte, personificando-a, ao observar as pistas textuais (em **negrito** na transcrição), que sugerem seus traços e ressaltam a reação das pessoas com sua chegada:

Ela chegou **diáfana, transparente**, no vestido branco que lhe descia até os pés calçados pelas ricas sandálias de pluma. **Ninguém lhe ouviu os passos.**  $\emptyset$  Sentou-se à beira da grande piscina, cruzando as pernas longas.  $\emptyset$  Chegou **antiquíssima, atual e eterna, com a sua cara de máscara.** Moldada em gesso? Apenas uma presença, porque  $\emptyset$  **pousou como uma sombra.** Mas por um fragmento de tempo, um quase nada, **reinou entre todos um silêncio largo**, que se estendeu pelo vasto terreno murado da mansão ensombrada pelas árvores, dominou a enorme piscina e **emudeceu as próprias crianças** pajeadas pelas babás de aventais bordados, e vejam que as crianças são indóceis.

Um aspecto que merece atenção especial dentro dessa abordagem diz respeito à identificação, em determinado texto, das relações anafóricas. Isso porque a relação entre o termo antecedente e o termo anafórico nem sempre é tão clara e, para percebê-la, o leitor/ouvinte precisa fazer inferências várias e lançar mão de determinados conhecimentos partilhados. Ou seja, o antecedente retomado nem sempre está acessível para o leitor/ouvinte. Apothéloz (2003, p.58) demonstra essa situação a partir do exemplo abaixo:

Um jovem suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi interrogado há alguns dias pela polícia de Paris. Ele “utilizou” a linha de seus vizinhos para ligar para os Estados Unidos por uma quantia de 50000F. O tagarela foi levado ao tribunal. (Libération, 4.8.1993).

Na notícia anterior, a expressão sublinhada, “o tagarela”, retoma, recategorizando, o antecedente “um jovem suspeito” por meio de uma anáfora direta, já que há correferencialidade. No entanto, essa relação pode não ser clara para determinado leitor, uma vez que, para identificá-la, deve-se perceber que o valor de 50000F para uma tarifa telefônica é bastante elevado. Ainda segundo Apothéloz (2003), em casos como estes, pode-se observar a presença de um “desencadeador de antecedente”, isto é, de um “segmento textual que mais provavelmente tornou a referência anafórica possível” (APOTHÉLOZ, 2003, p.58).

Cavalcante (2011) vai mais além e mostra que, para o próprio reconhecimento preciso do referente, podem ser necessários “gatilhos” ou “âncoras”. Segundo a autora:

O fato é que, de modo geral, existem indícios no contexto como um todo para o reconhecimento do referente como algo relacionado a outras fontes; é essa ligação entre as fontes (também chamadas *âncoras*, ou *gatilhos*, ou *antecedentes*) e os referentes mencionados pela primeira vez que funda os processos anafóricos; no decorrer do texto, as anáforas vão também se apoiando em outras e em trilhas diversificadas, compondo a tessitura textual. (CAVALCANTE, 2011, p.136)

Cornish (2010, p. 207), utiliza o termo "antecedent trigger" para tratar desse mesmo fenômeno, para o autor:

anaphora is essentially an integrative, discourse-creating procedure involving a three-way relationship between an "antecedent trigger", an anaphoric predication, and a salient discourse representation.

Em nossa pesquisa, compreendemos como "âncora textual" os indícios textuais que possibilitam a identificação da referência anafórica, ou seja, que permitem ao leitor reconhecer as relações de remissão e retomada entre expressões referenciais, correferenciais ou não. Em contrapartida, reconhecemos como "pistas textuais" toda a materialidade verbal do texto que contribui para a construção cognitiva dos diferentes objetos de discurso sem corresponder, porém, a expressões referenciais. Anteriormente, no fragmento transcrito do conto "Dizem que os cães veem coisas", exemplificamos como as "pistas textuais" operam na construção do objeto de discurso morte na narrativa. Reiteramos, no entanto, que essas pistas, ao contrário das "âncoras textuais", não são responsáveis pela identificação dos processos anafóricos nos textos, elas apenas contribuem para a (re)configuração dos diversos objetos de discurso representados.

Durante muito tempo, acreditou-se que as anáforas indiretas diferenciavam-se das anáforas diretas também pelo fato de que, nestas últimas, a capacidade inferencial requerida seria bem menor, assim, o antecedente estaria sempre muito mais acessível para o leitor/ouvinte do que nas primeiras e seria, portanto, muito mais fácil de ser recuperado. Estudos recentes (CAVALCANTE, 2011; MORAIS, 2012) provam, no entanto, que esta situação não é tão simples e que a referência direta também pode ser de difícil compreensão para o interlocutor por exigir-lhe muitas inferências e conhecimentos partilhados. É evidente, no entanto, que algumas inferências são mais facilitadas do que outras pela ligação entre os campos semânticos (CAVALCANTE, 2011), mas isso independe do tipo de anáfora.

Morais (2012), analisando relatos esportivos publicados em jornais especializados em esporte, ou seja, um gênero bastante específico e que, portanto, seleciona um público muito particular, comprovou que os termos anafóricos neles empregados dependem extremamente de conhecimentos partilhados para sua interpretação. Assim, é bastante significativa a



necessidade de inferências para a reelaboração dos objetos de discurso nos casos de anáforas diretas recategorizadoras.

Na fábula “A cigarra e as formigas” de Monteiro Lobato (LOBATO, 2008, p.12), logo após o título do texto, aparece um subtítulo: “A formiga boa”. Essa nova expressão referencial corresponde, então, a um termo anafórico direto, cujo antecedente, “as formigas”, aparece logo acima, no título da narrativa. Assim, para que o leitor possa compreender, logo no início da sua leitura, essa primeira recategorização, são necessárias algumas inferências. Inicialmente, é preciso conhecer a fábula “A cigarra e as formigas” clássica, a de Esopo, e seu enredo. Desse modo, é importante saber que, no texto original, a formiga nega abrigo e comida à cigarra, que morria de fome e de frio no inverno intenso. Com isso, entende-se que o referente “A formiga boa” traz implícita uma crítica ao animal trabalhador do texto anterior e, conseqüentemente, à moral da fábula de Esopo, uma vez que, se esta nova formiga é a boa, a outra, a anterior, seria a má. Como mostraremos mais adiante (cf. cap. 4), outros indícios do texto, posteriores a esse subtítulo, confirmam essa inferência primeira.

Ainda em relação à referenciação, é necessário tratar de um último processo que, porém, não é nosso enfoque nesta pesquisa: a dêixis. Cavalcante (2011) afirma que todo processo referencial envolve um componente “dêitico”, por apontar para pistas vindas do espaço e do tempo real em que se situam os enunciadores, do cotexto, da memória compartilhada, das supostas intenções enunciativas de cada um e do contexto sócio-histórico do momento. Todas essas pistas colaboram, ao mesmo tempo, para que os referentes se configurem na mente dos participantes da enunciação. Assim, há certas expressões referenciais cujo significado completo depende de aspectos da situação enunciativa. É preciso analisá-las dentro do campo dêitico, por exigirem o conhecimento do lugar ou do tempo em que se encontra o enunciador (CAVALCANTE, 2011).

É importante esclarecer que as formas dêiticas propriamente ditas referem-se à situação em que o enunciado é produzido, ou seja, às coordenadas de pessoa, tempo e lugar e distinguem-se dos anafóricos pelo fato de que elas provocam uma “alteração no foco de atenção dos

interlocutores, ao passo que o emprego destes simplesmente mantém a atenção sobre o referente que já foi introduzido no discurso” (CAVALCANTE, 2011, p.109). Schiffrin (1990) e Cornish (2007), no entanto, consideram bastante complexa a distinção exata entre a dêixis e a anáfora em certos casos. Assim, segundo Schiffrin (1990, p. 246), "particular expressions can be used in ways that are difficult to identify as purely deictic or purely anaphoric". Lyons (1977) compreende as dêixis de pessoa, lugar e tempo como "dêixis pura", ao passo que a memorial e a textual corresponderiam à "dêixis impura", cujo comportamento é ainda mais próximo ao das anáforas.

Santos e Cavalcante (2014), revendo os estudos e a compreensão da dêixis, postulam que a característica peculiar às anáforas, que permitem sua distinção em relação à dêixis propriamente dita é justamente o fato de elas virem sempre associadas a uma âncora do contexto que lhe serve de gatilho, permitindo, ainda, o encadeamento e a continuidade da referência. Ainda segundo as autoras, os casos de "dêixis impura", ou seja, a dêixis de memória e a textual, devem ser considerados como casos híbridos entre anáfora e dêixis, não devendo ser enquadrados em uma única categoria apenas. Na próxima seção deste trabalho, apresentaremos o quadro sinótico proposto pelas autoras para os processos referenciais, incluindo-se, aí, a dêixis.

### **3.2.2. Revisitando a teoria**

Santos e Colamarco (2014), ao abordarem algumas estratégias de referenciação em fábulas e em contos de terror, procurando relacionar sua proposta de análise a um trabalho mais produtivo para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, afirmam não ser seu objetivo aprofundar-se nos aspectos polêmicos sobre a referenciação, no entanto, ressaltam que "no momento atual em que se encontram os estudos sobre esse tema, há de se repensar os critérios de classificação" (SANTOS e COLAMARCO, 2014, p. 47).

Também Santos e Cavalcante (2014, p. 225) compreendem que "com o passar dos anos e o desenvolvimento dos estudos sobre referenciação [...] as

fronteiras entre os processos referenciais parecem ter sido percebidas como mais tênues". As autoras, a partir dessa perspectiva, problematizam o *status* da dêixis entre os processos referenciais; discussão que deixaremos de fora desta Tese, pois não diz respeito ao nosso objeto de investigação. Elas ainda reformulam o quadro dos processos referenciais, anteriormente proposto por Cavalcante (2011), em relação à posição, nele, das anáforas encapsuladoras. Para Santos e Cavalcante (2014), os encapsuladores devem ser considerados como um meio termo entre a anáfora direta e a indireta e não como um subtipo das anáforas indiretas. Sua justificativa está no fato de que

"como as AI [anáforas indiretas], as encapsuladoras são inferenciais e, ainda que ancoradas em informações dadas, introduzem um novo referente, que sintetiza porções de texto; como as AD [anáforas diretas], porém, parece haver certo grau de correferencialidade entre a porção de texto sintetizada e o encapsulador" (SANTOS e CAVALCANTE, 2014, p. 227).

Após revisitar os processos da dêixis e da anáfora encapsuladora, as autoras propõem o seguinte quadro sinótico dos processos referenciais, reconhecendo, porém, que ele ainda não resolve todos os problemas de classificação:

<b>PROCESSOS REFERENCIAIS</b>		
<b>Introdução Referencial</b>	<b>ANÁFORA (continuidade referencial)</b>	<b>DÊIXIS</b>
	Anáfora Direta (correferencial) Anáfora Encapsuladora (sintetizadora) Anáfora Indirera (não correferencial)	Pessoa Espaço Tempo
	Dêixis de memória e textual (casos híbridos de anáfora e dêixis)	

**Quadro 2:** Processos referenciais; adaptado de Santos e Cavalcante (2014, p.242).

Koch (2008c, p. 103), ao tratar das anáforas associativas e indiretas (para nós, ambas anáforas indiretas) considera que, nelas, "um novo objeto de discurso é introduzido, sob a capa de informação dada". Da mesma forma, Santos e Cavalcante (2014, p. 227) defendem que as anáforas indiretas "abrigam ocorrências de introdução de um referente novo para o contexto".

Ainda, segundo as mesmas autoras, essa particularidade é justamente o aspecto em comum entre as anáforas indiretas e as encapsuladoras. Ou seja, percebe-se claramente uma necessidade de se rever a oposição anteriormente colocada entre o processo de anáfora e a introdução referencial. As análises já nos mostram que há expressões anafóricas que introduzem referentes. O exemplo a seguir, extraído de nosso *corpus*, ilustra essa questão.

Na fábula de Monteiro Lobato “Burrice” (cf. Anexo 4, p. 173), narra-se a história de dois burros distintos, um com um carregamento de açúcar e, o outro, com um carregamento de esponjas. Os animais precisavam atravessar um rio, transportando suas cargas, no entanto a ponte sobre ele caíra e, para chegar ao outro lado da margem, era necessário aventurar-se pela água. O burro que transportava açúcar não teve dificuldades nessa empreitada, pois sua carga derreteria ao longo do trajeto. Assim, o burro das esponjas, cuja “ciência toda se resume em só imitar o que os outros fazem” (LOBATO, 2008, p. 25), pensou que, se o primeiro burro conseguira, ele também teria sucesso. Assim, lançou-se no rio e, como sua carga foi ficando cada vez mais pesada, foi ao fundo.

A expressão “Burrice”, presente no título da narrativa, apresenta, no texto, um caráter ambíguo: burrice pode ser somente “coisa/ ação de burros” ou “estupidez”, sendo esse último o uso mais recorrente em nosso cotidiano. Esse jogo de ambiguidade e os possíveis sentidos da expressão “burrice”, porém, só podem ser compreendidos pelo leitor após a leitura integral da fábula. Assim, a interpretação desse elemento e sua classificação em relação aos processos referenciais levam-nos, como apontado anteriormente, a uma importante discussão para os estudos da referenciação no tocante à compreensão da introdução referencial.

Até o momento, como vimos, o termo introdução referencial classifica um processo referencial, opondo-se à anáfora, que pode ser direta, indireta ou encapsuladora. Ou seja, a expressão que introduz, no texto, um referente, recebe essa classificação, já os termos que fazem referência a esse primeiro elemento, correferencialmente ou não, classificam-se como anáforas. Essa

compreensão, no entanto, torna a análise da expressão "burrice" contraditória, conforme expomos nos tópicos a seguir:

- (i) No texto de Monteiro Lobato, a expressão "burrice" corresponde a uma entidade nova, uma vez que menciona, pela primeira vez na fábula, um referente. Dessa forma, ela introduz um referente na narrativa.
- (ii) Por outro lado, ao final da fábula de Lobato, evidencia-se que a expressão "burrice" faz referência não a um referente específico, mas a toda uma ação relatada, posteriormente, ao longo do texto: a travessia do rio pelos dois burros, se compreendermos "burrice" apenas como "coisa/ ação de burro", ou a travessia do burro da esponja, imitando o primeiro, que o levou à morte, se identificarmos como "burrice" uma "estupidez". Assim, a expressão em pauta funciona como um elemento encapsulador, uma anáfora, portanto, já que sumariza toda uma parte do texto, referindo-se a ela. Além disso, por sumarizar uma parte posterior do texto, faz uma remissão prospectiva.

Segundo Cavalcante *et alii* (2010), os elementos classificados como introduções referenciais não consideram o que vem após eles, mas o fato de nada remeter a eles antes, dado que confirmaria a classificação de "burrice" como introdução referencial, desconsiderando a segunda evidência, com o que não concordamos.

Koch e Cavalcante (2007), por seu turno, compreendem que o primeiro procedimento de ativação de um referente no texto se dá por meio de uma introdução referencial, o que ocorre em "Burrice". As mesmas autoras, em contrapartida, consideram que as "introduções referenciais puras" acontecem quando a referência a dado objeto de discurso não é ancorada, ou seja, quando não há âncoras no texto que sirvam de gatilho para sua compreensão e/ou identificação. No caso de "Burrice", há essa âncora, ela aparece, no entanto, posteriormente no texto. Novamente percebe-se que as definições propostas não são claras.

É importante destacar, ainda, que as âncoras textuais, na análise de Koch e Cavalcante (2007), só são consideradas quando aparecem, no texto, anteriormente ao elemento em análise. Desse modo, a remissão prospectiva acaba sendo desconsiderada, uma vez que, nela, a âncora que garante a identificação/compreensão mais precisa do objeto de discurso encontra-se após a expressão em questão. De um modo geral, essa tem sido a tendência dos estudos atuais na área: não se considera mais a remissão prospectiva, nas análises, uma vez que a primeira manifestação de um objeto de discurso no texto, seja da forma como for, é classificada apenas como uma introdução referencial, o que é um problema para a teoria.

Ressaltamos que não estamos atrelando o caráter anafórico de "burrice" à identificação do referente pelo leitor, uma vez que, com isso, estaríamos estabelecendo um critério de análise pautado em evidências subjetivas. Além disso, entendemos que qualquer referente só é identificado e reconhecido pelo leitor após a leitura integral do texto, observando sua cadeia referencial e as pistas textuais que contribuem para a construção desse objeto de discurso. Assim, no caso em questão, os elementos textuais evidenciam e comprovam o caráter anafórico do termo: ele é um encapsulador, uma vez que resume toda uma parte do texto, posterior a ele. Ainda, como é característico dos elementos encapsuladores, a expressão "burrice" apresenta um caráter avaliativo bastante marcado. Ao possibilitar a interpretação da ação do burro da esponja como uma estupidez, ela evidencia uma avaliação negativa desse personagem. Reforçamos que essa avaliação negativa, novamente, só pode ser percebida após a leitura integral da fábula.

Por outro lado, negar que essa expressão introduz um referente no texto é igualmente contraditório, já que ela pulveriza as âncoras que surgirão a seguir no texto e apresenta, na fábula, um referente que será retomado ao longo de toda a narrativa por expressões anafóricas não correferenciais, portanto, indiretas. Ou seja, conforme já apontam Santos e Cavalcante (2014), a anáfora encapsuladora também introduz referentes no texto.

Isso nos leva a compreender que a introdução referencial não pode ser vista como a classificação de um processo referencial, que se opõe à anáfora. Entendemos que algumas expressões, anafóricas ou não, têm a função de introduzir referentes no texto. Desse modo, "burrice", uma expressão encapsuladora prospectiva, introduz, na fábula, um referente novo.

Além disso, a introdução do referente pode coincidir ou não com a enunciação desse referente no texto, isto é, com a primeira manifestação mais precisa e significativa, no texto, do objeto de discurso. Compreendemos como enunciação do referente sua primeira categorização no texto por meio de uma expressão nominal. Ou seja, sempre que o referente é nomeado pela primeira vez no texto por meio de um substantivo, seja ele comum ou próprio, consideramos tratar-se da enunciação do referente.

É importante esclarecermos que "a atividade de categorização diz respeito, sobretudo, aos métodos utilizados pelos sujeitos para caracterizar, descrever, justificar e compreender os fenômenos da vida cotidiana" (LIMA, 2007, p. 78). Em nosso estudo, restringimos esse conceito ao uso das expressões referenciais na nomeação dos objetos de discurso. Assim, compreendemos que, ao selecionar determinada expressão nominal para nomear um objeto de discurso, estamos caracterizando-o, descrevendo-o e, muitas vezes, até mesmo explicitando nossa visão de mundo sobre ele. De acordo com Mondada e Dubois (1995, p. 273)

as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos.

Finalmente, concordamos com Lima (2007, p. 75), quando postula que

A habilidade de categorização permite ao indivíduo ordenar o seu meio ambiente, tratando como equivalente estímulos diferentes, mas que mantêm relações entre si. Em outros termos, permite que o indivíduo interaja significativamente com um número diverso e infinito de situações e objetos a ele expostos.

Na fábula "A cigarra e as formigas" de Lobato, por exemplo, a introdução dos dois referentes principais, já no título do texto, coincide com sua enunciação, pois ambos são apresentados, na fábula, por meio de expressões nominais que os categorizam pela primeira vez. Já em "Burrice", o referente introduzido no título não será enunciado no texto por meio de uma expressão nominal, uma vez que ele apenas sumariza toda uma parte da narrativa.

A análise da expressão referencial "dois burros", logo a seguir ao título do texto, confirma, novamente, nossa interpretação. Ela introduz dois referentes distintos no texto, que serão, posteriormente, referidos como "um com a carga de açúcar" e "outro com carga de esponjas". No entanto, sua relação com a expressão "burrice", do título, é evidente: "dois burros" remete a "burrice", mas, como ambas as expressões não designam o mesmo objeto de discurso, essa retomada não é correferencial, trata-se, portanto, de uma anáfora indireta. Com isso, compreendemos que "dois burros" configura-se como uma expressão anafórica indireta que tem a função de introduzir dois novos referentes no texto.

Nessa perspectiva, a introdução referencial configura-se como uma função da expressão e não como uma classificação sua ou do processo referencial. É por isso que expressões anafóricas também podem introduzir referentes. Ainda, a primeira expressão do texto, não ancorada prospectiva- ou retrospectivamente, que categoriza o objeto de discurso, referindo-se a ele por meio de uma expressão nominal, será denominada por nós "enunciação do referente".

É importante esclarecer, no entanto, que nem sempre o objeto de discurso é enunciado no texto. No conto "Dizem que os cães veem coisas", citado na seção 3.2.1 deste capítulo, o objeto de discurso "morte", como vimos, não é categorizado por nenhuma expressão referencial nominal, sendo apresentado apenas por meio de pronomes e por elipses. Ou seja, o referente é introduzido no texto, mas não enunciado. Assim, a identificação do referente como a morte deve-se às pistas textuais.



Vejam como ficaria, então, a teoria. Um novo objeto de discurso é introduzido na memória textual por meio de uma expressão nominal ou de um pronome, ficando em foco e disponível para remissões ou retomadas. Se a introdução acontecer por meio de uma expressão nominal, o processo em questão poderá tratar-se: (i) de uma simples enunciação do referente, caso corresponda à primeira categorização do referente no texto, não ancorada em nenhum elemento do cotexto que lhe sirva de gatilho; ou (ii) de uma anáfora, se houver, no cotexto, uma âncora para a expressão nominal, como vimos em "burrice", que resumia, avaliando, toda uma parcela posterior do texto. Ou seja, a introdução de um objeto de discurso pode ser não ancorada ou ancorada. No primeiro caso, trata-se do que estamos denominando de "enunciação do referente", em que o objeto de discurso é totalmente novo e não há, no cotexto, âncoras textuais que orientem sua identificação. Na segunda situação, corresponde a um caso de anáfora; embora o objeto de discurso em pauta também seja novo, há âncoras no cotexto com base nas quais ele será interpretado. Para nós, a introdução referencial ocorrendo por meio de pronomes sempre configurará um caso de anáfora. Conforme advogam Koch (2008c) e Santos e Colamarco (2014), a introdução de um objeto de discurso por meio de um pronome catafórico é um recurso bastante comum em narrativas de suspense/ terror, pois leva o leitor a especular qual seria o referente em questão, contribuindo, dessa forma, para a construção do suspense no texto.

Ainda, conforme exposto anteriormente, a partir do momento em que um objeto de discurso é introduzido no texto, pode haver sua retomada ou remissões a ele, estratégias que o mantêm em foco, estabelecendo uma cadeia referencial. Na continuidade do texto, esse mesmo objeto de discurso pode ainda ser desativado, permanecendo, no entanto, em estado *stand by*, disponível para voltar ao foco a qualquer momento (KOCH e CAVALCANTE, 2007; KOCH, 2008c).

Após essas considerações, o quadro dos *processos referenciais* poderia ser esquematizado da seguinte maneira (os exemplos serão citados mais a

frente, após a explicação completa de todas as particularidades que envolvem o processo da referenciação, segundo nossa perspectiva)<sup>1</sup>:



**Figura 2:** Classificação das processos referenciais.

No quadro, "enunciação do referente" (ER) corresponde à primeira categorização do referente por meio de uma expressão nominal. Já a "anáfora prospectiva" (AP) antecipa uma ER (cf. ex. 1) ou toda uma parte posterior do texto (cf. ex. 2). Finalmente, a "anáfora retrospectiva" (AR) retoma, correferencialmente ou não, um referente já introduzido no texto, por meio de uma ER (cf. ex. 3) ou de uma outra expressão anafórica (cf. ex. 4), recategorizando-o ou não; ela pode ainda retomar toda uma parte anterior do texto (cf. ex. 5).

Retomamos, novamente, as palavras de Cavalcante (2011, p. 90) para explicar o que compreendemos por recategorização:

[...] a recategorização é o fenômeno cognitivo-discursivo que corresponde à evolução natural que todo referente sofre ao longo do desenvolvimento do texto; ele se dá abstratamente, na mente dos interlocutores, podendo ou não realizar-se no cotexto por meio de termos anafóricos.

Nesse momento, estamos tratando especificamente de anáforas recategorizadoras, ou seja, estamos abordando a recategorização quando ela se realiza, no cotexto, por meio de termos anafóricos, ou seja, por meio de expressões referenciais.

Além disso, compreendemos que as expressões referenciais podem apresentar as seguintes *funções* no texto: antecipação, introdução, retomada ou remissão. Essas funções ocorrem de forma não excludente, ou seja, uma mesma expressão referencial pode introduzir um referente no texto e retomar uma expressão referencial, por exemplo.

---

<sup>1</sup> Reiteramos que não discutimos a dêixis nesta pesquisa. Porém, acreditamos ser necessário incluí-la nesse quadro.

Finalmente, em relação às *expressões anafóricas*, propomos a seguinte classificação:

<b>ANÁFORA</b>	(+) correferencial ↑	<b>DIRETA</b>  <b>(AD)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retoma ou antecipa a enunciação do referente.</li> <li>✓ Ao antecipar, pode introduzir um referente no texto.</li> </ul>
		<b>ENCAPSULADORA</b>  <b>(AE)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Retoma ou antecipa toda uma parte do texto, resumindo-a.</li> <li>✓ Sempre introduz um referente no texto.</li> </ul>
	↓ (-) correferencial	<b>INDIRETA</b>  <b>(AI)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Remete a uma expressão referencial sem designar o mesmo referente.</li> <li>✓ Sempre introduz um referente no texto.</li> </ul>

**Quadro 3:** Classificação e propriedades das expressões anafóricas.

Os exemplos a seguir ilustram o que dissemos até aqui:

**(1)** "*Não havia qualquer pressentimento no ar quando eles (ADP) desembarcaram. [...] a ilha os (ADP) envolveu de imediato [...] e os jovens (ER) - três rapazes, duas moças - pularam do barco com cuidado [...]*". (SEIXAS, 2006, p. 9; *apud* SANTOS e COLAMARCO, 2014; grifos das autoras)

No exemplo 1, o pronome "eles", ao mesmo tempo em que introduz um novo referente no texto, antecipa a enunciação do referente, "os jovens", contribuindo, assim, para o suspense do texto.

Além do exemplo extraído do nosso *corpus* e comentado anteriormente, em que a expressão "Burrice", conforme explicamos, antecipa a ação dos burros relatada na continuação da narrativa, o seguinte exemplo, observado por Santos e Colamarco (2014), em sua análise das narrativas de terror, também elucida o uso de uma anáfora prospectiva antecipando toda uma parte posterior do texto:

(2) "*Há dias que nos trazem um presságio, dias em que um pequeno incidente ou a visão de alguma coisa carregam a mensagem do que vai ocorrer mais tarde [...] Foi assim no dia em que tudo (AEP) aconteceu*". (SEIXAS, 2006, p. 93; *apud* SANTOS e COLAMARCO, 2014; grifos das autoras)

Nesse fragmento, o pronome indefinido sublinhado ("tudo") faz referência a ação relatada, na sequência da narrativa, em que um mascarado supostamente perseguiria a protagonista do conto. Além disso, ao mesmo tempo em que ele introduz um referente, antecipa toda uma parte do texto.

(3) "*Desesperada, [a cigarra] bateu à porta da formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida (ER). Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo (ADR), logo que o tempo permitisse*". (LOBATO, 2008, p.13; grifos nossos)

No exemplo 3, "uns miseráveis restos de comida" corresponde à enunciação do referente, uma vez que é a primeira categorização, no texto, do objeto de discurso em questão. Ainda, essa mesma expressão introduz o referente, que será retomado e recategorizado pela anáfora direta retrospectiva "aquela comida de empréstimo".

(4) "*Burrice (AEP)*

*Caminhavam dois burros (AIR) [...] "* (LOBATO, 2008, p.25; grifos nossos)

Conforme comentamos anteriormente, a expressão referencial "dois burros" corresponde a uma anáfora indireta retrospectiva que retoma, não correferencialmente, a expressão anafórica "Burrice", uma anáfora encapsuladora prospectiva.

(5)

- São coisas do latim, minha filha. Nessa língua havia duas palavras parecidas: poena e penna. A primeira virou em nossa língua "pena" - pena-dor; e a segunda ficou penna mesmo - a tal das aves.

- E depois a penna das aves perdeu a peninha e virou pena com um n só, igual à pena-dor - concluiu Emília -, e agora está aí, está aí, está aí...

- Está aí o quê, Emília?

- Esta aí um grande embrulho (AER)... (LOBATO, 2008, p.15; grifo nosso)

Como exposto na seção 3.2.1 deste capítulo, a expressão "um grande embrulho" corresponde a uma anáfora encapsuladora retrospectiva, uma vez que retoma, resumindo, todo um conteúdo proposicional anterior a ele: a confusão, no português, entre os dois possíveis significados da palavra "pena" e a trajetória de "poena" e "penna" do latim para o nosso idioma.

Por fim, é importante ressaltar que a anáfora indireta e a anáfora encapsuladora podem corresponder a mais de um *processo referencial*. Analisemos os exemplos abaixo:

(6) "O burro na pele do leão (ER)

Certo burro de ideias (ADR), cansado de ser burro, deliberou fazer-se leão.

[...]

'Vou pregar-lhe o maior susto da vida', pensou lá consigo o animalejo (ADR) - e, lançando-se à frente do homem desferiu um formidável urro. Em vez de urro, porém, saiu o que podia sair de um burro (ADR): um zurro (AIR)."

(LOBATO, 2008, p.48; grifo nosso)

"Um zurro" corresponde a uma anáfora indireta retrospectiva (AIR), uma vez que remete, não correferencialmente, ao burro na pele do leão. Ou seja, a ativação do objeto de discurso zurro está ancorada no objeto de discurso burro, por isso podemos dizer que há uma remissão.

Imaginemos, porém, que, na continuação do texto, houvesse o período em negrito a seguir:

**(7) "O burro na pele do leão (ER)**

Certo burro de ideias (ADR), cansado de ser burro, deliberou fazer-se leão. [...] 'Vou pregar-lhe o maior susto da vida', pensou lá consigo o animalejo (ADR) - e, lançando-se à frente do homem desferiu um formidável urro. Em vez de urro, porém, saiu o que podia sair de um burro (ADR): um zurro (AIR/ER)." (LOBATO, 2008, p.48; grifo nosso)

**O barulho (ADR) fez com que o dono ficasse desconfiado.**

"Um zurro", como vimos, corresponde a uma anáfora indireta retrospectiva (AIR), uma vez que retoma, não correferencialmente, "um burro". No entanto, uma vez que abre uma nova cadeia referencial ("um zurro" será retomado por "o barulho"), sendo ainda a primeira categorização de um novo referente no texto por meio de uma expressão nominal, corresponde, também, a uma enunciação do referente (ER). Assim, esquematicamente, temos:

- CADEIA REFERENCIAL 1: "o burro na pele de leão" (ER) - "burro de ideias" (ADR) - "animalejo" (ADR) - "um burro" (ADR).
- CADEIA REFERENCIAL 2: "um zurro" (AIR/ER) - "o barulho" (ADR).

Ambas as cadeias referenciais podem, ainda, ser ilustradas da seguinte maneira:

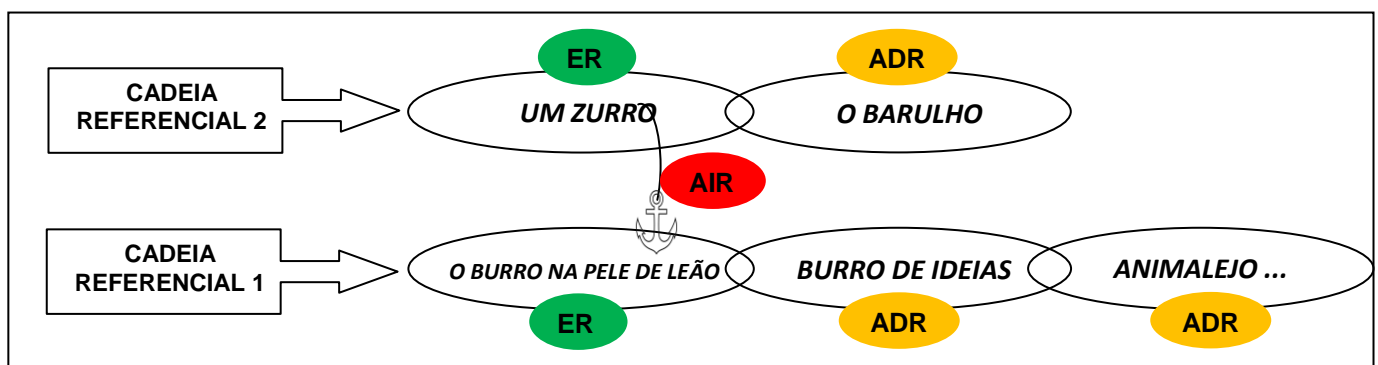


Figura 3: Esquema ilustrativo das cadeias referenciais relacionadas.

Por fim, reconhecemos uma tendência atual em desvincular, cada vez mais, a análise dos processos referenciais do critério de menção (LIMA e FELTES, 2013), ou seja, priorizando a manifestação das expressões referenciais no contexto para, então, descrever os diferentes processos. Desse modo, acredita-se que o foco maior dos estudos de referenciação, nesse momento, deve recair sobre os aspectos sociocognitivos inerentes ao fenômeno. Assim, ao revisitar a teoria, reorganizando a classificação dos processos, das expressões e das funções referenciais, parece estarmos na contracorrente dos estudos atuais da área. No entanto, reiteramos que, de acordo com nossa concepção, o valor maior do processo de referenciação está justamente no fato de ele possibilitar uma análise textual/discursiva que parte do elemento linguístico para, então, chegar à construção dos efeitos de sentido do texto e à construção cognitiva dos diferentes objetos de discurso contidos nele. Desse modo, reformulando detalhes da compreensão do funcionamento dos elementos envolvidos no processo de referenciação e preenchendo as lacunas reconhecidamente presentes na teoria, julgamos estar contribuindo para uma prática de leitura mais eficaz, uma vez que, nesse processo, não é possível separar por completo o elemento linguístico do não linguístico (CIULLA e SILVA, 2008). Assim, concordamos com Santos e Colamarco (2014) quando reconhecem a complexidade do fenômeno em pauta; segundo as autoras, "Só é possível identificar os objetos de discurso a partir de associações cognitivas, e os processos referenciais colaboram na construção dos efeitos de sentido das escolhas linguísticas no projeto de dizer" (SANTOS e COLAMARCO, 2014, p. 45). Isto é, a compreensão dos processos referenciais leva-nos à compreensão da construção do sentido dos textos.

Além disso, nossa proposta, nesse trabalho, conforme anteriormente exposto, é propor uma metodologia de análise em que se parta justamente do elemento linguístico para chegar aos efeitos de sentido do texto, à sua intencionalidade e à compreensão maior dos objetos de discurso representados. Se pensada para o ensino, essa metodologia possibilita a integração das três grandes práticas de estudo da disciplina de Língua

Portuguesa, propostas pelos PCN (a prática de leitura, de produção textual e de análise linguística), conforme será comprovado no capítulo 5 desta Tese.



## 4. ANÁLISE

### 4.1. Aspectos metodológicos da pesquisa

Nesta Tese, analisamos dez fábulas de Monteiro Lobato em contraponto a dez fábulas correspondentes de Esopo. Para tanto, selecionamos os textos clássicos da obra *As fábulas de Esopo: em texto bilíngue*, traduzida por Manuel Aveziza<sup>2</sup>. As fábulas de Monteiro Lobato foram publicadas em seu livro *Fábulas*, cuja primeira edição data de 1922. A edição utilizada neste trabalho é a primeira da Editora Globo, impressa em 2008, da qual constam 74 fábulas ilustradas.

Compreendemos que muitos títulos são atribuídos ao autor clássico indevidamente, e, por isso, buscamos uma obra conceituada e de confiança para a escolha dessa primeira parte de nosso *corpus*. Uma vez que trabalhamos com textos traduzidos e não com originais, procuramos, ainda, uma tradução que fosse a mais fiel possível da versão grega, por isso escolhemos a obra de Aveziza (2002), na qual as versões em grego e em português podem ser observadas lado a lado. O contraste entre as fábulas de Esopo e de Lobato decorre do fato de o autor nacional ter se baseado nas narrativas de Esopo e de La Fontaine para recriar os seus textos.

Conforme exposto na seção 2.3 desta Tese, a partir da 8<sup>o</sup> edição das *Fábulas*, Lobato inseriu, ao final da fábula propriamente dita, discussões dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo sobre o que ouviam de Dona Benta. No entanto, não consideramos esses diálogos em nossa análise, apenas a fábula propriamente dita foi objeto de investigação da nossa pesquisa. Embora reconheçamos a relevância desses diálogos para as fábulas lobatianas, descartamos as discussões dos personagens do sítio de nossa investigação, uma vez que nosso objeto de investigação são apenas as fábulas; além disso, caso contrário, não seria possível estabelecer um contraponto preciso e coerente entre as versões nacionais e as de Esopo, que não apresentam

---

<sup>2</sup> Agradecemos ao Professor Doutor Auto Lyra Teixeira, do departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFRJ, pela indicação desta obra.

qualquer elemento após a moralidade fabular.

Ao comparar *As fábulas de Esopo: em texto bilíngue* e *Fábulas*, identificamos 19 textos em comum entre as duas obras, das quais dez foram selecionados para análise. Essa escolha deu-se aleatoriamente, pois nossa proposta, nesta pesquisa, é descobrir, principalmente, o que as cadeias referenciais dos textos têm a nos mostrar. Desse modo, não queríamos que nossas hipóteses direcionassem a delimitação do *corpus*.

Portanto, nosso *corpus* compõe-se de 20 fábulas ao total, sendo dez de Esopo e dez de Monteiro Lobato, conforme ilustra o quadro 4 a seguir:

TÍTULO DE ESOPHO	TÍTULO DE MONTEIRO LOBATO
"A cigarra e as formigas"	"A cigarra e as formigas"
"O jumento que transportava sal"	"Burrice"
"O cão, o galo e a raposa"	"O galo que logrou a raposa"
"O jumento que passava por ser um leão"	"O burro na pele do leão"
"O avarento"	"Unha-de-fome"
"O rato e a rã"	"O rato e a rã"
"O lobo e o cordeiro"	"O lobo e o cordeiro"
"A galinha dos ovos de ouro"	"A galinha dos ovos de ouro"
"O leão e o rato agradecido"	"O leão e o ratinho"
"O veado na fonte e o leão"	"O útil e o belo"

**Quadro 4:** Título das dez fábulas Esopo e das dez fábulas correspondentes de Monteiro Lobato, que compõem o *corpus* da pesquisa.

O objetivo central do nosso estudo é entender, à luz da Linguística de Texto, de que modo a referenciação constitui elemento basilar na construção de sentido das fábulas de Monteiro Lobato em oposição às de Esopo. Para que isso fosse possível, dividimos nossa análise em três etapas distintas, porém complementares, discriminadas a seguir.

Inicialmente, investigamos cada uma das 20 fábulas integralmente e não apenas olhando para exemplos soltos, previamente selecionados com vistas a comprovar uma ideia. Assim, analisamos as 20 fábulas, observando as cadeias referenciais utilizadas, nas narrativas, na recuperação dos personagens e de

elementos relacionados a eles. Também destacamos pistas textuais responsáveis pela construção desses referentes nas fábulas. Uma vez que optamos por examinar de forma contrastiva os textos, ao longo de nossa análise, tecemos comentários gerais sobre seu enredo e sua moralidade, sempre com vistas a comparar as duas versões de uma mesma narrativa.

Assim, nesse primeiro momento (seção 4.2.1), procedemos a uma análise qualitativa do *corpus*, de cunho analítico-descritivo, em que levantamos as estratégias de referenciação utilizadas em cada uma das 20 fábulas, refletindo, ainda, sobre sua função na (re)elaboração dos referentes representados. Principalmente, identificamos quando as expressões referenciais ou as pistas textuais utilizadas manifestam determinada avaliação dos objetos de discurso. Para tanto, foram destacadas e analisadas as enunciações do referente e as anáforas diretas, indiretas e encapsuladoras, assim como as pistas textuais responsáveis pela construção e pela avaliação, no texto, dos objetos de discurso.

Como não são comuns os diálogos entre os personagens fabulares nas narrativas de Esopo, delimitamos nossa análise aos trechos em que a história é contada pelos narradores, para que, assim, um contraponto mais coerente entre as versões clássica e nacional pudesse ser estabelecido. Apenas abordamos a fala de um personagem quando ela transmite a moralidade da fábula.

Na segunda etapa da análise (seção 4.2.2), ainda de caráter principalmente qualitativo, investigamos mais precisamente a relação entre a referenciação e a avaliação dos textos, em dois momentos: “A cadeia referencial e a avaliação do texto” (seção 4.2.2.1) e “As pistas textuais e a avaliação do texto” (seção 4.2.2.2).

Em “A cadeia referencial e a avaliação do texto”, encaminhamos nossa investigação da seguinte maneira:

- (i) Distribuimos as expressões referenciais, que recuperam os referentes das fábulas analisadas, em dois grandes quadros, com exemplos extraídos das dez fábulas de Esopo das dez narrativas

lobatianas. Ainda nesses quadros, explicitamos, quando possível, o valor que reveste cada um desses objetos de discurso representados por cadeias referenciais.

- (ii) Delimitamos cinco diferentes estratégias, utilizadas na referência aos objetos de discurso dos textos, que manifestam ou sugerem uma avaliação dos personagens e de outros elementos das fábulas, (re)categorizados por expressões referenciais nominais.
- (iii) Contabilizamos a ocorrência de cada uma dessas cinco estratégias nas fábulas de Esopo e nas narrativas de Monteiro Lobato e contrastamos seu uso nas versões clássica e nacional.

Já na seção “As pistas textuais e a avaliação do texto”, apenas organizamos as pistas textuais, que contribuem para a avaliação dos personagens e de outros elementos das fábulas, em três grandes quadros. Na primeira, encontram-se os exemplos extraídos das fábulas clássicas e, nas outras duas, representamos os fragmentos transcritos das narrativas de Monteiro Lobato. Também nessas tabelas, destacamos o valor que reveste cada um dos objetos de discurso, manifestado por pistas textuais, e tecemos breves comentários acerca dessas avaliações. Ao final da seção, comparamos o uso de pistas textuais nos textos de Esopo e nas versões lobatianas.

Na terceira etapa, ocupamo-nos especificamente da anáfora direta e procedemos a uma análise quantitativa do *corpus*, em que contabilizamos as estratégias utilizadas em cada um dos textos para retomar correferencialmente os objetos de discurso introduzidos, nas narrativas, por enunciações dos referentes. Ou seja, investigamos, nas retomadas por anáfora direta, as ocorrências de elipse, pronome, repetição da expressão referencial ou expressão referencial recategorizadora.

Cabe esclarecer que, para proceder a uma metodologia única de análise, optamos por contabilizar os casos de elipse em posição de sujeito apenas quando a omissão desse termo ocorre fora do período. Os exemplos a seguir esclarecem essa questão. Em “Certo jumento, revestido de uma pele de leão, era tido por todos como um leão, e punha em fuga tanto os homens como

os animais” (ESOPO, 2002, p. 173), embora o sujeito do verbo “pôr” não esteja explícito, não o contabilizamos como elíptico, uma vez que esse verbo faz referência ao “certo jumento”, termo que abre o período. Já em “Um jumento carregado de sal atravessava um rio. A certa altura,  $\otimes$  escorregou e caiu na água” (ESOPO, 2002, p. 173), identificamos uma elipse ( $\otimes$ ), uma vez que não há referência explícita ao sujeito no período como um todo. Consideramos essa a melhor opção de análise, uma vez que, se procedêssemos de outra forma, a opção dos autores pelo uso do período simples ou do composto influenciaria no exame das estratégias referenciais, o que não queríamos que acontecesse.

Também, consideramos como uma repetição da expressão referencial apenas os casos em que a expressão referencial da enunciação do referente é repetida integralmente, sem nenhuma alteração, na expressão anafórica direta. Outros exemplos correspondem, a nosso ver, a uma expressão referencial recategorizadora.

Ainda nessa terceira etapa da análise, examinamos com mais cuidado as expressões referenciais recategorizadoras, observando a configuração do seu núcleo (seção 4.2.3.2) e de seus determinantes (seção 4.2.3.3) e evidenciando a relação de cada um deles com os graus de recategorização e de avaliação dos objetos de discurso retomados. Restringimo-nos a avaliar apenas as fábulas de Monteiro Lobato nessa etapa da pesquisa, uma vez que, somente nelas, a recategorização corresponde à estratégia mais recorrente.

## **4.2. Análise dos dados**

### **4.2.1. Análise contrastiva entre as fábulas de Esopo e as fábulas de Monteiro Lobato**

#### **4.2.1.1. "A CIGARRA E AS FORMIGAS"**

Na abertura de seu livro *Fábulas*, Monteiro Lobato (LOBATO, 2008) recria o famoso texto de Esopo “A cigarra e as formigas” (cf. Anexo 1, p. 169). Na fábula original, chegado o inverno, uma cigarra pede comida às formigas,

pois, como não trabalhara no verão, não estava preparada para o tempo frio. As formigas, que passaram o verão inteiro trabalhando, negam ajuda à cigarra, que cantou durante toda a estação quente.

Na moral do texto de Esopo, vemos: “Esta fábula mostra que, em todo e qualquer assunto, ninguém deve ser negligente, a fim de não sofrer desgostos nem correr perigos” (ESOPO, 2002, p. 73). Finalmente, compreende-se que o não trabalhar (o cantar da cigarra) corresponde a uma negligência, ao passo que o trabalho configura a precaução. Assim, é transmitida ao leitor a lição de que não podemos nunca ser descuidados, ou seja, o texto ensina-nos que, se não estivermos sempre preparados e atentos, passaremos por momentos difíceis.

No que diz respeito às estratégias de referenciação, no texto de Esopo, a expressão referencial “as formigas”, que enuncia e introduz o referente no título da fábula, é repetida três vezes, sendo retomada, também, pelo pronome “lhes”. Já o outro animal, enunciado, também no título da obra, como “a cigarra”, é retomado pelo pronome “lhe” e pela expressão anafórica “uma cigarra com fome”, em que o termo determinante do núcleo, “com fome”, pode indicar certa pena do narrador pela cigarra. Assim, observa-se apenas uma avaliação sutil de um dos referentes do texto, se analisarmos apenas sua forma de denominação na narrativa. Ainda, essa avaliação positiva da cigarra é desconstruída, na moral do texto, quando compreendemos que ela é a culpada por sua situação, já que foi negligente. Também não há, na versão clássica, pistas textuais que nos permitam perceber alguma avaliação mais consistente de um dos referentes enunciados.

Na versão de Lobato, a fábula “A cigarra e as formigas” (cf. Anexo 2, p. 170) é dividida em dois momentos. No primeiro, “A formiga boa”, a formiga abriga a cigarra em sua casa durante o inverno e garante o seu sustento; no segundo, “A formiga má”, o desfecho da narrativa ocorre como na história original, com um agravante: a cigarra morre e, então, o verão seguinte torna-se triste, uma vez que não se escuta mais a sua música. Ou seja, embora, no título de Lobato, a expressão “as formigas” esteja também no plural, ao

contrário do que ocorre em Esopo, ela não se refere às formigas de maneira genérica, mas a duas formigas com comportamentos opostos (“a formiga boa” e “a formiga má”), que participam, isoladamente, de cada um dos momentos do texto. Ou seja, na fábula de Monteiro Lobato, a expressão referencial “as formigas”, do título, enuncia e introduz dois referentes distintos, retomados, posteriormente, pelas anáforas diretas recategorizadoras “a formiga boa” e “a formiga má”.

Logo no subtítulo “A formiga boa”, percebemos uma avaliação positiva da primeira formiga, que se opõe à segunda, “a formiga má”, avaliada negativamente. Em ambas as expressões, os qualificadores do núcleo nominal, ou seja, os adjetivos “boa” e “má”, funcionam como modificadores axiológicos positivo e negativo (KOCH, 2001, p. 86), respectivamente, sendo responsáveis, portanto, por essa atribuição de valor. Assim, já nessa primeira expressão anafórica recategorizadora (“a formiga boa” retoma parcialmente a expressão referencial “as formigas” do título da fábula), podemos observar uma atribuição de valor por parte do narrador.

Além disso, compreendemos que, também nesse primeiro subtítulo, há um posicionamento crítico frente ao texto de Esopo, uma vez que, se essa formiga é a boa, e explicita-se isso, subentende-se que a primeira, ou seja, a da fábula original de Esopo, agiu errado, era a má. Confirma essa ideia o fato de a formiga da versão clássica ter o mesmo comportamento da formiga do segundo momento da fábula nacional, ou seja, ela age da mesma maneira que “a formiga má”. Sendo assim, constatamos que a recategorização do referente formiga, na fábula de Monteiro Lobato, contribui também para (re)construção do referente formiga da fábula de Esopo.

“A formiga boa” é ainda retomada duas vezes pela anáfora direta “a formiga” e recategorizada pela expressão “uma formiga friorenta embrulhada num xalinho de paina”, em que o uso do diminutivo na oração de valor adjetivo que determina o núcleo “formiga” reforça a ideia de afetividade para com esse animal.

A personagem cigarra, na fábula original, é caracterizada, a partir moral do texto, de forma bastante depreciativa, como um animal negligente, que deixou de trabalhar, que não se esforçou. Também essa ideia é desconstruída na fábula de Lobato, como comprovam as expressões referenciais utilizadas para nomear este segundo animal na progressão do texto, recategorizando “a cigarra”, expressão também retomada por pronomes possessivo e pessoal no decorrer da narrativa:

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. [...] A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. (LOBATO, 2008, p.12; grifos nossos)

A expressão referencial “uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro” é retomada por “A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros” (grifos nossos), em que o substantivo é determinado pelo adjetivo “pobre”, qualificador que evidencia, contextualmente, que a cigarra é digna de pena. A expressão referencial deixa, ainda, subentendidas, no texto, uma simpatia e uma cumplicidade para com essa personagem, intensificadas pela situação de penúria por que ela passa: “sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros”. Novamente, o uso do diminutivo (“galhinho”) evidencia uma afetividade do narrador pelo animal, dessa vez, a cigarra.

Na continuação do texto, as anáforas diretas “A pobre cigarra, toda tremendo” e “a triste mendiga suja de lama e a tossir” recategorizam “a cigarra”, intensificando ainda mais sua angústia. Ainda, nesta última expressão anafórica (“triste mendiga suja de lama e a tossir”) modifica-se, pela primeira vez, o núcleo da expressão referencial e não apenas um determinante seu. Assim, metaforicamente, a cigarra é recategorizada como “mendiga”, termo que, além de enfatizar sua situação de miséria, contribui para evidenciar a personificação do animal. É importante reiterarmos que não podemos deixar de ver, nessa estratégia de reforçar a situação degradante da cigarra por meio



das expressões referenciais que a denominam, uma forma de avaliá-la positivamente, por ser um animal indefeso que precisa de ajuda.

Mais adiante, lemos: “A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol” (grifo nosso). Nesse trecho final da fábula, o termo "cigarra" é retomado pela expressão anafórica recategorizadora “a alegre cantora dos dias de sol”, o que evidencia novamente para o leitor uma avaliação positiva do referente cigarra: ela é uma artista e, além disso, é enaltecida pelo adjetivo “alegre”. Ainda, compreendemos que seu cantar corresponde a um trabalho, já que ela é nomeada, metaforicamente, como "cantora", termo que substitui, mais uma vez, o núcleo da expressão referencial retomada. Ao afirmar que a cigarra "tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro" e "só parava quando cansadinha (LOBATO, 2008, p.12), o narrador reforça que seu cantar configura um trabalho, uma vez que ele deixa a cigarra até mesmo cansada.

Na segunda parte da fábula, como vimos, a expressão “a formiga má” retoma, novamente, “as formigas” do título. Na progressão do texto, esse referente vai ser recuperado, em alguns trechos, por “a formiga” ou por pronomes possessivo e pessoal e, em outros momentos, receberá novas configurações por meio de expressões referenciais nominais. Em "uma formiga má que não soube compreender a cigarra", a oração adjetiva que determina o núcleo "formiga" evidencia o caráter intolerante/ intransigente do animal, o que contribui para uma avaliação negativa.

Além disso, nas expressões anafóricas recategorizadoras “uma usurária sem entranhas” e “a usurária”, modifica-se o núcleo da expressão referencial "formiga " por "usurária", o que manifesta a personificação do animal e evidencia, novamente, uma avaliação depreciativa. Também é importante considerarmos que essas recategorizações, além de destacarem para o leitor o caráter avarento da formiga, contribuem para vitimizar ainda mais a cigarra. Por outro lado, porém, o referente cigarra, nessa parte da fábula, além de ser retomado por "a cigarra" e por pronomes pessoais, é recategorizado por "aquela cigarra morta por causa da avareza da formiga", expressão que reitera

a falta de generosidade da formiga. Temos, com isso, duas cadeias referenciais independentes em que uma contribui para construção do objeto de discurso referido na outra.

A formiga má também é caracterizada como “invejosa”, o que introduz uma ideia nova no texto, que não aparecia na fábula de Esopo. Nesta nova versão, um dos motivos pelos quais a formiga não abrigou a cigarra em sua casa é a inveja, conforme se lê mais adiante: “Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres” (LOBATO, 2008, p.13).

No texto de Monteiro Lobato, visto integralmente, narra-se que ambas as formigas trabalharam durante o verão para acumular mantimentos ou construir seu abrigo, sendo assim, embora as duas formigas sejam caracterizadas como trabalhadoras, uma delas é avaliada positivamente e, a outra, negativamente. Desse modo, compreendemos que não é sua característica de trabalhadora ou não que está sendo avaliada ou, pelo menos, não é ela que está em foco. A avaliação positiva de uma formiga em detrimento à outra se dá pelo fato de a formiga boa ser generosa / tolerante e considerar o cantar da cigarra como um ofício, ao contrário da outra.

Observemos, logo abaixo, dois trechos da fábula de Lobato, o primeiro retirado de “A formiga boa” e, o segundo, de “A formiga má”. Neles, há o relato do momento em que a cigarra vai até a casa da formiga pedir ajuda.

A pobre cigarra sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

[...]

- Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu... (LOBATO, 2008, p.12; “A formiga boa”)

Desesperada, [a cigarra] bateu à porta da formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo permitisse. (LOBATO, 2008, p.13; “A formiga má”)

Comparando os dois trechos, percebemos que o segundo relato é bem mais carregado de emoções, enfatizando ainda mais a situação de angústia e desespero por que passa a cigarra. As observações listadas a seguir,

relacionadas às estratégias referenciais, confirmam essa ideia. Além disso, esse estado do animal, de certo modo, já havia sido sugerido logo no primeiro parágrafo da fábula: "o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde se abrigar, nem folhinhas que comesse" (LOBATO, 2008, p.13).

- (i) No segundo trecho transcrito, a cigarra implora por "miseráveis restos de comida". Essa expressão se opõe ao termo "agasalho", utilizado no primeiro excerto para determinar o pedido do animal, ressaltando, assim, sua situação de pobreza extrema no segundo momento.
- (ii) A expressão citada no item anterior "miseráveis restos de comida" enuncia um referente novo do texto, que será retomado por "aquela comida de empréstimo". Com isso, entendemos que aquele resto de comida que, na concepção de muitos, deveria até mesmo ser jogado fora, será aceito pela cigarra como o seu alimento do inverno. Além disso, reafirma-se a ideia de que a cigarra não quer ganhar nada de graça, mas está apenas pedido um empréstimo à usurária formiga.

Apesar de todo sofrimento da cigarra, o texto narra que a formiga "com dureza a repeliu de sua porta" (LOBATO, 2008, p.13), enfatizando a maldade do animal. Ainda nesta segunda parte da fábula, lemos: "Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha". (LOBATO, 2008, p.13; grifo nosso). Desse modo, vemos que o resultado do egoísmo da formiga foi o fim trágico da cigarra, que morreu inteiriçada com frio. Ressaltamos que a opção por utilizar o adjetivo "entanguido" no grau diminutivo transmite uma ideia de afetividade e reafirma, com isso, uma cumplicidade para com a cigarra.

Na moral da fábula "A cigarra e as formigas" de Monteiro Lobato afirma-se: "Os artistas – poetas, pintores, músicos – são as cigarras da humanidade" (LOBATO, 2008, p.13). Nesse trecho, por meio de uma contrução que conta com o auxílio de um verbo de ligação, é estabelecida uma relação de equivalência entre os artistas e a cigarra. Assim a expressão referencial "os artistas", que enuncia um novo referente ao final do texto, é retomada e recategorizada pela anáfora direta "as cigarras da humanidade". Constrói-se,

desse modo, mais uma metáfora na fábula, figura de linguagem que, consoante Fiorin (2014, p. 34), "[...] despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem. Com isso, dá concretude a uma ideia abstrata, aumentando a intensidade do sentido."

Ou seja, essa metáfora reafirma a relação anteriormente construída no texto entre a cigarra e uma cantora/artista, e, com ela, entendemos finalmente que, assim como a cigarra da fábula, os artistas não são compreendidos e acabam sendo vítimas de injustiças. Desse modo, introduz-se uma nova discussão no texto, que vai muito além da que era observada em "A cigarra e as formigas" de Esopo.

Além disso, percebemos que, nessa fábula de Lobato, a moral não corresponde ao componente temático do texto, conforme postula Fiorin (1987) como característico do gênero fabular (cf. seção 2.2). Conforme se verá nas análises seguintes, essa característica se repetirá em outras fábulas de Monteiro Lobato, constituindo-se como uma modificação trazida pelo autor, em alguns casos, para o gênero em pauta.

Finalmente, ao contrário do que também se considera como prototípico das fábulas, a moral de "A cigarra e as formigas" de Lobato faz uma denúncia e não traz um ensinamento sobre o correto comportamento do ser humano, como ocorre no texto de Esopo, cuja moral nos exorta a não sermos negligentes. Assim, entendendo que a moralidade pode determinar a interpretação da narrativa, compreendemos que a narração de "A formiga má" evidencia a situação de injustiça por que passam os artistas, que não têm, como a cigarra, seu trabalho reconhecido como tal.

#### **4.2.1.2. "O JUMENTO QUE TRANSPORTAVA SAL" e "BURRICE"**

A fábula "O jumento que transportava sal" (cf. Anexo 3, p. 172), de Esopo, narra a história de um jumento que carrega sal e, a certa altura, escorrega no rio que atravessava. Seu carregamento derrete, o que facilita o restante de sua travessia. Tempos depois, o mesmo jumento precisa passar

novamente pelo rio, mas, dessa vez, com um carregamento de esponja. Propositamente, ele cai na água, pensando que, da mesma forma que antes, a travessia seria facilitada pelo derretimento do material transportado. No entanto, o resultado, dessa vez, é oposto. O carregamento fica ainda mais pesado e o jumento acaba morrendo afogado. Na moral do texto, aprendemos que certos indivíduos se tornam infelizes devido a sua própria astúcia.

Em relação às estratégias de referenciação, novamente observamos em Esopo a preferência pela repetição de uma mesma expressão referencial ou pelo uso de pronomes. Quando há alguma modificação na expressão referencial, ela é bastante sutil e não caracteriza o referente de forma expressiva. Assim, a expressão referencial do título do texto, “o jumento que transportava sal”, é retomada apenas pelas anáforas diretas “um jumento carregado de sal” e “o jumento”, repetida ainda duas vezes ao longo do texto. Com isso, não se verifica uma avaliação explícita do personagem pelo narrador, se avaliarmos apenas a cadeia referencial do texto. Mais uma vez, também não é possível perceber pistas textuais que façam transparecer essa avaliação.

A versão de Monteiro Lobato para essa fábula denomina-se “Burrice” (cf. Anexo 4, p. 173). Nela, não se narra apenas a história de um jumento, mas de dois burros distintos, um que carrega açúcar (e não sal) e outro que carrega esponjas. Ou seja, da mesma forma que em “A cigarra e as formigas”, o texto de Monteiro Lobato transforma em dois personagens distintos um único personagem de Esopo. Seguindo o enredo do texto clássico, os animais, em “Burrice”, precisam atravessar um rio, transportando suas cargas. No texto nacional, no entanto, a ponte sobre o rio cai e, para chegar ao outro lado da margem, é necessário aventurar-se pela água. O burro que transporta açúcar não tem dificuldades nessa travessia, mas o burro das esponjas, imitando o colega, lança-se no rio e, como sua carga fica cada vez mais pesada, vai ao fundo.

O título da versão de Monteiro Lobato, “Burrice”, corresponde a um substantivo abstrato, o que é bastante incomum no gênero fabular. Assim, ele

não faz referência a um ou mais personagens da narrativa, como é recorrente observarmos nos textos desse gênero. Todas as fábulas de Esopo analisadas seguem esse modelo. Em Monteiro Lobato, duas fábulas, das dez analisadas, fogem ao padrão. Além disso, a expressão “burrice” apresenta, no texto, um caráter ambíguo, podendo corresponder a “coisa/ ação de burros” ou a “estupidez”.

Essa relação de ambiguidade e os possíveis sentidos de “burrice” são identificados após a leitura integral da fábula, já que a expressão faz referência a toda a ação relatada, posteriormente, na narrativa: a travessia do rio pelos dois burros, se compreendermos “burrice” apenas como “coisa/ação de burro”, ou a travessia do burro da esponja, se identificarmos como “burrice” uma “estupidez”. Trata-se, portanto, de uma anáfora encapsuladora prospectiva – ela introduz um novo referente no texto, ao mesmo tempo em que sumariza toda uma parte posterior dele. Ainda, por possibilitar a interpretação da ação do burro da esponja como uma estupidez, a expressão evidencia uma avaliação negativa desse personagem. Com isso, mais uma vez observamos uma cadeia referencial influenciando a caracterização de um outro objeto de discurso, ao qual ela não faz referência direta. Nesse caso, porém, as cadeias referenciais em questão não são independentes, mas estão interligadas, conforme explicamos a seguir.

A expressão referencial "dois burros" introduz, logo no início do texto, dois referentes distintos, que serão, posteriormente, recategorizados como “um com a carga de açúcar” e “outro com carga de esponjas”. Essa introdução ocorre mais uma vez de forma ancorada: "dois burros" remete a "burrice", não correferencialmente, correspondendo a uma anáfora indireta. Assim, verificamos que a expressão anafórica indireta “dois burros” é retomada por duas expressões distintas, ambas anáforas diretas (“um com a carga de açúcar” e “outro com carga de esponjas”), que denominam referentes também diversos. A partir daí, duas cadeias referenciais diferentes são formadas, cada uma para designar um dos burros.

A expressão referencial “um com a carga de açúcar” é retomada por “o primeiro”, “o burro do açúcar” e o “outro”. Assim como na fábula de Esopo, nenhuma dessas denominações do referente nos permite perceber uma avaliação desse primeiro animal.

Já “outro com carga de esponjas” é retomado por um pronome pessoal e pelas anáforas diretas recategorizadoras “o outro”, “o burro da esponja, fiel às suas ideias” e “o pobre tolo”. O burro, mesmo depois de ouvir os ensinamentos do colega em relação ao perigo que se corre quando se vive imitando os outros, não lhe dá ouvidos e se joga na água. Assim, a caracterização do animal como “fiel às suas ideias” reforça, contextualmente, a teimosia do “pobre tolo”, corroborando para a avaliação negativa desse segundo objeto de discurso. Já a última expressão, “o pobre tolo”, manifesta, por meio de seu núcleo nominal (“tolo”), também uma avaliação negativa do segundo burro.

Uma pista textual colabora ainda para a construção do objeto de discurso burro do açúcar. Sobre ele, o narrador afirma que “continuou a filosofar”, reconhecendo o caráter reflexivo desse animal, que é também reforçado por suas falas ao longo da narrativa.

A moral do texto de Lobato mais uma vez determina uma mudança em relação ao que comumente observamos nas fábulas clássicas. Aqui, o ensinamento da fábula não vem destacado, como é habitual em Esopo, mas surge na fala de um dos personagens, o burro do açúcar: “Bem dizia eu! Não basta *querer* imitar, é preciso *poder* imitar” (LOBATO, 2008, p. 25; grifos do autor). Novamente introduz-se no texto uma nova discussão, pois não é mais a astúcia mal utilizada de certas pessoas que está em pauta, mas constrói-se uma oposição entre o “querer” e o “poder”. É importante ressaltarmos que, segundo a moral nacional, o problema não é a imitação do outro, porém o fato de querer imitar o outro sem ter capacidade para tal. Essa mesma discussão surge novamente na fábula “O burro na pele de leão”, conforme exposto na seção 4.2.1.4.

#### 4.2.1.3. "O CÃO, O GALO E A RAPOSA" e "O GALO QUE LOGROU A RAPOSA"

Na fábula de Esopo, "O cão, o galo e a raposa" (cf. Anexo 5, p. 174), um cão e um galo, que haviam feito amizade, andam juntos pela floresta, até que, ao anoitecer, decidem ajeitar-se para dormir. O galo, então, sobe em uma árvore e o cachorro deita-se junto à raiz da mesma. Como de costume, ao amanhecer, o galo canta para anunciar a chegada do dia. Ao ouvir o animal, uma raposa esperta vai até a árvore e pede que o galo desça para que ela possa abraçá-lo. Ele responde dizendo que, antes, ela deve acordar o porteiro da árvore a fim de que ele abra a porta para o galo descer. A raposa, obediente, vai em direção ao porteiro. Assim, quando o cão a vê, salta bruscamente, fazendo-a em pedaços. O ensinamento da narrativa é explicitado na moral: "Esta fábula mostra que as pessoas sensatas, quando são atacadas pelos seus inimigos, dão-lhes o troco remetendo-os aos mais fortes" (ESOPO, 2002, p.55).

A expressão referencial "a raposa" enuncia e introduz o primeiro referente da fábula, sendo retomada, ainda, por pronomes pessoais e por "a raposa" e "uma raposa", em que a forma indefinida "uma" substitui a forma definida "a". Já as expressões "o cão" e "o galo", que enunciam e introduzem os dois outros objetos de discurso do texto, além de serem retomadas por pronomes e pelas expressões nominais "um cão" e "um galo", são repetidas sem alteração na continuação da narrativa, mas recebem também novas configurações.

No trecho "[a raposa] pediu [ao galo] que descesse até ela, porque ela desejava abraçar o animal que tinha uma voz tão bonita" (ESOPO, 2002, p. 55; grifo nosso), a expressão "o galo" é recategorizada por "o animal que tinha uma voz tão bonita", expressão que sugere uma avaliação positiva do referente. É interessante notar, no entanto, que, nesse trecho, o narrador parece estar emprestando sua voz à personagem raposa, que tenta enganar o galo, elogiando-o. O mesmo ocorre na recategorização do referente cão, sublinhada no excerto "O galo lhe disse então para ela acordar primeiramente o porteiro"



(ESOPO, 2002, p. 55; grifo nosso), expressão que, embora reconfigure o objeto de discurso significativamente, não contribui para sua avaliação. Novamente não foram encontradas pistas textuais que contribuam para a avaliação de algum dos personagens da narrativa.

A versão de Monteiro Lobato, “O galo que logrou a raposa” (cf. Anexo 6, p. 175), apresenta algumas diferenças em relação ao texto original, já no enredo da fábula, pois não há a presença de um cão. Nela, a raposa, ao ver o galo em cima da árvore, vai até ele e anuncia-lhe o fim da guerra entre os animais. Ela, então, pede que a ave desça para que os dois comemorem, juntos, este acontecimento. No entanto, o galo, mais esperto, solicita que a raposa espere pela chegada dos três cães, que estariam próximos, para que, todos juntos, confraternizem. Ao ouvir falar em cachorros, a raposa foge do local.

A expressão referencial “o galo que logrou a raposa”, que enuncia, no título do texto, o objeto de discurso galo, é bastante complexa em sua configuração. Ela, além de introduzir o referente galo na fábula, indica que este animal enganou a raposa, o que adianta para o leitor o desfecho da narrativa. Também, na oração adjetiva que caracteriza o núcleo nominal “galo”, ocorre a enunciação e a introdução do referente raposa no texto.

“O galo que logrou a raposa” é retomado e recategorizado, logo no início da narrativa, pela expressão “um velho galo matreiro” (grifos nossos), em que os modificadores do núcleo nominal (“velho” e “matreiro”) sugerem tratar-se de um animal experiente e esperto, que não se deixará enganar, ou seja, essa expressão anafórica confirma a ideia manifestada na enunciação do referente. Outro termo que retoma esse mesmo objeto de discurso é “o galo”.

As duas primeiras expressões referenciais analisadas, “O galo que logrou a raposa” e “um velho galo matreiro” evidenciam certa avaliação positiva do animal pelo narrador. Não necessariamente uma avaliação de concordância com sua atitude, como ocorre na fábula “A cigarra e as formigas”, mas um reconhecimento positivo do objeto de discurso por ele ser caracterizado como esperto. É também interessante notarmos que a esperteza do galo é reforçada,

uma vez que ele configura-se como mais esperto do que a raposa, animal que, nas fábulas, normalmente é caracterizada pela esperteza. Ainda, nessa fábula, a observação atenta da cadeia referencial permite ao leitor inferir o desenvolvimento da história. Ambas as expressões antecipam, como vimos, os acontecimentos que marcam o desfecho da narrativa.

A expressão referencial “a raposa” é repetida ainda duas vezes no texto, retomada por um pronome pessoal e, então, recategorizada por “Dona Raposa”. Conforme exposto na seção 2.2. desta Tese, compreende-se que as fábulas, de um modo geral, embora tratem de animais, são histórias de gente, uma vez que o traço humano de seus personagens-animais é inquestionável. Na fábula em análise, porém, a personificação do referente raposa é reforçada pelo uso da letra maiúscula e da forma de tratamento na expressão anafórica "Dona Raposa" (grifos nossos).

Além disso, o narrador evidencia duas ações opostas da raposa quando ele afirma que ela "murmurou consigo" uma ideia, mas "em voz alta" disse algo diferente para o galo. Assim, compreendemos que o texto sugere, por meio dessas pistas textuais, o caráter traiçoeiro do referente raposa.

A moral do texto é transmitida ao leitor de forma bastante irreverente, aproveitando-se de um conhecido ditado popular: “contra esperteza, esperteza e meia” (LOBATO, 2008, p.34). Além disso, o ensinamento da fábula de Lobato é mais abrangente do que o do texto clássico, pois declara apenas que devemos ser mais espertos do que aqueles que tentam nos enganar pela esperteza, sem especificar em que circunstância. Na versão de Esopo, ao contrário, delimita-se a situação de ataque em que as partes envolvidas estabelecem entre si uma relação de inimizade. Desse modo, percebemos tratar-se de um evento mais sério. Ainda, segundo o texto clássico, para sair vitoriosa desse embate, a parte atacada, se sensata, tem como única solução recorrer ao mais forte.

#### **4.2.1.4. "O JUMENTO QUE PASSAVA POR SER UM LEÃO" e "O BURRO NA PELE DO LEÃO"**

A fábula de Esopo “O jumento que passava por ser um leão” (cf. Anexo 7, p. 176), narra a história de um jumento que veste uma pele de leão e, durante algum tempo, consegue enganar e assustar muita gente. Certo dia, porém, o vento, assoprando com força, arranca-lhe o disfarce. Ao perceber que tinham sido enganados, todos correm atrás do jumento, ferindo-lhe com paus e bengalas. A moral do texto, então, ensina que “Sendo tu um pobre indivíduo particular, não tentes imitar os ricos, a fim de não te exposes às galhofas e aos perigos; porquanto o alheio é inadapável” (ESOPO, 2002, p.173).

Em relação às estratégias de referenciação, novamente não percebemos, no texto de Esopo, alterações significativas nas expressões referenciais nominais utilizadas para denominar o personagem central da fábula. “O jumento que passava por ser um leão”, termo que enuncia e introduz o referente, é retomado por “certo jumento, revestido de uma pele de leão” e “o jumento”, mantendo-se inalterado o núcleo da expressão nominal. Os pronomes “lhe” e “o” também são utilizados na referência ao animal. Desse modo, mais uma vez não se percebe uma avaliação do personagem apenas pela cadeia referencial do texto, da mesma forma que não foram observadas pistas textuais que contribuam para uma avaliação de determinado elemento da narrativa.

Já a versão de Lobato diferencia-se do texto de seu precursor já em seu enredo, pois, em “O burro na pele de leão” (cf. Anexo 8, p. 177), o burro, ao cobrir-se com a pele do leão, deixa suas “orelhas de asno” de fora. Minutos depois, ao ver seu dono, de quem o burro fugira no dia anterior, o animal resolve dar-lhe um susto, lançando-se à sua frente e soltando um grande urro. Seu plano, porém, não dá certo: ao invés de um urro, sai da sua boca um zurro e, além disso, seu dono vê suas orelhas por cima de seu disfarce. No mesmo momento, o homem, então, descobre tratar-se de seu burro fugitivo, tira-lhe a pele de leão, monta nele e leva-o de volta para casa, dando-lhe chicotadas. Ou seja, no texto de Lobato, o castigo pelo erro cometido é de ordem moral, além

de física. Também o burro da fábula nacional é levado de volta para casa, ao passo que o jumento da narrativa de Esopo é linchado por todos aqueles que enganara.

Nessa versão de Lobato, a ideia do burro não foi inteligente, e percebemos isso pelas anáforas diretas “animalejo” e “certo burro de ideias”, que recategorizam, na progressão do texto, a expressão referencial “o burro na pele do leão”, que enuncia e introduz o referente no título da fábula. “Animalejo”, termo que passa a ocupar a posição de núcleo da nova expressão referencial, além de corresponder ao diminutivo de animal, faz referência a um “indivíduo estúpido, bronco”<sup>3</sup>. Ainda, na expressão “certo burro de ideias” (grifo nosso), o termo sublinhado favorece a interpretação de “burro” como estúpido (ser desprovido de inteligência), uma vez que, se o núcleo nominal fizesse referência apenas ao animal burro, ou seja, a um substantivo concreto e não a um substantivo abstrato, o complemento nominal “de ideias” não seria necessário. Percebemos, assim, que novamente o texto de Lobato joga com a ambiguidade do termo “burro” em nossa cultura (cf. seção 4.2.1.2), deixando subentendida, pela cadeia referencial do texto, uma avaliação negativa de um dos personagens da fábula.

Pronomes pessoais também retomam o referente, e a anáfora direta “o pobre bicho”, recategoriza-o, pela terceira vez. O animal foi capturado por seu dono e, por ter agido burramente, é digno de pena.

A falta de inteligência do animal ao executar seu plano é reforçada por um comentário do narrador, logo após citar que ele decidiu urrar para assustar seu dono: “Em vez de urro, porém, saiu o que podia sair de um burro: um zurro” (LOBATO, 2008, p.48; grifo nosso). No fragmento sublinhado, o narrador mostra que era evidente a falta de sucesso da ideia do burro.

Nessa fábula, a moral também é explicitada ao final e configura-se, ainda, como um texto figurativo (cf. seção 2.2): “Quem vestir pele de leão, nem zurre nem deixe as orelhas de fora” (LOBATO, 2008, p.48). Segundo o

---

<sup>3</sup>Grande dicionário Houaiss beta da língua portuguesa. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=animalejo>. Acesso em 20/09/2014.

ensinamento do texto de Monteiro Lobato, o errado não foi o burro se disfarçar e tentar passar por alguém que ele não é, mas tê-lo feito de forma amadora, deixando as orelhas de fora e soltando um zurro. Isto é, entendemos que, se quisermos nos passar por outra pessoa, aparentando ser algo que não somos, só temos que ter o cuidado de fazê-lo bem feito.

Percebemos, com isso, que a concepção de qual foi o erro cometido pelos animais é bastante diferente se compararmos as duas versões: o animalejo errou por ter deixado as orelhas de fora e por ter zurrado, ou seja, por não ter sabido se disfarçar direito; já o jumento não agiu certo por tentar se passar por alguém superior a ele. Isto é, a oposição entre a superioridade/ a inferioridade dos seres é defendida na versão de Esopo. Já no texto moderno, a perspectiva é outra: embora nele não se concorde com a postura do burro, por ele não ter sabido executar direito o seu plano, não se transmite a ideia de que ele representa um ser inferior.

#### **4.2.1.5. "O AVARENTO" e "UNHA-DE-FOME"**

Em "O avarento", de Esopo (cf. Anexo 9, p. 178), e "Unha-de-fome", de Monteiro Lobato (cf. Anexo 10, p. 179), narra-se a história de um homem que, após muito poupar na vida, amontoa um tesouro e enterra-o em um local distante de sua casa. Constantemente, ele vai a esse local contemplar sua riqueza. Certo dia, porém, outro homem, desconfiado desse comportamento, descobre seu segredo e rouba todo o seu tesouro. Ao se dar conta do ocorrido, o protagonista desespera-se, chamando a atenção de um terceiro personagem. Este ouve sua história e afirma que, como sua riqueza só servia para a contemplação, não fazia diferença ela estar enterrada ou nas mãos de uma outra pessoa.

Nessa fábula, o enredo das duas versões é praticamente o mesmo, havendo, entre eles, apenas pequenas diferenças. Na versão de Esopo, o ladrão é um operário, ao passo que, no texto de Lobato, é o vizinho do protagonista. Além disso, o homem que testemunha o desespero do avarento é

denominado apenas de "alguém", ao passo que o Unha-de-fome é socorrido por um viajante.

Ao final da fábula de Esopo, a moral, como sempre explícita, elucida que "a posse nada é, se não proporciona prazer" (ESOPO, 2002, p.27), concordando com a repreensão do terceiro personagem ao avarento. Já na versão nacional, a moral novamente pode ser percebida na fala de um dos personagens, o viajante, não sendo explicitada ao final da fábula. Ela, de certo modo, está de acordo com o ensinamento do texto clássico, já que o viajante lança o seguinte questionamento, retórico, ao Unha-de-fome: "Que utilidade tem o dinheiro para quem só o guarda e não gasta?" (LOBATO, 2008, p.80).

Antes de analisarmos a cadeia referencial e as pistas textuais de cada um dos textos, é importante destacarmos que "O avarento" e "Unha-de-fome" diferenciam-se das demais fábulas analisadas nesse trabalho e do que é mais usual no próprio gênero fabular (cf. seção 2.2), uma vez que os personagens dessas narrativas são humanos e não animais personificados.

Na versão de Esopo, o referente enunciado e introduzido no título do texto como "O avarento" é retomado pela anáfora direta "Certo avarento" e, novamente, por "o avarento". Pronomes pessoais e possessivos também recuperam, no texto, esse personagem.

Conforme assevera Fiorin (2014, p. 51) e já explicado por nós na seção 2.2. desta Tese, a personificação, que ocorre nas fábulas prototípicas, consiste em uma figura de retórica que opera uma "generalização impactante". É interessante notarmos, no entanto, que, mesmo não havendo a personificação de um animal na fábula em questão, o fato de a referência ao protagonista ser feita sempre por meio de uma característica sua também manifesta certa generalização; consoante Koch; Bentes e Cavalcante (2008, p. 106), "como acontece nas fábulas, os personagens humanos não são os indivíduos, mas protótipos da espécie". Assim, o efeito de sentido de generalização é causado, principalmente, pela própria cadeia referencial do texto. A diferença entre uma e outra forma de atingir a generalização deve-se ainda ao fato de que, quando há uma personificação, a generalização apresenta uma natureza metafórica (FIORIN, 2014, p. 52), ao passo que em "O avarento" sua natureza é

metonímica, pois o ser está sendo representado por uma característica sua, havendo, assim, uma relação de contiguidade (FIORIN, 2014, p. 36) entre esse ser e essa característica. Da mesma forma que a metáfora, a metonímia possui um valor argumentativo bastante significativo.

Finalmente, na fábula de Esopo, a referência ao protagonista como "o avarento" e "certo avarento" revela uma avaliação desse personagem. Isso porque o termo "avarento" carrega em si, naturalmente, uma conotação negativa, uma vez que representa alguém "obcecado por adquirir e acumular dinheiro" e "que não é generoso"<sup>4</sup>. Além disso, ao afirmar que o avarento, no lugar em que enterrou seu tesouro, enterrou "juntamente o seu coração e o seu espírito" (ESOPO, 2002, p.27), o narrador enfatiza o apego extremo do personagem pelo dinheiro. Podemos compreender esse trecho, então, como uma pista textual que contribui para a avaliação negativa do protagonista.

"Unha-de-fome" é a expressão que enuncia e introduz o referente no texto de Lobato. Essa expressão, mantendo a letra maiúscula inicial do vocábulo, é repetida ainda duas vezes ao longo da fábula. Também pronomes pessoais e possessivos fazem referência ao personagem. Da mesma forma que na versão de Esopo, há uma generalização de caráter metonímico nessa fábula, uma vez que o personagem é nomeado por uma característica sua. No entanto, a análise da expressão referencial "Unha-de-fome" é um pouco mais complexa, uma vez que a letra maiúscula inicial faz com que ela pareça corresponder a um nome próprio. O fato de o termo "Unha-de-fome" não vir acompanhado de um determinante, em nenhuma de suas três ocorrências, favorece essa interpretação.

Entendemos que o nome próprio é um "elemento de individuação [...] Marca linguística pela qual o grupo social toma conhecimento do indivíduo [...]" (CÂMARA, 2013, p. 208-209). Desse modo, parece haver, a partir da análise da cadeia referencial do texto de Lobato, dois processos aparentemente opostos: um de generalização e outro de individuação. A generalização mostra que essa história não faz referência a um ser determinado, mas diz respeito a todo um grupo de pessoas que compartilham da característica de ser unha-de-

---

<sup>4</sup>Grande dicionário Houaiss beta da língua portuguesa. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=avarento>. Acesso em 20/09/2014.

fome. Já a individuação intensifica a relação entre o personagem - e todos aqueles que são como ele - e sua característica; ser unha-de-fome é o que o individualiza dos outros seres, permitindo seu reconhecimento.

Novamente, a opção pela expressão referencial "Unha-de-fome" manifesta uma avaliação negativa do protagonista. Por sua irreverência e informalidade, o vocábulo "unha-de-fome" apresenta um valor pejorativo mais marcado do que "avarento". Ainda, a comparação estabelecida pelo narrador no trecho "namorava-a como o jacaré namora os seus próprios ovos ocultos na areia" (LOBATO, 2008, p.80; grifo nosso), animaliza o comportamento do personagem, reforçando sua avaliação negativa.

#### **4.2.1.6. "O RATO E A RÃ "**

Em "O rato e a rã", de Esopo (cf. Anexo 11, p. 180), um rato faz amizade com uma rã mal intencionada, que amarra sua pata à dele. Os dois, juntos, ficam em terra comendo trigo até que a rã entra na água e, levando o roedor ao fundo, deixa-o morrer afogado. O rato, após morto, permanece boiando na água, sendo avistado por um milhafre que resolve pegá-lo para comer, levando junto a rã. A moral do texto faz referência a dois aspectos que não serão contemplados na versão de Lobato – a vingança e a justiça divina – ensinando-nos que "mesmo depois de morto, qualquer um pode vingar-se, porque a justiça divina tudo observa e tudo pesa, de maneira equitativa, na sua balança" (ESOPO, 2002, p.325), ou seja, a presença do milhafre é compreendida, no texto figurativo, como um castigo divino à rã, que agiu errado.

A expressão "o rato", que introduz e enuncia, no título, o primeiro referente da fábula, é retomada pela anáfora direta "um rato terrestre" e repetida, duas vezes, ao longo da narrativa. Ela recebe, ainda, uma nova configuração: "o infeliz rato, repleto de água", expressão em que o adjetivo preposto ao núcleo sugere uma pena, uma complacência do narrador para com este personagem. O pronome oblíquo "o" recupera o referente três vezes ao longo do texto e o pronome reto "eles" faz referência, ao mesmo tempo, a este animal e ao que tratamos em seguida.



"A rã", termo que introduz e enuncia o segundo referente da fábula, após ser recuperado pela anáfora direta "uma rã", é repetido duas vezes no texto e retomado pelos pronomes "sua" e "ela", recebendo ainda uma nova configuração, ao ser recategorizada por "a rã mal intencionada", termo cujo determinante contribui para uma avaliação negativa do referente.

Um terceiro personagem surge no decorrer da narrativa sendo introduzido e enunciado por "um milhafre" e retomado pelas anáforas diretas "o milhafre" e "suas". Apesar de a expressão referencial que denomina este personagem não ser modificada significativamente ao longo da narrativa - apenas altera-se o artigo indefinido que acompanha seu núcleo pelo definido - ela encerra em si certa avaliação negativa desse personagem, uma vez que o vocábulo utilizado na tradução da fábula<sup>5</sup> designa tanto um tipo de falcão quanto uma pessoa gatuna<sup>6</sup>. Vale lembrar que, a partir da moral da fábula, compreendemos que esse personagem simboliza o castigo divino e/ou a vingança dos mortos. Ou seja, sua associação com o mal, com algo ruim, está presente já em sua denominação no corpo da fábula e é reafirmada na moral do texto. Ainda é importante ressaltar que, nesse caso, o mal é considerado o justo: a rã mereceu seu castigo.

Na versão de Lobato para "O rato e a rã" (cf. Anexo 12, p. 181), o ratinho está olhando para a lagoa quando aparece a rã e os dois começam uma conversa. O rato diz invejar a rã por ela poder viver dentro d'água e é convidado, então, a fazer um passeio pelo lago até sua margem oposta, bastando, para isso, ser amarrado às patas da suposta amiga. Ele prontamente aceita e a rã mergulha, procurando arrastar o rato consigo para debaixo d'água. Tentando se salvar, o animal grita por socorro e luta contra a força da rã, o que acaba por chamar a atenção de um gavião. A ave, então, desce rapidamente visando pegar o ratinho e fica contente ao descobrir que junto dele estava a rã, pois seu jantar seria bastante farto naquele dia.

---

<sup>5</sup> Tanto na tradução de Aveleza, da Thex Editora, quanto na de Dezotti, da Cosacnaify, o termo utilizado para designar o terceiro personagem da fábula é "milhafre"; em traduções livres da internet, utiliza-se ainda a expressão "ave de rapina" em que a ideia do roubo também se faz presente.

<sup>6</sup> Grande dicionário Houaiss Beta da língua portuguesa. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=milhafre>. Acesso em 20/09/2014.

Os dois principais referentes do texto, introduzidos e enunciados por "o rato" e "a rã" são recategorizados por expressões axiológicas opostas, logo no primeiro parágrafo do texto, "um ratinho sem experiência da vida" e "uma rã velhaca", respectivamente. Sendo assim, os modificadores dos núcleos de ambas as expressões referenciais evidenciam que os referentes em pauta diferenciam-se por sua experiência de vida, sendo o primeiro um ser inexperiente e, o segundo, um ser enganador, que sabe como ludibriar o outro, isto é, velhaco. Ainda, o nome no diminutivo manifesta uma avaliação mais positiva do "ratinho". Finalmente, o confronto entre essas duas expressões referenciais acaba por adiantar o enredo da narrativa: se um personagem é inexperiente na vida e o outro tem experiência na arte de enganar, imagina-se que aquele será alvo de alguma armadilha deste.

"O rato" e "um ratinho sem experiência da vida" são retomados por pronomes pessoais e pelas anafóras diretas "o ratinho" (quatro vezes), "o ingênuo" e "o mísero". A expressão "o ingênuo" reafirma a inexperiência do animal, evidenciando uma consequência sua, e "o mísero" manifesta a compaixão do narrador pelo animal que teve um fim trágico.

Já o referente rã é recuperado, ao longo de todo o texto, apenas por um pronome pessoal e por "a rã" (seis vezes) e "uma rã velhaca". No entanto, a constatação do narrador de que "o que [a rã] queria era afogar o ratinho" (LOBATO, 2008, p.83) reforça o caráter "velhaco" da rã e destaca seu propósito de prejudicar o animal inexperiente, sendo, portanto, uma pista textual que contribui para a avaliação negativa do personagem.

Ainda, o termo anafórico "os petiscos" retoma e recategoriza de uma só vez os dois referentes principais do texto, o rato e a rã, evidenciando que ambos os animais viraram comida de gavião, personagem a que o texto faz referência apenas como "um gavião" e por meio de elipses.

Nesse ponto, ao compararmos a denominação deste mesmo personagem nas versões de Esopo e de Lobato, percebemos uma inversão do padrão que até o momento observamos nos textos dos dois autores: aqui, a expressão referencial menos marcada semanticamente, é observada no texto nacional, ao passo que, na fábula clássica, optou-se pelo termo "milhafre", que

pode evidenciar uma avaliação negativa do referente. O contraste entre as moralidades de ambas as fábulas justifica, de certo modo, essa mudança nas estratégias de referenciação.

Em "O rato e a rã", o narrador apresenta a moral no corpo da fábula, de forma mais indireta: "E foi para o alto de uma árvore engolir os petiscos - castigando, sem o saber, a traição da rã e a imprudência do ratinho" (LOBATO, 2008, p.83; grifo nosso). Neste excerto, o narrador resume e avalia negativamente, por meio de duas anáforas encapsuladoras, as ações da rã e do ratinho. Tudo o que a rã fez ao longo da narrativa é compreendido como uma traição, ao passo que as atitudes do ratinho correspondem a uma imprudência. Em relação à configuração dessas duas anáforas encapsuladoras, ambas apresentam um substantivo abstrato como núcleo, seguido de um modificador que corresponde ao substantivo concreto utilizado na nomeação dos personagens da narrativa. Com isso, o substantivo abstrato acaba por caracterizar, indiretamente, o substantivo concreto que o acompanha: a rã é traiçoeira; e o ratinho, imprudente. Mais uma vez, portanto, a configuração de um referente contribui para caracterizar e avaliar um outro referente: a denominação das ações da rã e do ratinho caracterizam e avaliam os próprios personagens.

Relacionando as cadeias referenciais utilizadas na nomeação dos personagens às anáforas encapsuladoras que introduzem novos referentes no texto (as ações dos dois animais), compreendemos que, embora as expressões utilizadas na referência ao ratinho apontem para uma complacência do narrador, a anáfora encapsuladora destaca um aspecto negativo de sua atitude, que o leva a ser castigado, avaliando essa atitude e, conseqüentemente, o ratinho, de forma negativa. Já a rã é avaliada negativamente desde sua forma de denominação no texto, e a anáfora encapsuladora apenas reforça essa ideia. Além disso, o ratinho é imprudente por ser inexperiente, ou seja, não é tão culpado assim; já a rã é traiçoeira intencionalmente.

Finalmente, para o leitor, fica a lição de que tanto o comportamento traiçoeiro quanto o imprudente devem ser evitados, pois são passíveis de

castigo. Ainda, o fato de o gavião castigar ambos os personagens "sem o saber" isenta-o, de certa forma, de culpa. Ele estava apenas seguindo sua natureza de predador. Já na fábula de Esopo, esse personagem recebe avaliação negativa, pois representa o castigo divino dado a rã.

#### **4.2.1.7. "O LOBO E O CORDEIRO"**

A fábula "O lobo e o cordeiro" (cf. Anexo 13, p. 182), de Esopo, narra a história de um lobo que resolve encontrar um motivo para devorar um cordeiro; para isso, ele alega que o animal estaria sujando a água do rio que ele beberia. Como o cordeiro explica estar mais abaixo do rio e, portanto, não podendo sujar sua água, o lobo acusa-o de ter falado mal dele no ano anterior, o que seria impossível, pois o cordeiro não era nascido nessa época. Desistindo de encontrar uma explicação racional para seu ato, o lobo come o filhote. Por isso, a moral do texto ensina ao leitor que "perante as pessoas decididas a praticar o mal, nem a defesa mais legítima prevalece".

Os referentes principais da fábula são introduzidos e enunciados no título da obra como "o lobo" e "o cordeiro". Na continuação do texto, essas expressões são retomadas por "um lobo" e "um cordeiro, que bebia num rio", respectivamente, ou recuperadas por pronomes pessoais. "O cordeiro" e "o lobo" são ainda reproduzidos, no corpo da fábula, sem alteração formal. Desse modo, apenas pela denominação dos personagens, mais uma vez não é possível observar uma avaliação. No entanto, a declaração, logo no início do texto, de que o lobo "quis alegar um motivo aceitável para devorar [o cordeiro]" (ESOPO, 2002, p.225), corresponde a uma pista textual que caracteriza o lobo como mal intencionado.

Na fábula de mesmo nome de Monteiro Lobato (cf. Anexo 14, p. 183), a narrativa desenvolve-se de maneira bastante semelhante, apenas a insistência do Lobo em acusar o cordeiro de ser o culpado por qualquer coisa é maior, uma vez que ele acaba por envolver supostos familiares do cordeiro em sua

denúncia. De qualquer forma, o texto assume que o lobo não encontra razões claras para justificar sua atitude, mas, mesmo assim, devora o pequeno animal.

A expressão "o lobo" introduz e enuncia o referente logo no título da fábula. No corpo do texto, essa expressão é repetida duas vezes, sendo retomada, também, pelo pronome "ele". As anáforas diretas "um lobo esfaimado, de horrendo aspecto" e "o monstro arreganhando os dentes" e "o lobo, furioso" recategorizam, ainda, esse referente.

"Um lobo esfaimado, de horrendo aspecto" aparece logo no início da narrativa, antecipando para o leitor a real intenção do lobo: ele estava com muita fome e, por isso, aproxima-se do cordeiro. Ou seja, a finalidade última do Lobo, que, na fábula de Esopo, é apresentada por meio de uma oração "para devorar [o cordeiro]" (ESOPO, 2002, p.225), na versão de Lobato é manifestada na própria expressão referencial utilizada na nomeação do objeto de discurso. Além disso, o termo "de horrendo aspecto" contribui para evidenciar uma avaliação negativa do animal, reforçada pela anáfora direta recategorizadora "O monstro arreganhando os dentes", que o reconfigura como um ser amedrontador. Por último, a expressão referencial "o lobo, furioso" destaca, mais uma vez, a agressividade característica do referente.

Um novo objeto de discurso é ainda introduzido ao final da fábula por meio de uma anáfora encapsuladora prospectiva:

O lobo, furioso, vendo que, com razões claras não  
vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:  
- Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!  
E - nhoque! - sangrou-o no pescoço.  
(LOBATO, 2008, p.84; grifo nosso)

"Uma razão de lobo faminto" resume e antecipa toda a fala do lobo que surge em seguida, confirmando que suas alegações não são coerentes e devem-se apenas a seu estado de fome e a sua intenção de comer o cordeiro. Novamente, a anáfora encapsuladora em destaque apresenta, em sua configuração, um substantivo abstrato, como núcleo, seguido de um modificador, que corresponde ao substantivo concreto utilizado na nomeação de um dos personagens da narrativa.

O segundo personagem da fábula é introduzido, em seu título, e enunciado como "o cordeiro", expressão que se repete uma vez no corpo do texto. As anáforas diretas "o cordeirinho, trêmulo de medo", e "o pobrezinho" recategorizam, esse referente, que é também retomado por um pronome pessoal.

O uso do diminutivo em "o cordeirinho, trêmulo de medo" e em "o pobrezinho" sinalizam uma avaliação positiva do personagem, por ser um animal digno de pena. Já o modificador "trêmulo de medo", contribui para evidenciar sua fragilidade em relação ao lobo. Ainda, a segunda expressão referencial, "o pobrezinho", que teve seu núcleo nominal modificado, aponta para um sentimento até mesmo de compaixão por esse animal.

Finalmente, a expressão "voz da inocência", introduz, por meio de uma anáfora indireta, um outro objeto de discurso no texto, cuja identificação e interpretação está ancorada no referente cordeiro, ao qual ela remete, não correferencialmente. A expressão "voz da inocência" nomeia a voz do cordeiro, sua fala, portanto, e sua configuração contribui para a reelaboração desse animal, apresentando uma outra característica sua, a inocência, ideia introduzida anteriormente por uma pista textual, "respondeu com inocência".

Na moral da narrativa de Monteiro Lobato, aprendemos que "contra a força não há argumentos" (LOBATO, 2008, p.84). Ou seja, a oposição entre o bem e o mal, sugerida, de certo modo, no texto de Esopo, é desfeita na versão nacional, em que se fala apenas de força sem que seja emitido um juízo de valor. Assim, novamente, a fábula clássica mostra-se mais rigorosa e severa em sua moralidade.

#### **4.2.1.8. "A GALINHA DOS OVOS DE OURO"**

Em "A galinha dos ovos de ouro" (cf. Anexo 15, p. 184), de Esopo, narra-se a história de um homem que tem um galinha que põe ovos de ouro, mas decide matá-la, acreditando que, dentro dela, haveria uma massa de ouro. Seu plano, porém, não dá certo, pois sua galinha, por dentro, é igual a qualquer

outra. Assim, o homem, que desejava mais riqueza, ficou privado até mesmo do pouco que tinha. Com essa fábula, o leitor deve aprender que "cada um deve contentar-se com aquilo que possui, e evitar a cupidez insaciável" (ESOPO, 2002, p.123). Ou seja, novamente a moral do texto faz referência a um vício que deve ser combatido, dessa vez, a cobiça.

A expressão referencial "a galinha dos ovos de ouro" introduz e enuncia o primeiro objeto de discurso do texto, que é ainda retomado por pronomes pessoais e pela anáfora direta recategorizadora "uma bela galinha que punha ovos de ouro", na qual apenas o adjetivo "bela" corresponde a uma informação nova, configurando-se ainda como um modificador axiológico positivo. Vale ressaltar que essa avaliação positiva parece dever-se apenas ao fato de esse animal ser diferente dos outros, por botar ovos de ouro.

"Certo homem", "ele" e "seu" são os termos que fazem referência ao outro personagem da fábula. Ou seja, nenhuma de suas denominações contribui para evidenciar uma avaliação deste personagem – como também da galinha.

Na versão de Lobato, também intitulada "A galinha dos ovos de ouro" (cf. Anexo 16, p. 185), a galinha especial é descoberta no quintal da casa do homem e, como ela só coloca os ovos de ouro uma vez por semana, seu dono decide matá-la para encontrar o tesouro que ela guardaria em seu ovário e que o deixaria mais poderoso do que todos de sua região. Essa decisão é compartilhada com sua mulher, personagem inexistente no texto clássico, que discorda do marido. Ele, no entanto, ignora sua alegação, mata a galinha e o desfecho é semelhante ao da primeira narrativa: não há nada no interior da galinha e o casal continua pobre até o fim da vida.

A referência explícita ao homem é feita pelo narrador apenas duas vezes ao longo do texto, uma por meio da expressão referencial "João Impaciente" e a outra como "João Impaciente, logrado". Em ambas observa-se, portanto, a utilização de um nome próprio. O termo "Impaciente" parece desempenhar duas funções distintas nessa expressão: determina o núcleo nominal "João", correspondendo a um modificador axiológico negativo, por designar um defeito

seu, ao mesmo tempo em que, por ser transcrito com letra maiúscula, torna-se parte integrante do nome do personagem. Da mesma forma que na análise da expressão "Unha-de-fome", é possível identificarmos, nessa forma de denominação do referente, um efeito de sentido de generalização e outro de individuação. O efeito de generalização, de caráter metonímico, justifica-se, pois o personagem é nomeado por uma característica sua, desse modo, compreendemos que a história trata de todas as pessoas que, assim como o João da fábula, são impacientes. O fato de o nome próprio "João" ser bastante comum em nossa realidade contribui para a construção desse mesmo efeito de sentido. Como "João Impaciente" corresponde a um nome próprio, ou seja, um elemento de individuação, a relação entre o personagem - e todos aqueles que são como ele - e sua característica é intensificada; ser impaciente é o que o destaca dos outros seres, permitindo seu reconhecimento.

"A galinha dos ovos de ouro" é a expressão que introduz e enuncia o outro personagem do texto, que será recuperado pelo pronome "ela" e pelas anáforas diretas "a galinha" e "uma galinha que punha ovos de ouro", termos que não contribuem significativamente para uma reelaboração do referente. Ou seja, não é manifestada no texto uma avaliação da galinha por meio das expressões referenciais utilizadas em sua denominação; também não há pistas textuais que contribuam para isso.

"Quem não sabe esperar, pobre há de acabar" corresponde à moral do texto de Monteiro Lobato (LOBATO, 2008, p.84), mais uma vez mais branda do que a da narrativa de Esopo. Não se fala em vícios na versão moderna, em que o comportamento a ser evitado é apenas a ansiedade.

#### **4.2.1.9. "O LEÃO E O RATO AGRADECIDO" E "O LEÃO E O RATINHO"**

Na fábula "O leão e o rato agradecido", de Esopo (cf. Anexo 17, p. 186), narra-se a história de um rato que, certo dia, decide perambular sobre o corpo de um leão durante o sono. O leão, no entanto, acorda e decide devorar o outro



animal, que pede por sua liberdade, alegando que o recompensará no futuro. Mesmo considerando impossível isso acontecer, o rei da floresta liberta o rato. Tempos depois, ele é aprisionado por caçadores e o pequeno animal o salva, roendo a corda que o prendia. Na moral do texto, constrói-se, mais uma vez, uma oposição entre diferentes tipos de pessoas, rotulando-as: "Esta fábula mostra que, de acordo com as circunstâncias, os mais poderosos podem ter necessidade dos mais fracos" (ESOPO, 2002, p.205; grifos nossos).

A expressão "o leão", que introduz e enuncia o primeiro referente do texto, é repetida, sem alteração formal, mais quatro vezes na narrativa, sendo ainda retomada por pronomes pessoais e possessivo e pela forma "um leão". Assim, não se evidencia uma avaliação do leão da fábula de Esopo apenas pela observação de sua cadeia referencial.

Já "o rato agradecido", que introduz e enuncia o outro personagem, é recuperado pelas expressões anafóricas diretas "um rato", "o rato" (quatro vezes) e por pronomes pessoais. Assim, no termo utilizado na enunciação desse segundo objeto de discurso, o modificador do núcleo nominal, "agradecido", destaca uma qualidade sua, manifestando, dessa forma, uma avaliação axiológica positiva.

Na versão nacional, "O leão e o ratinho" (cf. Anexo 18, p. 187), o rato não encontra o leão intencionalmente, mas descobre-se inesperadamente entre suas patas ao sair de um buraco, o que o deixa temeroso. O leão, porém, não lhe faz mal algum e, dias depois, cai em uma rede, urrando por socorro, o que chama a atenção do ratinho que vai em seu socorro e rói as cordas, retribuindo a ação caridosa do leão.

"O leão" introduz e enuncia o primeiro objeto de discurso da fábula. Essa expressão é apenas repetida, sem alteração formal, ao longo de toda a narrativa e, por isso, não se observa uma avaliação do personagem apenas por sua denominação.

Já o segundo referente construído no texto é categorizado como "o/um ratinho". Estratégia recorrente nas fábulas de Lobato, o uso do diminutivo

sugere uma avaliação positiva do personagem e, nesse contexto, configura-o como um ser pequeno, frágil, aspecto que será reiterado por pistas textuais, conforme explicamos a seguir. Pronomes pessoais recuperam também o referente na continuação da narrativa.

Na versão moderna da fábula, o ratinho não tem culpa de ter se metido em apuros, tanto que, ao ver-se entre as patas do leão, "estancou, de pelos em pé, paralisado pelo terror" (LOBATO, 2008, p.104), informação que reafirma a construção do objeto de discurso em pauta como um ser frágil.

Ainda, o leão da fábula de Esopo apenas geme ao ser capturado, já o animal da versão nacional "urrou desesperadamente, debateu-se" (LOBATO, 2008, p.104; grifo nosso), pista textual que, de certo modo, reelabora o referente, sugerindo certa fraqueza sua. Seria improvável essa característica ser atribuída ao leão da versão clássica, uma vez que, na moral desse texto, compreende-se que esse animal representa um ser mais poderoso. Ainda, já no início das duas fábulas percebemos diferenças em relação à configuração do referente leão. Na versão clássica, ele assume uma postura autoritária, logo decidindo devorar o rato, ao passo que, no texto nacional, sua postura é amigável, ele imediatamente acalma o ratinho, avisando que não lhe faria mal algum.

A moralidade do texto de Monteiro Lobato ressalta que "mais vale paciência pequenina do que arrancos de leão" (LOBATO, 2008, p.104). Assim, desfaz-se, mais uma vez, na fábula moderna, uma oposição construída, na versão de Esopo entre seres mais poderosos e seres mais fracos. Novamente, também, a moral da reescritura corresponde a um texto mais figurativo que temático (FIORIN, 1987), sendo menos incisiva, portanto, do que a moralidade clássica.

#### **4.2.1.10. "O VEADO NA FONTE E O LEÃO" E "O ÚTIL E O BELO"**

"O veado na fonte e o leão", de Esopo (cf. Anexo 19, p. 188), narra a situação de um cervo que observa seu reflexo na beira de um curso d'água, admirando seus chifres e lamentando-se de suas pernas, quando é

surpreendido por um leão que o persegue. O cervo consegue se distanciar do outro animal enquanto corre em uma planície sem arvoredos, mas, ao chegar a um local arborizado, seus chifres prendem-se nos galhos e ele é, então, capturado. Minutos antes de morrer, o veado se recorre de ter sido traído por seus lindos chifres, ao passo que suas pernas, tão desacreditadas por ele, poderiam ter sido sua salvação. A moral do texto ensina que "muitas vezes, nos perigos, os amigos que são olhados com desconfiança, tornam-se salvadores; entretanto, aqueles em quem se confia inteiramente, revelam-se traidores" (ESOPO, 2002, p.349).

Essa narrativa, assim como a de Monteiro Lobato analisada a seguir, está centrada no veado e na função de suas pernas e de seus chifres, por isso, analisaremos apenas a construção textual desses três referentes em ambas as versões da fábula.

O referente enunciado e introduzido no título como "o veado na fonte" é retomado por meio de pronomes pessoais e possessivos e também pelas expressões "um/ o cervo" e "o veado". As expressões "os seus chifres" e "as suas pernas", introduzem dois novos referentes no texto e correspondem a anáforas indiretas, que fazem remissão ao referente veado, não correferencialmente. A primeira expressão é retomada por um pronome pessoal e, então, repetida ainda mais uma vez na continuação do texto. A expressão "suas pernas" não é retomada. Assim, novamente, as cadeias referenciais conferem um efeito de sentido de neutralidade à fábula de Esopo, uma vez que as expressões referenciais utilizadas na nomeação dos referentes do texto não manifestam uma avaliação sua.

Nessa fábula, no entanto, há pistas textuais que contribuem para a avaliação dos chifres e das pernas do veado. Podemos identificar dois momentos distintos que dividem a narrativa: o primeiro, quando o veado se admira na água, e o segundo, em que ele corre perigo e foge para se salvar. Assim, as pistas textuais avaliam de modo inverso os chifres e as pernas do animal em cada um dos momentos do texto. Inicialmente, avaliam-se os chifres positivamente, enquanto as pernas são revestidas de um valor axiológico

negativo: "ele sentiu orgulho dos seus chifres, ao observar o tamanho e a variedade deles" (ESOPO, 2002, p.349; grifo nosso) e "ficou muito descontente com suas pernas, por serem delgadas e fracas" (*idem*; grifo nosso). Já no relato da fuga, a avaliação é oposta: "quando ele chegou a um lugar arborizado, ocorreu que, nesse momento, os seus chifres se enredaram nos galhos" (*idem*; grifo nosso), isto é, sugere-se que os chifres do veado o atrapalharam em sua retirada, já suas pernas eram sua salvação, "a força dos cervos está nas suas pernas" (*idem*). Desse modo, compreendemos que, para a admiração, os chifres superam as pernas, mas, para a ação e para a proteção, estas são mais importantes do que aqueles.

Relacionando a análise das expressões referenciais e, principalmente, das pistas textuais utilizadas na construção dos principais referentes do texto à moral explicitada ao final da narrativa, compreendemos que os chifres do veado representam os amigos confiáveis que se tornam traidores, enquanto as pernas do animal simbolizam aqueles que, olhados inicialmente com desconfiança, mostram-se salvadores. Ou seja, a oposição entre os membros do animal, construída no componente figurativo da fábula, corresponde, na parte temática, a um contraste entre tipos de amigos, de pessoas, portanto. Ainda, novamente o ensinamento da narrativa clássica trata de uma atitude viciosa, a traição.

Na fábula de Lobato, intitulada "O útil e o belo" (cf. Anexo 20, p. 189), a situação ocorre de maneira bastante semelhante à da versão de Esopo, apenas o veado não é capturado ao final da narrativa, apesar da dificuldade imposta por seus chifres, e seu perseguidor não é um leão, mas um grupo de "valentes cães de caça".

As expressões referenciais que introduzem e enunciam os dois primeiros referentes do texto, "o útil" e "o belo", correspondem a adjetivos substantivados, portanto, encerram em si uma forte carga avaliativa. Além disso, elas, de certo modo, antecipam a discussão que se colocará na fábula, principalmente em seu desfecho, adiantando a oposição construída, nele, entre a utilidade e a beleza. Ainda, auxiliam o leitor a compreender a possível

moralidade da narrativa, que não é explicitada como de costume. Isto é, nesse texto, como veremos, o título configura-se como um elemento primordial para a percepção do ensinamento que a narrativa fabular transmite.

Na continuação da narrativa, expressões referenciais (sublinhadas no trecho a seguir) e pistas textuais (em **negrito**) permitem ao leitor inferir que, nesta fábula, as pernas do veado representam o útil, e seus chifres, o belo porém inútil.

E enquanto corria, pôde verificar quão sábia fora a natureza dando-lhe mais pernas do que chifres, porque estes, **com toda a sua formosura, só serviam para enroscar-se nos cipós e atrapalhar-lhe a fuga**; e aquelas, **apesar de toda a feiura, constituíam a sua única segurança**. E mudou de ideia, convencido de que antes mil vezes pernas finas, mas velocíssimas, do que formosa, mas inútil galhaça." (LOBATO, 2008, p.104; grifos nossos)

Não podemos dizer, no entanto, que, no fragmento transcrito, "pernas" retoma "o útil" e "chifres" retoma "o belo", correferencialmente. O que se observa, nesse caso, é uma relação de contiguidade, metonímica, portanto, entre "o útil" e "o belo" e "pernas" e "chifres", respectivamente. Isto é, as pernas do veado são uma manifestação do útil, ao passo que seus chifres correspondem a uma manifestação do belo. Não havendo correferencialidade, então, as expressões referenciais não designam os mesmos referentes. "O útil" e o "belo" dizem respeito a ideias/valores maiores, dos quais pernas e chifres do veado são apenas um exemplo de manifestação.

Assim, observamos, de forma esquemática, a seguinte relação complexa entre as cadeias referenciais construídas nesse texto:

→ **CADEIA REFERENCIAL 1:** "o útil", que corresponde uma enunciação do referente, não retomada, correferencialmente, no decorrer da fábula.

→ **CADEIA REFERENCIAL 2:** "o belo", que também corresponde a uma enunciação do referente, não retomada, correferencialmente, no decorrer da fábula.

As duas expressões acima, apesar de sua forte carga avaliativa e de estabelecerem relação com elementos do restante do texto, não podem ser consideradas anáforas encapsuladoras, uma vez que não resumem, avaliando, toda uma parte do texto.

→ **CADEIA REFERENCIAL 3:** "um veado", termo que enuncia e introduz um terceiro referente no texto e é retomado por meio das anáforas diretas "o", "o veado" e "lhe".

→ **CADEIA REFERENCIAL 4:** "pernas", que corresponde a uma anáfora indireta, pois sua identificação e interpretação estão ancoradas tanto no referente útil (cadeia referencial 1) quanto no veado (cadeia referencial 3). Ainda, essa expressão introduz um quarto referente no texto, retomado pelas anáforas diretas "aquelas" e "pernas finas, mas velocíssimas". Esta última expressão ressalta que, embora feias, as pernas são bastante velozes, o que foi decisivo para a salvação do veado. Dessa forma, a informação de maior importância na expressão referencial ("mas velocíssimas") diz respeito a uma qualidade das pernas, avaliando-as positivamente.

→ **CADEIA REFERENCIAL 5:** "chifres", que corresponde também a uma anáfora indireta, uma vez que sua identificação e interpretação estão ancoradas tanto no referente belo (cadeia referencial 2) quanto no veado (cadeia referencial 3). Ainda, essa expressão introduz um quinto referente no texto, retomado pelas anáforas diretas "estes" e "formosa, mas inútil galhaça", em que o modificador inútil avalia o referente negativamente. Assim, ao contrário do que observamos na cadeia referencial 4, a informação de maior relevância nessa expressão é justamente o aspecto negativo dos chifres, que colocou o veado em risco.

Desse modo, as expressões referenciais "pernas finas, mas velocíssimas" e "formosa, mas inútil galhaça" reiteram a oposição entre beleza e utilidade, explicitada, também, por meio da conjunção adversativa "mas". Ainda, nessa disputa, compreendemos que o útil é superior ao belo, no sentido de ser mais importante para nós, como foi para o veado, por nos trazer mais benefícios. Essa ideia corresponde à moralidade implícita da fábula e conta

com o auxílio dos referentes nomeados no título do texto para ser compreendida.

Assim, novamente menos rígido do que a versão clássica da fábula, o texto nacional não faz referência a tipos de pessoas, muito menos estabelecendo uma oposição entre elas, e não aborda uma atitude viciosa, isto é, um comportamento mal intencionado que pode, inclusive, prejudicar o outro.

#### 4.2.2. Referenciação e avaliação

##### 4.2.2.1. A cadeia referencial e a avaliação do texto

A análise das fábulas de Esopo e de Monteiro Lobato em relação às estratégias de referenciação comprova que a cadeia referencial do texto pode determinar um efeito de sentido de neutralidade ou pode manifestar uma avaliação positiva ou negativa dos elementos (re)categorizados nas narrativas por meio de expressões referenciais nominais, compreendidas como grupos nominais com função de introdução de elementos presentes no cotexto ou de remissão a eles. Os quadros que apresentamos nesta seção do trabalho comprovam o que dissemos até aqui.

No quadro 5, observamos, de forma esquemática, as expressões referenciais utilizadas nos textos de Esopo na referência a seus diversos personagens e a alguns elementos relacionados a eles. Na coluna da direita (em verde), expõe-se o valor que reveste cada um desses personagens/elementos, quando é possível identificá-lo, manifestado apenas pelas cadeias referenciais das fábulas:

INTRODUÇÃO REFERENCIAL	EXPRESSÕES REFERENCIAIS: VOZ DO NARRADOR	AVALIAÇÃO
a cigarra	Uma cigarra com fome; lhe; a cigarra	<b>Positiva</b> em relação à cigarra, no entanto, na moral da fábula, sua atitude á claramente avaliada <b>negativamente</b> .
as formigas	As formigas (3x); lhes	Não é possível determinar.

O jumento que transportava sal	Um jumento carregado de sal; elipse; o jumento (2x); ele (2x)	Não é possível determinar.
o cão	Um cão; o cão (2x); o porteiro (2x); este	Não é possível determinar.
o galo	um galo; o galo; (3x); o; lhe; ele; o animal que tinha uma voz tão bonita	<b>Positiva</b> em relação ao galo.
a raposa	uma raposa; ela (3x); lhe; a raposa; a	Não é possível determinar.
O jumento que passava por ser um leão	Certo jumento, revestido de uma pele de leão; lhe (2x); o jumento; o	Não é possível determinar.
O avarento	Certo avarento; sua; seu (3x); ele; o (2x); o avarento; lhe	<b>Negativa</b> em relação ao avarento.
O rato	Um rato terrestre; sua; o rato (2x); eles; o infeliz rato, repleto de água; o (3x)	<b>Positiva</b> em relação ao rato.
a rã	uma rã; a rã mal-intencionada; sua; eles; a rã (2x); ela (2x); a rã, atrelada	<b>Negativa</b> em relação à rã.
um milhafre	suas; o milhafre	<b>Negativa</b> em relação ao milhafre.
O lobo	Um lobo; ele; o; o lobo (2x)	Não é possível determinar.
o cordeiro	um cordeiro que bebia num rio; o; o cordeiro (3x); ele (2x); lhe	Não é possível determinar.
A galinha dos ovos de ouro	uma bela galinha que punha ovos de ouro; ela; a (2x)	<b>Positiva</b> em relação à galinha.
Certo homem	ele (2x); seu	Não é possível determinar.
O leão	um leão; ele; o leão (4x); lhe (2x); o (4x); sua	Não é possível determinar.
o rato agradecido	um rato; o rato (4x); o (3x); lhe; ele;	<b>Positiva</b> em relação ao rato.
O veado na fonte	um cervo; sua (2x); ele (5x); o (2x); o cervo (2x); o veado; si	Não é possível determinar.
os seus chifres	eles; os seus chifres	Não é possível determinar.
as suas pernas	-	Não é possível determinar.

**Quadro 5:** Expressões referenciais e avaliação dos referentes nomeados nas dez fábulas de Esopo.

Já o quadro 6 trata das fábulas de Monteiro Lobato. Nele podem ser visualizadas as expressões referenciais que recuperam os referentes de cada um dos dez textos analisados. Da mesma forma, na coluna da direita (em verde), expõe-se o valor que reveste cada um dos personagens/elementos das narrativas, manifestado, apenas, pelas cadeias referenciais dos textos. Nas



versões nacionais, observarmos dois casos em que uma mesma expressão referencial introduz dois objetos de discurso distintos, retomados por expressões anafóricas diversas, na continuação das fábulas. Isso ocorre em “A cigarra e as formigas” e em “Burrice.

INTRODUÇÃO REFERENCIAL	EXPRESSÕES REFERENCIAIS: VOZ DO NARRADOR	AVALIAÇÃO
a cigarra	uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro; seu; A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros; a triste mendiga suja de lama e a tossir; a; A pobre cigarra, toda tremendo; a cigarra; a alegre cantora dos dias de sol; elipse (2x)	✓ <b>Positiva</b> em relação à cigarra.
	a cigarra (4x); a (3x); (d)aquela cigarra morta por causa da avareza da formiga; elipse	✓ Não é possível determinar em relação à cigarra. ✓ <b>Negativa</b> em relação à formiga.
as formigas	A formiga boa; uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina; a formiga (2x); elipse	✓ <b>Positiva</b> em relação à formiga. ✓ <b>Negativa</b> em relação à formiga da fábula de Esopo.
	A formiga má; uma formiga má que não soube compreender a cigarra; sua; a formiga (3x); uma usurária sem entranhas; a usurária; ela; elipse (2x)	✓ <b>Negativa</b> em relação à formiga. ✓ <b>Positiva</b> em relação à cigarra.
Burrice	-	✓ Uma de suas possíveis interpretações (estupidez) avalia <b>negativamente</b> o burro da esponja.
dois burros	um com carga de açúcar; o primeiro (3x); o burro do açúcar; o outro; elipse (2x)	✓ Não é possível determinar.
	outro com carga de esponjas; o outro; o burro da esponja, fiel às suas ideias; <u>consigo</u> ; o pobre tolo; elipse (2x)	✓ <b>Negativa</b> em relação ao burro da esponja.
O galo que logrou a raposa	Um velho galo matreiro; o galo	✓ <b>Positiva</b> em relação ao galo.
a raposa	a raposa (2x); <u>consigo</u> ; Dona Raposa; elipse (2x)	✓ Não é possível determinar.
O burro na pele do leão	Certo burro de ideias; <u>consigo</u> ; o animalejo; o (2x); lhe (2x); pobre bicho; elipse (2x)	✓ <b>Negativa</b> em relação ao burro.
Unha-de-fome	Unha-de-fome (2x); seu; o; lhe; elipse (3x)	✓ <b>Negativa</b> em relação ao Unha-de-fome.

O rato	O rato; um ratinho sem experiência de vida; o ratinho (4x); o ingênuo; o (2x); o mísero; ele; os petiscos	✓ <b>Positiva</b> em relação ao rato. ✓ <b>Negativa</b> em relação à rã.
A rã	a rã (6x); uma rã velhaca; <u>consigo</u> ; os petiscos	✓ <b>Negativa</b> em relação à rã.
Um gavião	Elipse (2x)	✓ Não é possível determinar.
a traição da rã	-	✓ <b>Negativa</b> em relação à rã.
a imprudência do ratinho	-	✓ <b>Negativa</b> em relação ao rato.
O lobo	um lobo esfaimado, de horrendo aspecto; o monstro; o lobo (2x); elipse; ele; o lobo, furioso; lobo faminto	✓ <b>Negativa</b> em relação ao lobo.
o cordeiro	o cordeiro; o cordeirinho, trêmulo de medo; o pobrezinho; o	✓ <b>Positiva</b> em relação ao cordeiro.
uma razão de lobo faminto	-	✓ <b>Negativa</b> em relação ao lobo.
voz da inocência	-	✓ <b>Positiva</b> em relação ao cordeiro.
A galinha dos ovos de ouro	uma galinha que punha ovos de ouro; a galinha; ela	✓ Não é possível determinar.
João Impaciente	Elipse (2x); João Impaciente, logrado	✓ <b>Negativa</b> em relação a João.
O leão	o leão (4x); elipse;	✓ Não é possível determinar.
o ratinho	um ratinho; lhe; elipse (2x); o ratinho; ele; <u>consigo</u>	✓ <b>Positiva</b> em relação ao rato.
O útil	-	✓ <b>Positiva</b> em relação às pernas do veado.
o belo	-	✓ <b>Positiva</b> em relação aos chifres do veado, no <b>entanto</b> , ao final da fábula, o belo recebe uma nova configuração, sendo avaliado <b>negativamente</b> .
um veado	Elipse (2x); o; o veado; lhe (2x)	✓ Não é possível determinar.
pernas	aquelas; pernas finas, mas velocíssimas	✓ <b>Positiva</b> em relação às pernas do veado.
chifres	estes; formosa, mas inútil galhaça	✓ <b>Negativa</b> em relação aos chifres do veado.

**Quadro 6:** Expressões referenciais e avaliação dos referentes nomeados nas dez fábulas de Monteiro Lobato.

A análise dos quadros 5 e 6 permite-nos identificar, em termos gerais, cinco diferentes estratégias utilizadas na referência aos objetos de discurso dos textos, que manifestam – ou pelo menos, sugerem – uma avaliação dos personagens e de outros elementos das fábulas, (re)categorizados por expressões referenciais nominais. Elencamos essas estratégias, de forma esquemática, a seguir:

1. O termo ou a oração determinante do núcleo da expressão referencial opera diretamente como modificador axiológico, avaliando o referente de forma positiva ou negativa.
2. O termo ou a oração determinante do núcleo da expressão referencial explicita determinada atitude ou característica do referente, contribuindo para uma avaliação do mesmo. Esses casos podem exigir uma maior capacidade de inferência do leitor para que a avaliação do referente seja percebida.
3. O termo ou a oração determinante do núcleo da expressão referencial sugere que o referente é digno de pena, contribuindo para uma avaliação positiva dele. Esses casos também podem exigir uma maior capacidade de inferência do leitor para que a avaliação do referente seja percebida.
4. O núcleo da expressão referencial ou parte de um determinante seu, no diminutivo, sugere afetividade, contribuindo para a avaliação positiva do referente.
5. O núcleo da expressão referencial corresponde a um termo de forte carga semântica que, por si só, manifesta uma avaliação do referente.

No quadro 7, a seguir, exemplificamos e contabilizamos cada uma dessas cinco estratégias nas fábulas de Esopo e nas versões de Monteiro Lobato.

ESTRATÉGIA	EXEMPLO EM ESOPO	Nº. DE OCORRÊNCIAS EM ESOPO	EXEMPLO EM LOBATO	Nº. DE OCORRÊNCIAS EM LOBATO
1	"a <u>rã mal-intencionada</u> "	3	"A formiga <u>boa</u> "; "A formiga <u>má</u> "	14
2	"o animal <u>que tinha uma voz tão bonita</u> "	1	"o burro da esponja, <u>fiel às suas ideias</u> "	2
3	"o <u>infeliz</u> rato, repleto de água"	2	"A <u>pobre</u> cigarra, <u>toda tremendo</u> "	4
4	-	0	"o <u>ratinho</u> "; "uma formiga friorenta, embrulhada num <u>xalinho</u> de paina"	12
5	"o avarento"; "um milhafre"	5	"Unha-de-fome" (ER); "o monstro" (ADR); "a traição da rã" (AE)	19

**Quadro 7:** Estratégias de avaliação do referente observadas nas expressões referenciais nominais das fábulas de Esopo e de Monteiro Lobato (ER corresponde a enunciação do referente; ADR a anáfora direta recategorizadora; e AE a anáfora encapsuladora).

Embora as estratégias de avaliação do referente observadas nas expressões referenciais nominais das fábulas de Esopo e de Monteiro Lobato sejam praticamente as mesmas – nas narrativas clássicas apenas não foram utilizados termos no diminutivo – há diferenças significativas entre os textos dos dois autores, que merecem destaque:

- (i) **O número de ocorrências dessas estratégias é bem menor nas fábulas de Esopo (11 ocorrências no total) que nos textos de Monteiro Lobato (51 ocorrências no total).**
- (ii) **Nas fábulas nacionais, observamos, muitas vezes, uma sobreposição de estratégias, ou seja, duas estratégias distintas são utilizadas em uma mesma expressão referencial, o que não ocorre nos textos de Esopo.** Assim, por exemplo, em "Uma formiga má que não soube compreender a cigarra", além do modificador axiológico negativo, "má" (estratégia 1), verificamos a referência explícita a uma atitude da formiga, que reforça sua avaliação negativa (estratégia 2). Já nas expressões "A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros" e "o cordeirinho, trêmulo de medo" há termos ou orações que sugerem ser o animal digno de pena (estratégia

3) e vocábulos no diminutivo (estratégia 4). Ainda, em "a triste mendiga suja de lama e a tossir", a referência à personagem como digna de pena (estratégia 3) é reforçada pelo núcleo de forte carga semântica, "mendiga", que recategoriza o objeto de discurso metaforicamente.

**(iii) Apenas nas narrativas de Monteiro Lobato encontramos expressões referenciais nominais que contribuem para a avaliação de um outro objeto de discurso não retomado diretamente por elas, mas com o qual essas expressões estabelecem algum tipo de relação.** A anáfora direta "aquela cigarra morta por causa da avareza da formiga" recategoriza a cigarra da fábula "A cigarra e as formigas", mas também sugere uma avaliação negativa da formiga. Da mesma forma, a recategorização da formiga como uma "usurária sem entranhas" explicita o caráter extremamente avarento da formiga, assim como vitimiza ainda mais a cigarra, reforçando sua avaliação positiva. A anáfora encapsuladora "Burrice" antecipa, avaliando, toda uma parte posterior da narrativa, sugerindo, ainda, uma avaliação do burro da esponja como estúpido – portanto, negativa. Já a expressão referencial "o útil" contribui para avaliar positivamente as pernas do veado, referente introduzido em "O útil e o belo" por uma anáfora indireta, "pernas", que remete, não correferencialmente, a "o útil".

**(iv) Nas fábulas de Esopo, expressões referenciais que têm por núcleo um termo bastante marcado semanticamente (estratégia 5), nomeiam o referente já em sua enunciação ("o avarento"; "um milhafre").** As anáforas diretas que retomam essa primeira expressão apenas modificam o determinante do núcleo, dando a ele um caráter indefinido ("Certo avarento") ou definido ("o milhafre"). **Nos textos de Monteiro Lobato, no entanto, o núcleo de forte carga semântica é introduzido também nas anáforas diretas recategorizadoras, que reconfiguram o referente até mesmo metaforicamente ("alegra cantora dos dias de sol"; "o monstro") e nas anáforas encapsuladoras, nas quais um substantivo abstrato, núcleo da expressão**

**referencial, sugere a avaliação de um outro referente do texto, ao mesmo tempo em que resume, avaliando, uma porção anterior ou posterior da narrativa.** Esse é o caso de "Burrice", citado no item acima, e também de "a traição da rã" e "a imprudência do ratinho", que avaliam de modo negativo, respectivamente, a rã e o rato da fábula "O rato e a rã".

**(v) De um modo geral, a avaliação nas fábulas de Monteiro Lobato é mais evidente e, muitas vezes, até mesmo mais enfática. Nas versões nacionais, opta-se por vocábulos de maior carga semântica e as anáforas recategorizadoras reelaboram os referentes de forma mais significativa.** Por isso, na seção 4.2.3 deste capítulo, trataremos com mais cuidado dessas recategorizações.

Sendo assim, nossa análise evidencia que, nos textos de Esopo, há uma preferência por expressões referenciais menos marcadas semanticamente. Desse modo, as cadeias referenciais dessas fábulas evidenciam apenas de forma sutil e em menor quantidade uma avaliação dos elementos representados nas narrativas. Com isso, cria-se um simulacro de neutralidade, que leva o leitor a identificar como verdade absoluta a moral defendida ao final de cada fábula. Ou seja, o leitor, acreditando estar diante de um texto mais neutro, assimila sua moralidade sem questionamentos. Ressaltamos, porém, que, embora as cadeias referenciais das fábulas de Esopo configurem-se como menos marcadas semanticamente, suas moralidades, sempre explicitadas ao final da narrativa, correspondem a ensinamentos mais sérios e severos do que os observados nos textos de Monteiro Lobato. É comum observarmos, ao final das fábulas clássicas, uma polarização maniqueísta do mundo e uma rotulação bastante rígida dos tipos de pessoas que seriam representadas pelos animais fabulares. Confirma-se, desse modo, que não há neutralidade nos textos clássicos; o que se constrói é apenas um efeito de sentido de neutralidade, que pode fragilizar o questionamento e a análise crítica das narrativas.

Já nas fábulas de Monteiro Lobato, a avaliação dos elementos representados nos textos por meio de expressões referenciais nominais é

constante e explícita. Desde o início da narrativa, o leitor observa uma tomada de posição por parte do narrador e pode se colocar de forma crítica diante do que está lendo. As cadeias referenciais dos textos nacionais em geral não criam o efeito de sentido de neutralidade observado nas versões clássicas.

#### 4.2.2.2. As pistas textuais e a avaliação do texto

Nos próximos quadros, observamos que a avaliação dos referentes, manifestada por cadeias referenciais, é confirmada e enfatizada por outros elementos linguísticos: verbos, predicacões, sinais de pontuação e articuladores textuais, entre outros. Esses elementos, que também participam da configuração textual, sinalizam (re)categorizações dos referentes e contribuem, assim como as expressões referenciais nominais, para a avaliação dos objetos de discurso. Em alguns casos, inclusive, a avaliação de um referente é sugerida apenas por essas pistas textuais (cf. seção 3.2.1.) e não por sua cadeia referencial. Defendemos que o processo da referenciação diz respeito à referência e à construção dos objetos de discurso no texto e não apenas à sua retomada. Por isso, as pistas textuais, a nosso ver, fazem parte do processo da referenciação e devem ser consideradas nas análises.

O quadro 8 apresenta, de forma esquemática, as pistas textuais observadas nas fábulas de Esopo, que contribuem para a avaliação dos personagens e de outros elementos desses textos. Mais uma vez, na coluna à direita (em verde), evidenciamos o valor que reveste cada um dos personagens/elementos das narrativas, manifestado, agora, por pistas textuais. Também nessa coluna, tecemos alguns comentários acerca dessas avaliações.

INTRODUÇÃO REFERENCIAL	EXPRESSÕES REFERENCIAIS: VOZ DO NARRADOR	PISTAS TEXTUAIS	AVALIAÇÃO
O avaro	Certo avaro; sua; seu (3x); ele; o (2x); o avaro; lhe	✓ "enterrou [o ouro] em determinado lugar, <u>ali enterrando juntamente o seu coração e o seu espírito</u> "	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Negativa</b> em relação ao avaro.</li> <li>✓ Ênfase no apego extremo do personagem pelo ouro, ou seja, pelo dinheiro.</li> </ul>

O lobo	Um lobo; ele; o; o lobo (2x)	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ "quis alegar um motivo aceitável para devorá-lo [o cordeiro]"</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Negativa</b> em relação ao lobo.</li> <li>✓ Sugestão de que o lobo estava mal intencionado.</li> </ul>
os seus chifres	eles; os seus chifres	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ "ele sentiu orgulho dos seus chifres, ao observar <u>o tamanho e a variedade deles</u>"</li> <li style="text-align: center;">X</li> <li>✓ "quando ele chegou a um lugar arborizado, [...], os seus chifres <u>se enredaram nos galhos</u>"</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Negativa</b> em relação aos chifres.</li> <li>✓ Apesar da beleza dos chifres, eles impediram a fuga do veado.</li> </ul>
as suas pernas	-	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ "ficou muito descontente com suas pernas, <u>por serem delgadas e fracas</u>"</li> <li style="text-align: center;">X</li> <li>✓ "a força dos servos está nas suas pernas"</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Positiva</b> em relação às pernas.</li> <li>✓ Apesar da feiura das pernas, elas é que dão força ao veado.</li> </ul>

**Quadro 8:** Pistas textuais e avaliação dos referentes nas fábulas de Esopo.

O quadro 9 traz a análise esquemática da segunda parte da fábula “A cigarra e as formigas”, de Monteiro Lobato, intitulada “A formiga má”. Apresentamos as evidências sobre esse momento da narrativa separadamente, pois encontramos nele certa peculiaridade, que merece uma atenção especial, conforme discutido em seguida.

INTRODUÇÃO REFERENCIAL	EXPRESSÕES REFERENCIAIS: VOZ DO NARRADOR	PISTAS TEXTUAIS	AVALIAÇÃO
a cigarra	a cigarra (4x); a (3x); (d)aquela cigarra morta por causa da avareza da formiga; elipse	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ "Resultado: a cigarra ali morreu <u>entanguidinha</u>"</li> <li>✓ “desprovida de tudo, sem casa onde se abrigar, nem folhinha que comesse”;</li> <li>✓ “Desesperada”</li> <li>✓ "implorou - emprestado, notem! - uns miseráveis restos de comida"</li> <li>✓ "Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo"</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Positiva</b> em relação à cigarra.</li> <li>✓ Uso do diminutivo com valor de afeto.</li> <li>✓ Ênfase na situação de penúria extrema por que passava a cigarra.</li> </ul>



as formigas	A formiga má; uma formiga má que não soube compreender a cigarra; sua; a formiga (3x); uma usurária sem entranhas; a usurária; ela; elipse (2x)	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ "com <u>dureza</u> a repeliu da sua porta"</li> <li>✓ "invejosa"</li> <li>✓ "como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres"</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Negativa</b> em relação à formiga.</li> <li>✓ Ênfase no sentimento de inveja da formiga e em sua crueldade extrema.</li> </ul>
-------------	---	--	--

**Quadro 9:** Pistas textuais e avaliação das personagens "cigarra" e "formiga má" de "A formiga má" de Monteiro Lobato.

Em "A formiga má" observa-se o uso do diminutivo na referência à cigarra, o que confirma a avaliação positiva desse animal, e expressões que enfatizam seu desespero, sua situação angustiante sem ter o que comer. Essas ideias contribuem, ainda, para a avaliação negativa da formiga má, já que o fato de ela negar ajuda a um animal em tamanho desespero nos permite compreendê-la como egoísta. A linha pontilhada na coluna "pistas textuais" evidencia que as pistas textuais relacionadas à cigarra acabam por influenciar, também, a construção do objeto de discurso formiga má. Ou seja, é possível que uma pista textual, referente a um determinado objeto de discurso, contribua para reelaboração de um outro referente. A avaliação negativa da formiga é novamente reforçada quando o narrador se refere a ela como dura, invejosa e avarenta.

As pistas textuais, importantes para a avaliação dos demais referentes das fábulas de Monteiro Lobato, estão organizadas no quadro 10 a seguir.

INTRODUÇÃO REFERENCIAL	EXPRESSIONES REFERENCIAIS: VOZ DO NARRADOR	ÂNCORAS TEXTUAIS	AVALIAÇÃO
a cigarra	uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro; seu; A pobre cigarra, sem abrigo em seu galinho seco e metida em grandes apuros; a triste mendiga suja de lama e a tossir; a; A pobre cigarra, toda tremendo; a cigarra; a alegre cantora dos dias de sol; elipse (2x)	✓ "Só parava quando <u>cansadinha</u> "	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Positiva</b> em relação à cigarra.</li> <li>✓ Uso do diminutivo com valor de afeto.</li> <li>✓ Reconhecimento do cantar da cigarra como esforço, já que a deixa cansada.</li> </ul>
dois burros	um com carga de açúcar; o primeiro (3x); o burro do açúcar; o outro; elipse (2x)	✓ "continuou a <u>filosofar</u> "	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ <b>Positiva</b> em relação ao burro do açúcar.</li> <li>✓ Reconhecimento do burro do açúcar como sábio/reflexivo.</li> </ul>

a raposa	a raposa (2x); <u>consigo</u> ; Dona Raposa; elipse (2x)	✓ "murmurou consigo" x "E em voz alta"	✓ <b>Negativa</b> em relação à raposa. ✓ Sugestão de que a raposa estava mal intencionada, enganando o galo.
O burro na pele do leão	Certo burro de ideias; <u>consigo</u> ; o animalejo; o (2x); lhe (2x); pobre bicho; elipse (2x)	✓ "Em vez de disso, porém, saiu o que podia sair de um burro: um zurro"	✓ <b>Negativa</b> em relação ao burro. ✓ Ênfase na falta de inteligência do burro, evidenciando que seu plano não tinha como ter sucesso.
Unha-de-fome	Unha-de-fome (2x); seu; o; lhe; elipse (3x)	✓ "namorava-a como o jacaré namora os seus próprios ovos ocultos na areia"	✓ <b>Negativa</b> em relação ao Unha-de-fome. ✓ A comparação estabelecida sugere um comportamento animalizado do personagem.
A rã	a rã (6x); uma rã velhaca; <u>consigo</u> ; os petiscos	✓ "o que [a rã] queria era afogar o ratinho"	✓ <b>Negativa</b> em relação à rã. ✓ Sugestão de que a rã estava mal intencionada.
o cordeiro	o cordeiro; o cordeirinho, trêmulo de medo; o pobrezinho; o	✓ "respondeu com inocência"	✓ <b>Positiva</b> em relação ao cordeiro. ✓ Reelaboração do referente como inocente.
O leão	o leão (4x); elipse;	✓ "urrou <u>desesperadamente</u> , debateu-se.	✓ <b>Positiva</b> em relação ao leão. ✓ Reelaboração do referente sugerindo certa fraqueza sua.
o ratinho	um ratinho; lhe; elipse (2x); o ratinho; ele; <u>consigo</u>	✓ "estancou, de pelos em pé, paralisado pelo terror"	✓ <b>Positiva</b> em relação ao rato. ✓ Sugestão da fragilidade do referente rato.
pernas	aquelas; pernas finas, mas velocíssimas	✓ "com toda a sua formosura, só serviam para enroscar-se nos cipós e atrapalhar-lhe a fuga"	✓ <b>Negativa</b> em relação aos chifres. ✓ Apesar da beleza dos chifres, eles prejudicaram a fuga do veado.

chifres	estes; formosa, mas inútil galhaça	✓ "apesar de toda a feiura, constituíam a sua única segurança"	✓ <b>Positiva</b> em relação às pernas. ✓ Apesar da feiura das pernas, elas é que dão segurança ao veado.
---------	------------------------------------	--	--

**Quadro 10:** Pistas textuais e avaliação dos referentes nas fábulas de Monteiro Lobato.

A análise atenta dos quadros anteriores permite-nos reconhecer que, nos textos de Esopo, as pistas textuais foram utilizadas em menor quantidade, em comparação às nas narrativas de Monteiro Lobato. Em apenas três, das dez fábulas clássicas analisadas, encontramos pistas textuais importantes para a avaliação dos referentes, ao passo que em nove narrativas nacionais, também entre dez investigadas, essas pistas puderam ser identificadas.

Além de estar em maior quantidade, há pistas textuais, nas fábulas de Monteiro Lobato, mais diretas e enfáticas, como é o caso dos comentários do narrador de "A cigarra e as formigas" sobre a situação de penúria da cigarra em oposição à crueldade da formiga. Esse exemplo também ilustra uma outra particularidade do texto nacional. Como vimos, em "A formiga má", as pistas textuais que tratam de um referente da narrativa acabam por recategorizar, ainda, um outro referente.

Sendo assim, confirma-se, também por meio da utilização de pistas textuais, o efeito de sentido de neutralidade comum aos textos de Esopo. Já nas fábulas lobatianas, mais uma vez percebe-se uma tomada de posição do narrador em relação aos fatos e aos elementos narrados.

### **4.2.3. Análise contrastiva e quantitativa das anáforas diretas em Esopo e em Monteiro Lobato**

#### **4.2.3.1. A anáfora direta em números**

Nesta seção do trabalho, procedemos a uma análise quantitativa do *corpus*. Para tanto, contabilizamos, nas dez fábulas de Esopo e de Monteiro Lobato, as estratégias utilizadas em cada um dos textos para retomar correferencialmente os objetos de discurso introduzidos, nas narrativas, por

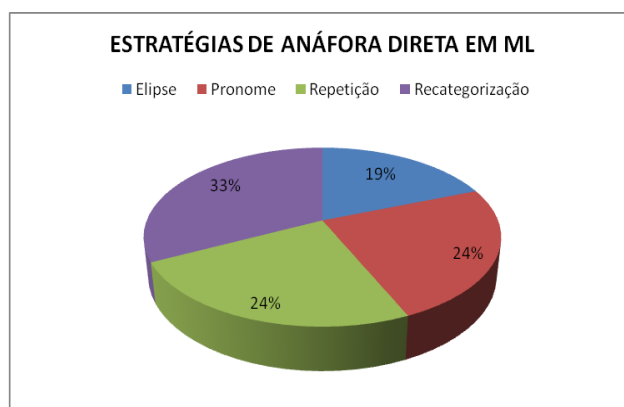
enunciações dos referentes. Mais especificamente, identificamos, nas retomadas por anáfora direta, as ocorrências de elipse, pronome, repetição da expressão referencial ou expressão referencial recategorizadora. No quadro 11 a seguir, os números encontrados podem ser visualizados e, nos gráficos 1 e 2, esses valores são traduzidos em termos percentuais.

ESTRATÉGIA	Nº. DE OCORRÊNCIAS EM ESOP	Nº. DE OCORRÊNCIAS EM LOBATO
Elipse	1	26
Pronome	71	33
Repetição	28	33
Recategorização	30	44
<b>TOTAL</b>	<b>130</b>	<b>136</b>

**Quadro 11:** Retomadas por anáfora direta nas fábulas de Esopo e de Monteiro Lobato.



**Gráfico 1:** Percentual das estratégias de anáfora direta nas fábulas de Esopo.



**Gráfico 2:** Percentual das estratégias de anáfora direta nas fábulas de Monteiro Lobato.

Nas fábulas de Esopo observamos uma preferência pela referência pronominal (55% das ocorrências), o que, mais uma vez, contribui para a construção de um efeito de sentido de neutralidade em seus textos. Embora os pronomes também operem na construção dos objetos de discurso e tenham, inclusive, importantes funções textuais (cf. SANTOS e COLAMARCO, 2014, sobre narrativas de terror), sua referência é, em geral, menos marcada, uma vez que eles não (re)categorizam os referentes, muito menos evidenciando uma avaliação sua, como é o caso das expressões referenciais nominais, pois

multifuncionais que são, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente, recategorizando os objetos presentes na memória discursiva. (KOCH, 2001, p. 87)

Já nas narrativas de Monteiro Lobato, as expressões referenciais nominais são mais recorrentes nas anáforas diretas, principalmente as de função recategorizadora (33% das ocorrências). Conforme explicado na nossa fundamentação teórica (cf. capítulo 3), a recategorização é uma consequência natural do processo anafórico e ocorre quando se opera uma transformação no referente que vinha sendo construído até então. Retomamos, aqui, as palavras de Cavalcante (2011, p.90):

[...] a recategorização é o fenômeno cognitivo-discursivo que corresponde à evolução natural que todo referente sofre ao longo do desenvolvimento do texto; ele se dá abstratamente, na mente dos interlocutores, podendo ou não realizar-se no cotexto por meio de termos anafóricos.

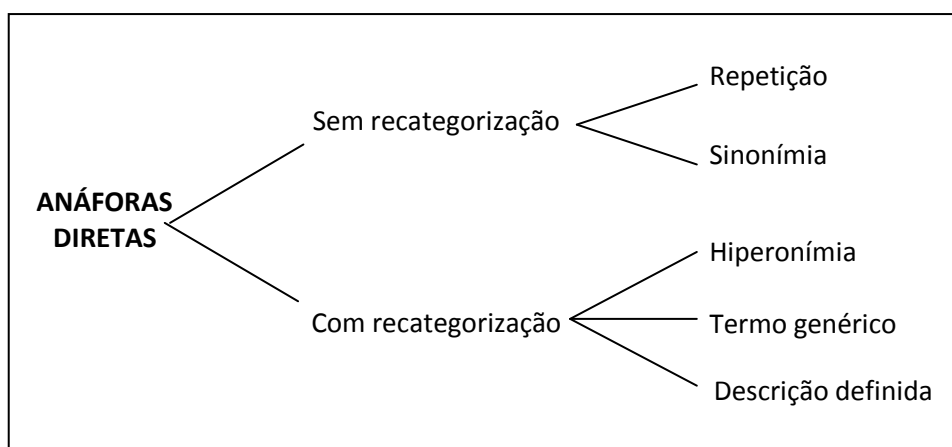
Assim, nessa etapa do trabalho, tratamos apenas das recategorizações por termos anafóricos, mais especificamente, por expressões referenciais nominais recategorizadoras. No entanto, ao analisarmos mais cuidadosamente essas expressões nas fábulas de Monteiro Lobato, percebemos que estruturas muito diferentes são enquadradas nesse mesmo grupo. Desse modo, concordamos com Koch (2004b) quando a autora reconhece que a recategorização de um referente pode ocorrer em menor ou em maior grau. Compreendemos que as expressões referenciais nominais, ao operarem uma recategorização do objeto de discurso, passam a desempenhar também uma função predicativa, "trata-se, pois, de formas híbridas, isto é, veiculadoras tanto de informação dada, como de informação nova" (KOCH, 2001, p. 77). Assim, essa predicação pode ocorrer de forma menos ou mais consistente, ou seja, em menor ou em maior grau.

Por tudo isso, decidimos nos deter um pouco mais nesse tema, analisando qualitativamente as anáforas diretas recategorizadoras das fábulas de Monteiro Lobato. Restringimo-nos a avaliar os textos nacionais nessa etapa da pesquisa, pois apenas neles a recategorização é a estratégia mais

recorrente. Dessa forma, nas duas seções seguintes, dividimos nossa investigação em torno do núcleo das expressões referenciais recategorizadoras (seção 4.2.3.2.) e em seus determinantes (seção 4.2.3.3.).

#### 4.2.3.2. O núcleo das expressões referenciais recategorizadoras

Koch (2004b) e Silva (2006) consideram a seguinte distribuição das anáforas diretas por formas nominais, tendo em vista seu núcleo:



**Figura 4:** Tipologia das anáforas nominais; adaptado de Silva e Ferreira (2008, p. 786).

Para as autoras, portanto, não há recategorização do referente quando o núcleo da primeira expressão referencial que o designa é repetido sem alteração na expressão anafórica. Da mesma forma, a substituição desse núcleo por um sinônimo também não configuraria uma recategorização.

É necessário, porém, atentarmos para o fato de que, embora repetido, o núcleo da expressão referencial pode ser modificado por determinantes que procedem a uma reelaboração do referente, como é caso de "A formiga boa" e de "uma rã velhaca", por exemplo. Além disso, nesta Tese, consideramos que uma expressão referencial nominal recategoriza um referente sempre que ela fornece sobre ele uma informação nova, por menor que seja. Desse modo, casos de sinonímia, a nosso ver, também operam uma recategorização do objeto de discurso. Ainda, ao tratar da descrição definida, Koch (2004b) e Silva (2006) avaliam não apenas o núcleo nominal que foi alterado, mas também os

termos que o determinam. Conforme exposto anteriormente, trataremos do núcleo das anáforas diretas recategorizadoras e de seus determinantes separadamente.

Assim, nas fábulas de Monteiro Lobato, o núcleo nominal das anáforas diretas recategorizadoras consiste, algumas vezes, na repetição do antecedente. Nesses casos, a informação nova sobre o referente, ou seja, sua predicação, será fornecida apenas por termos determinantes. Além disso, a retomada, nesses textos, efetua-se por:

- (i) **Nome-núcleo metafórico** - "triste mendiga suja de lama e a tossir" e "alegre cantora dos dias de sol", retomando cigarra; "os petiscos", recuperando o rato e a rã; "o monstro", substituindo "o lobo"; e "formosa, mas inútil galhaça", referindo-se aos chifres do veado. Embora, nas fábulas em que estão inseridos, esses nomes possam ser compreendidos como sinônimos dos termos que substituem, não os designaremos dessa forma, uma vez que a relação de semelhança entre os dois núcleos (o da enunciação do referente e o da anáfora direta) é estabelecida metaforicamente, ou seja, o que ocorre é uma concentração semântica, em que uma série de traços que diferenciam os nomes é desprezada e leva-se em conta apenas alguns traços comuns aos dois significados, o que aumenta a intensidade do sentido (FIORIN, 2014), evidenciando, muitas vezes, até mesmo a uma avaliação do referente. Portanto, a recategorização operada pelo nome-núcleo metafórico ocorre em maior grau.
- (ii) **Nome-núcleo que designa uma característica do referente, uma vez que corresponde a um adjetivo substantivado** - "a usurária", referindo-se à formiga; "o pobre tolo", retomando o burro da esponja; "o ingênuo" e "o mísero", recuperando o rato; e "o pobrezinho", nomeando o cordeiro. Ao designar uma característica do referente, esse tipo de nome-núcleo opera também uma recategorização em maior grau, já que sua função predicativa é bastante evidente, ele

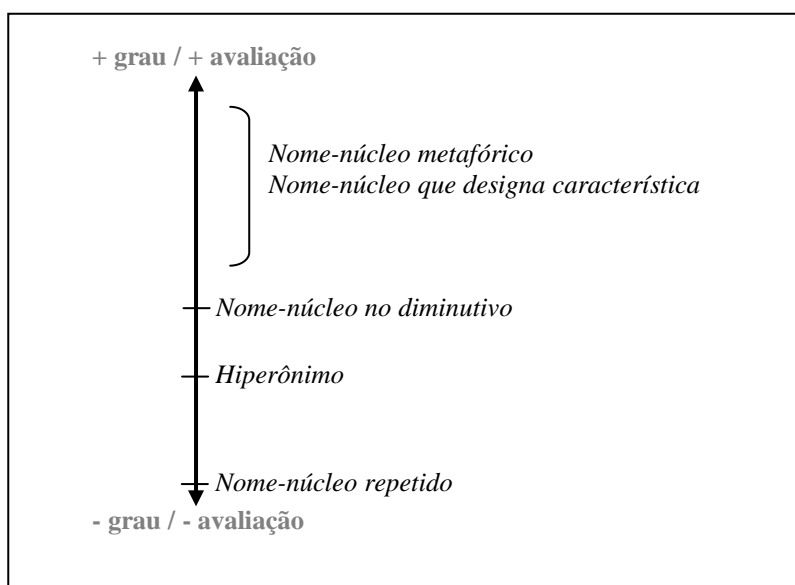
qualifica o objeto de discurso, procedendo, inclusive, a uma avaliação sua.

**(iii) Hiperônimo** - "pobre bicho", retomando o burro que se passou por um leão e "o animalejo", recuperando o burro na pele do leão. Segundo Koch (2004b, p. 248), "o hiperônimo contém, em seu bojo, todos os traços lexicais do hipônimo"; desse modo, na retomada por hiperônimo, a recategorização acontece em menor grau. No caso em análise, é interessante notar, porém, que o hiperônimo utilizado contraria um procedimento comum às fábulas. Nesse gênero, sempre se sugere uma personificação dos animais representados; assim, a referência ao burro como "pobre bicho" contribui, ao contrário, para sua animalização.

**(iv) Nome-núcleo no diminutivo** - "um ratinho sem experiência de vida"; "o ratinho"; "o cordeirinho, trêmulo de medo". A reelaboração que o nome-núcleo no diminutivo opera no referente não é significativa, uma vez que seus traços fundamentais são mantidos. Assim, consideramos tratar-se de uma recategorização também em um grau menor. Por outro lado, a utilização de termos no diminutivo possibilita ainda uma segunda leitura e, como vimos, pode manifestar afeto, evidenciando uma inocência/fragilidade do animal, por exemplo. Desse modo, a reelaboração do referente que operam acaba sendo um pouco mais marcada, podemos dizer que em grau intermediário. Ainda, ao designar afeto, o nome-núcleo contribui para uma avaliação positiva do referente. Essa avaliação, porém, exige uma maior capacidade de inferência do leitor para ser compreendida.

Por tudo o que dissemos até aqui, podemos dispor os tipos de nome-núcleo observados nas anáforas diretas recategorizadoras das fábulas de Monteiro Lobato no *continuum* ilustrado a seguir, considerando tanto o grau de recategorização do referente que eles operam quanto a avaliação que manifestam dos objetos de discurso representados.





**Figura 5:** Graus de recategorização e de avaliação do referente de acordo com o tipo de núcleo utilizado nas anáforas diretas recategorizadoras das fábulas de Monteiro Lobato.

#### 4.2.3.3. Os determinantes nas expressões referenciais recategorizadoras

Conforme explicamos anteriormente, nesta Tese, consideramos como anáfora direta recategorizadora qualquer expressão referencial que, ao retomar um referente, reelabora-o, fornecendo alguma informação nova sobre ele, mesmo que em menor grau. Também compreendemos que a recategorização dos referentes por expressões referenciais nominais pode ocorrer de diferentes maneiras a depender da escolha de seu núcleo nominal e de seus determinantes.

Sendo assim, nas fábulas de Monteiro Lobato, os termos ou orações determinantes do núcleo das expressões referenciais recategorizadoras operam uma reelaboração do referente, conforme exposto no quadro a seguir.

TIPO	FUNÇÃO DO DETERMINANTE	EXEMPLOS	GRAU DE RECATEGORIZAÇÃO
1	Explicitar o caráter definido/ indefinido do referente.	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ “<u>aquela</u> cigarra morta por causa da avareza da formiga”</li> <li>✓ “<u>o</u> veado”</li> <li>✓ “<u>um</u> ratinho”</li> </ul>	MENOR
2	Qualificar o referente.	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ “Um <u>velho</u> galo <u>matreiro</u>”</li> <li>✓ “Uma formiga <u>má que não soube compreender a cigarra</u>” (a oração qualifica a formiga como incompreensível)</li> </ul>	MAIOR
3	Indicar um hábito do referente.	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ “Uma jovem cigarra <u>que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro</u>”</li> </ul>	MAIOR
4	Evidenciar o estado do referente.	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ “A pobre cigarra, <u>sem abrigo em seu galinho seco e metida em grandes apuros</u>”</li> <li>✓ “Lobo <u>faminto</u>”</li> </ul>	MAIOR
5	Indicar circunstância.	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ “a alegre cantora <u>dos dias de sol</u>” (tempo)</li> <li>✓ “aquela cigarra morta <u>por causa da avareza da formiga</u>” (causa)</li> </ul>	INTERMEDIÁRIO
6	Especificar o referente, quando a expressão retoma, parcialmente, o objeto de discurso introduzido na enunciação do referente.	“dois burros” <math>\left\langle \begin{array}{l} \text{“Um com a carga de açúcar”} \\ \text{“outro com carga de esponjas”} \end{array} \right.</math>	MAIOR

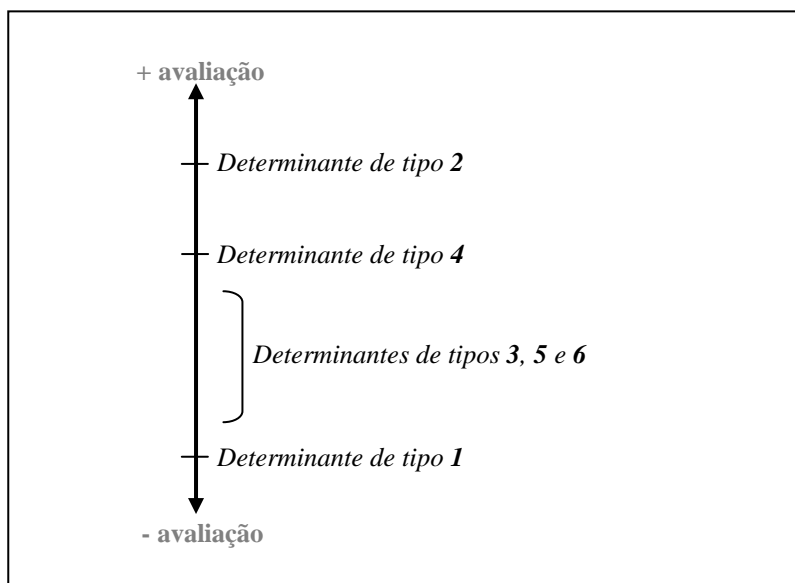
**Quadro 12:** Funções dos determinantes das expressões referenciais recategorizadoras e seu grau de recategorização do referente.

No quadro anterior, consideramos que os determinantes de tipos 2, 3, 4 e 6 recategorizam os referentes em maior grau, uma vez que sua função predicativa é bastante evidente. Ou seja, além de retomar o objeto de discurso na continuidade do texto, as expressões que apresentam esses determinantes reelaboram o referente significativamente, fornecendo informações novas sobre ele.

Já a recategorização do referente, explicitando apenas seu caráter definido ou indefinido (1), não opera uma mudança consistente sua. Também os determinantes que indicam circunstância (5) não modificam diretamente o referente, embora forneçam informações novas relacionadas a ele, por isso atribuímos a esses determinantes uma recategorização de nível intermediário.

Os tipos de determinantes das expressões referenciais recategorizadoras das fábulas de Monteiro Lobato podem também ser

pensados tendo-se em vista a avaliação que eles manifestam dos referentes, conforme ilustrado na figura 3:



**Figura 6:** Graus de avaliação do referente de acordo com o determinante utilizado nas anáforas diretas recategorizadoras das fábulas de Monteiro Lobato.

Assim, embora os determinantes de tipo 3, 5 e 6 contribuam para a reelaboração dos referentes, sua função avaliativa não é tão evidente. Por isso, nos exemplos extraídos do nosso *corpus*, os determinantes que indicam hábito (3), circunstância (5) ou que especificam o referente (6) mostram-se menos marcados semanticamente. Já ao qualificar o objeto de discurso (2), o determinante apresenta valor axiológico significativo. Por fim, os determinantes que evidenciam um estado do personagem (4), geralmente o fazem manifestando uma avaliação. Em “A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros”, o determinante, no contexto, contribui para avaliar positivamente o referente, ao passo que em “Lobo faminto”, a avaliação negativa do lobo é sugerida, também se considerarmos todo o processo de referência a esse personagem no texto. Consideramos esses casos, no entanto, como um nível intermediário de avaliação pela inferência que exigem, ou seja, a avaliação sugerida por eles não é tão explícita quanto nos outros casos.

Por tudo o que mostramos nesta seção do trabalho, confirmamos o postulado de Koch (2001, p. 79) de que “na reativação de referentes textuais, a seleção do determinante desempenha papel de destaque, dado que o tipo de

determinação das expressões referenciais estabelece relações referenciais específicas”.

Também evidenciamos que a escolha do nome-núcleo, assim como de seus determinantes em uma expressão referencial recategorizadora, pode ser responsável pela avaliação dos objetos de discurso referidos nos textos.

## 5. UM OLHAR PARA O ENSINO

Conforme afirmamos anteriormente, um de nossos objetivos neste trabalho é que esta pesquisa traga contribuições concretas para um ensino de Língua Portuguesa mais reflexivo, voltado para a formação de alunos críticos com autonomia para questionar discursos lidos e ouvidos por eles. Segundo Koch (2008b), buscamos um ensino de Língua Portuguesa que se preocupe em

levar o aluno não apenas ao conhecimento da gramática de sua língua, mas – sobretudo – ao desenvolvimento da capacidade de refletir, de maneira crítica, sobre o mundo que o cerca e, em especial, sobre a utilização da língua como instrumento de interação social [...]. (KOCH, 2008b, p.15)

Ainda, segundo postulam os Parâmetros Curriculares Nacionais, é necessário que o ensino de Língua Portuguesa esteja alicerçado em três práticas de linguagem interligadas: a prática de leitura, de produção de textos e a análise linguística. Nessa perspectiva, a observação dos aspectos linguísticos só se justifica se possibilitar a compreensão dos sentidos atribuídos a um texto e propiciar "a construção de um repertório de recursos linguísticos a ser utilizado na produção de textos" (BRASIL, 1997, p. 49).

Desse modo, acreditamos que a referenciação coloca-se como um importante recurso para um trabalho mais produtivo com o texto em sala de aula, uma vez que ela nos permite chegar aos sentidos do texto a partir da análise dos elementos linguísticos presentes em sua superfície. Além disso, dominando os processos referenciais e suas formas de uso, o aluno constrói um repertório de recursos linguísticos a ser utilizado em suas próprias produções. Ou seja, o estudo da referenciação permite-nos integrar as três grandes áreas de ensino atribuídas à disciplina.

Assim, apresentamos, a seguir, cinco modelos de listas de exercícios, acompanhadas de propostas de produções textuais, nas quais as conclusões a que chegamos, nos demais capítulos desta Tese, são transpostas para os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, série em que, normalmente, as fábulas são objeto de estudo. Não faremos uso, nessa etapa, de uma

nomenclatura técnica ou de definições mais complexas, uma vez que nossa pretensão é produzir um material que possa, de fato, ser aproveitado na sala de aula e que seja compreendido e assimilado por crianças de 10-12 anos.

Esse capítulo do trabalho foi elaborado apenas a título de exemplificação, portanto, utilizamos, para a confecção do material didático, apenas dez fábulas, organizadas em cinco pares, discriminados abaixo:

- ✓ “A cigarra e as formigas”, de Esopo e de Monteiro Lobato;
- ✓ "O jumento que transportava sal", de Esopo, e “Burrice”, de Monteiro Lobato;
- ✓ “O cão, o galo e a raposa”, de Esopo e de Monteiro Lobato;
- ✓ “O jumento revestido da pele de leão”, de Esopo, e “O burro na pele do leão”, de Monteiro Lobato; e
- ✓ “O avarento”, de Esopo, e “Unha-de-fome”, de Monteiro Lobato.

### 5.1. "A CIGARRA E AS FORMIGAS"

#### 1ª QUESTÃO:

Complete o quadro abaixo com as expressões utilizadas pelos narradores dos dois textos para se referir à cigarra. Você deve seguir o modelo do que foi feito para a PARTE 1 da fábula de Monteiro Lobato (“A formiga boa”), na coluna do meio.

ESOPO	MONTEIRO LOBATO “A formiga boa”	MONTEIRO LOBATO “A formiga má”
	Jovem cigarra; sua; pobre cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros; pobre cigarra, toda tremendo; triste mendiga suja de lama e a tossir; a cigarra; a alegre cantora dos dias de sol	

## 2ª QUESTÃO:

Observando somente os termos transcritos no quadro da questão 1, é possível identificar como o narrador de cada uma das fábulas avalia a cigarra? Justifique.

## 3ª QUESTÃO:

Agora, complete o quadro a seguir com as expressões utilizadas pelos narradores dos dois textos para se referir à formiga.

ESOPO	MONTEIRO LOBATO “A formiga boa”	MONTEIRO LOBATO “A formiga má”
as formigas (3x); lhes		

## 4ª QUESTÃO:

Observando somente os termos transcritos no quadro da questão 3, identifique a avaliação que o narrador da fábula brasileira faz de cada uma das formigas.

## 5ª QUESTÃO:

De que modo as expressões utilizadas na nomeação da formiga má, da fábula de Monteiro Lobato, contribuem para a caracterização da personagem cigarra desta mesma narrativa?

## 6ª QUESTÃO:

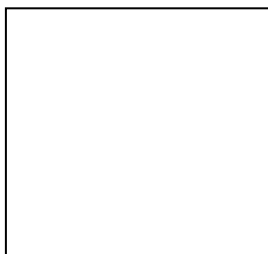
Qual é a principal ação das formigas da fábula de Monteiro Lobato que distingue a formiga boa da formiga má?

**7ª QUESTÃO:**

A formiga da fábula de Esopo comporta-se como a formiga boa ou como a formiga má? Justifique sua resposta.

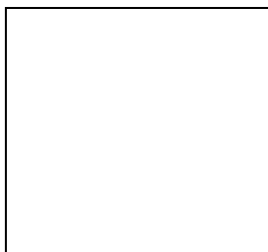
**8ª QUESTÃO:**

Avaliando, novamente, os quadros da questão 1, caracterize a cigarra de Monteiro Lobato. No quadro, você pode desenhar como você imagina essa cigarra.



**9ª QUESTÃO:**

Relei a moral do texto de Esopo e, então, caracterize a cigarra dessa fábula. No quadro, você pode desenhar como você imagina essa cigarra.



**10ª QUESTÃO:**

Leia, a seguir, a definição de metáfora:

"designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (p.ex., ele tem uma *vontade de ferro*, para designar uma *vontade forte*, como o ferro)"

(*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*)

Na moral do texto de Lobato foi criada uma metáfora:

*“Os artistas [...] são as cigarras da humanidade.”*



Após reler a PARTE 2 da fábula nacional, “A formiga má”, reflita sobre a metáfora criada por Monteiro Lobato e procure mostrar o que pode haver em comum entre as cigarras e os artistas.

**11ª QUESTÃO:**

Compare os trechos transcritos no quadro abaixo. Neles, há o relato do momento em que a cigarra vai até a casa da formiga pedir ajuda.

MONTEIRO LOBATO “A formiga boa”	MONTEIRO LOBATO “A formiga má”
<p>A pobre cigarra sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique... [...] - Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu... (LOBATO, 2008, p.12; “A formiga boa”)</p>	<p>Desesperada, [a cigarra] bateu à porta da formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo permitisse. (LOBATO, 2008, p.13; “A formiga má”)</p>

- a) Em qual dos dois trechos a situação da cigarra é mais grave?
- b) Marque, no quadro, as palavras que comprovam sua resposta ao item anterior.

**12ª QUESTÃO:**

Que ideia é reforçada em relação à formiga quando observamos o estado da cigarra?

**13ª QUESTÃO:**

Releia:

“só parava quando cansadinha” (LOBATO, 2008, p.12; “A formiga boa”; grifo nosso)

“morreu entanguidinha” (LOBATO, 2008, p.13; “A formiga má”; grifo nosso)

Qual o efeito de sentido causado pelo uso do diminutivo, nos trechos anteriores, na referência à cigarra?

→ **PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL:**

A tirinha a seguir poderia ser a continuação da primeira parte da fábula de Monteiro Lobato, "A formiga boa", já que, nela, vemos que a cigarra conseguiu abrigo no formigueiro.



(In: <http://www.ocaqui.com.br/blog/category/tirinhas/page/2/>; acesso em 09 de abril de 2014)

Sua tarefa será criar um TEXTO NARRATIVO, utilizando somente a linguagem verbal, que relate esse novo momento da história, quando a cigarra já está na casa das formigas e deve ensiná-las a cantar e a tocar violão.

Não se esqueça de escolher com cuidado as expressões que denominarão a cigarra e as formigas, já que, como vimos, elas são bastante importantes para que o leitor compreenda a avaliação que o narrador faz de cada personagem da história, além de servirem para ajudar na caracterização desses personagens.

## 5.2. "O JUMENTO QUE TRANSPORTAVA SAL" E "BURRICE"

### 1ª QUESTÃO:

Compare o título da fábula de Esopo, "O jumento que transportava sal", com o título da fábula de Monteiro Lobato, "Burrice".

- a) É possível identificar, no corpo da fábula de Esopo, outras expressões que fazem referência ao mesmo elemento nomeado em seu título ("O jumento que transportava sal")? Em caso afirmativo, cite uma delas.

- b) É possível identificar, no corpo da fábula de Monteiro Lobato, outras expressões que fazem referência ao mesmo elemento nomeado em seu título ("Burrice")? Em caso afirmativo, cite uma delas.

Após ler integralmente a fábula de Monteiro Lobato, percebemos que a expressão "burrice", do título, apresenta uma ambiguidade. Observe, a seguir, a definição de ambiguidade para responder as questões 2 e 3:

"propriedade que possuem diversas unidades linguísticas de significar coisas diferentes, de admitir mais de uma leitura [...]"

(*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*)

## 2ª QUESTÃO:

- a) Observe as palavras do quadro abaixo e suas definições:

**CRIANCICE:** *procedimento próprio de criança;*

**DOIDICE:** *ato de doido;*

**ESTRANGEIRICE:** *costume característico de país estrangeiro.*

(adaptado de *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*)

Qual seria o primeiro sentido possível para expressão "burrice", se a compararmos com as palavras do quadro anterior?

- b) Justifique, no texto, esse primeiro sentido.

## 3ª QUESTÃO:

- a) Considerando o uso mais comum que se faz da expressão "burrice" em nosso dia a dia, qual seria o segundo sentido possível para ela?

- b) Justifique, no texto, esse segundo sentido.

## 4ª QUESTÃO:

Após a análise detalhada da expressão "burrice", compreendemos por que não foi possível identificar, no corpo da fábula de Monteiro Lobato, outras expressões que fizessem referência ao mesmo elemento nomeado no título (questão 1b). Explique o que ocorre.

### 5ª QUESTÃO:

Agrupe as expressões abaixo, transcritas das fábulas de Esopo e de Monteiro Lobato, de acordo com o animal a que se referem.

O BURRO DO AÇÚCAR - UM JUMENTO CARREGADO DE SAL - O PRIMEIRO - OUTRO COM CARGA DE ESPONJAS - O POBRE TOLO - ELE - UM COM CARGA DE AÇÚCAR - O BURRO DA ESPONJA - O JUMENTO

### 6ª QUESTÃO:

Assinale, no quadro da questão 5, a expressão ou as expressões que sinalizam, para o leitor, alguma avaliação dos animais. Nesses casos, identifique se os animais são avaliados negativamente ou positivamente.

### 7ª QUESTÃO:

Busque, na fábula, algum outro trecho que confirme a avaliação percebida por você na questão 6. Justifique sua escolha.

### → PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL:

Encontramos, em muitos textos, expressões que fazem referência a toda uma parte do texto, resumindo-a. Ainda, essas expressões podem evidenciar um ponto de vista em relação ao trecho a que elas se referem. Na fábula de Monteiro Lobato, conforme observamos nos exercícios, a palavra "burrice" funciona dessa maneira. Observe um outro exemplo, transcrito da fábula "A coruja e a águia", de Monteiro Lobato:

- Mostrengo ou monstrengo, vovó? - quis saber Pedrinho. - Vejo essa palavra escrita dos dois jeitos.  
- Os gramáticos querem que seja mostrengo – coisa de mostrar: mas o povo acha melhor monstrengo – coisa monstruosa, e vai mudando. Por mais que os gramáticos insistam na forma “mostrengo”, o povo diz “monstrengo”.  
- É quem vai ganhar essa corrida, vovó?  
(LOBATO, 2008, p.15; grifo nosso)

A imagem abaixo também retrata a cena de um burro bastante carregado. Sua tarefa é redigir um pequeno parágrafo, DESCRREVENDO essa foto. Em sua descrição, utilize uma expressão que resume e avalia toda uma parte do texto.



(In: <http://www.blogtok.com/index.php?tipo=blog&acao=ler&id=7591>; acesso em 07 de maio de 2014)

### 5.3. "O CÃO, O GALO E A RAPOSA" E "O GALO QUE LOGROU A RAPOSA"

#### 1ª QUESTÃO:

No trecho abaixo, transcrito da fábula de Esopo, observamos um exemplo de discurso indireto, estratégia narrativa em que o narrador reproduz a fala de um personagem:

*"pediu que descesse até ela, porque ela desejava abraçar o animal que tinha uma voz tão bonita"* (ESOPO, 2002, p. 55; grifo nosso)

**a)** Faça a transposição do trecho sublinhado acima para o discurso direto, ou seja, dando voz ao personagem do texto. Identifique, em sua reescrita, o personagem que fez o pedido e o personagem a quem o pedido foi feito.

**b)** A expressão "o animal que tinha uma voz tão bonita" manifesta uma avaliação negativa ou positiva do animal a que ela se refere?

c) Tendo em vista o contexto da fábula como um todo, podemos considerar essa avaliação sincera? Justifique sua resposta.

### **2ª QUESTÃO:**

O título da fábula de Lobato, "O galo que logrou a raposa", faz referência ao personagem galo, ao mesmo tempo em que antecipa para o leitor o desfecho da narrativa. Explique por quê.

(Obs.: Caso você não conheça o significado do verbo "lograr", busque-o no dicionário.)

### **3ª QUESTÃO:**

Identifique, no primeiro parágrafo do texto de Monteiro Lobato, a expressão utilizada pelo narrador para se referir ao personagem galo. Ela confirma a ideia que se cria desse personagem no título da fábula? Justifique.

### **4ª QUESTÃO:**

Ainda no primeiro parágrafo da fábula de Lobato, lemos que "a raposa, desapontada, murmurou consigo: 'Deixe estar, seu malandro, que já te curo'.", mas "em voz alta", disse outra coisa bastante diferente (LOBATO, 2008, p. 34; grifos nossos). Que ideia fica subentendida em relação à raposa quando observamos essa sua forma de agir?

### **5ª QUESTÃO:**

Compare a personagem raposa da fábula de Esopo com a mesma personagem da fábula de Lobato.

### **→ PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL:**

Imagine que a raposa, após não ter conseguido nada com o galo, vá em busca da formiga boa da fábula "A cigarra e as formigas" de Monteiro Lobato, visando roubar seus mantimentos armazenados durante o verão.

Sua tarefa será criar um TEXTO NARRATIVO relatando como aconteceu esse encontro e suas consequências. Não se esqueça de construir a imagem de cada um de seus personagens através das expressões utilizadas para denominá-los e por outras pistas distribuídas ao longo de sua narrativa. Caso julgue interessante para sua produção, crie um título criativo que antecipe o desfecho da fábula.

#### 5.4. "O JUMENTO QUE PASSAVA POR SER UM LEÃO" E "O BURRO NA PELE DO LEÃO"

##### 1ª QUESTÃO:

Releia a fábula de Esopo e observe que, nela, faz-se referência ao animal "jumento" cinco vezes, sendo a primeira no título: "O jumento que passava por ser um leão".

a) Encontre as outras quatro referências, de acordo com os tópicos abaixo e completando as lacunas:

- DUAS expressões nominais: _____ e _____.
- DOIS pronomes oblíquos: _____ e _____.

b) É possível identificar alguma avaliação desse personagem "jumento" apenas por essas cinco formas de se referir a ele?

##### 2ª QUESTÃO:

Na fábula de Monteiro Lobato, além de ser retomado pelos pronomes oblíquos "lhe" e "o", o animal "burro" recebe quatro denominações distintas, sendo que, em duas delas, podemos perceber uma ambiguidade em seu uso.

a) Complete o quadro a seguir com as duas denominações que estão faltando para o animal "burro" no texto de Lobato.

1 - O BURRO NA PELE DO LEÃO

2 - \_\_\_\_\_

3 - O ANIMALEJO

4 - \_\_\_\_\_

**b)** Identifique as duas expressões que possibilitam uma segunda interpretação e explique seu outro significado. Se necessário, consulte o dicionário.

**c)** Ao possibilitar uma segunda interpretação, essas expressões manifestam uma avaliação do personagem a que se referem. Qual?

### **3ª QUESTÃO:**

O narrador da fábula de Lobato, logo após citar que o burro decidiu urrar para assustar seu dono, comenta:

*“Em vez de urro, porém, saiu o que podia sair de um burro: um zurro”*

(LOBATO, 2008, p.48; grifo nosso).

Que ideia fica subentendida, em relação ao plano do burro e ao próprio animal, a partir desse comentário do narrador?

### → **PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL:**

Releia a moral das fábulas de Esopo e de Lobato:

*“Sendo tu um pobre indivíduo particular, não tentes imitar os ricos, a fim de não te expores às galhofas\* e aos perigos; porquanto o alheio é inadapável\*\*”*

(ESOPO, 2002, p.173).

*“Quem vestir pele de leão, nem zurre nem deixe as orelhas de fora”*

(LOBATO, 2008, p.48)

**Vocabulário** (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*):

\***galhofa**: zombaria explícita; deboche.

\*\* **inadapável**: que não se pode adaptar.



Comparando a moral dos dois textos, percebemos que:

1 - No texto de Esopo, o jumento agiu errado por tentar se passar por alguém rico, no caso, superior a ele. Isto é, na versão de Esopo, entende-se que há seres superiores a outros.

2 - Na fábula de Monteiro Lobato, o problema não foi o burro ter tentado se disfarçar e passar por alguém que ele não é, mas tê-lo feito de forma errada. Isto é, entendemos que, se quisermos nos passar por outra pessoa, aparentando ser algo que não somos, só temos que ter o cuidado de fazê-lo bem feito.

Sua tarefa será produzir UM pequeno texto respondendo a um dos grupos de perguntas abaixo. Você poderá escolher o grupo de perguntas que deseja responder.

Perceba que você terá que apresentar a sua OPINIÃO sobre determinado fato. Para isso, além de apresentar qual é essa opinião, você deverá comprová-la e justificá-la por meio de ARGUMENTOS.

→ **GRUPO DE PERGUNTAS 1:**

*Você concorda que há seres superiores a outros? Uma pessoa rica é mais importante que uma pessoa pobre?*

→ **GRUPO DE PERGUNTAS 2:**

*Para você, é correto uma pessoa se passar por outra? Você também acha que o único problema do burro foi ter se disfarçado mal?*

## **5.5. "O AVARENTO" E "UNHA-DE-FOME"**

### **1ª QUESTÃO:**

Leia, a seguir, a definição de personificação:

"figura de retórica pela qual se atribui a um ser inanimado ou abstrato características tipicamente humanas"

(*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*)

Como você pode perceber, a personificação é uma característica comum às fábulas: nelas, os animais, que representam tipos humanos, comportam-se como verdadeiros seres humanos, uma vez que falam, possuem sentimentos, raciocinam...

Nas duas fábulas que você acabou de ler, "O avarento" e "Unha-de-fome", também há a personificação de personagens? Justifique sua resposta.

### **2ª QUESTÃO:**

Sempre que, em um texto, os personagens representam tipos de pessoas e não um ser único, dizemos que nele há uma generalização. Isso porque entendemos que esse texto relata uma história comum a várias pessoas.

De que modo, nas fábulas de Esopo e de Monteiro Lobato, a denominação dos personagens estabelece uma generalização?

### **3ª QUESTÃO:**

A referência aos personagens como "o avarento" e "Unha-de-fome" manifesta uma avaliação? Justifique sua resposta.

### **4ª QUESTÃO:**

Há alguma diferença de sentido entre as expressões "avarento" e "unha-de-fome"? E de uso?

### **5ª QUESTÃO:**

Qual o efeito de sentido causado pelo uso da letra maiúscula em "Unha-de-fome"?

### **6ª QUESTÃO:**

Releia:

*“ Certo avarento converteu em ouro toda a sua fortuna [...] e enterrou-o em determinado lugar, ali enterrando juntamente o seu coração e o seu espírito”*

(ESOPO, 2002, p.27; grifo nosso)

Que ideia é reforçada, em relação ao avarento, a partir do comentário do narrador, sublinhado acima?

### **7ª QUESTÃO:**

Observe:

*“Mas tal era o seu amor pelo dinheiro que volta e meia rondava a pedra e nomorava-a como o jacaré namora os seus próprios ovos ocultos na areia”*

(LOBATO, 2008, p.80; grifo nosso)

Qual o efeito de sentido causado pela comparação acima?

### → **PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL:**

As imagens a seguir também representam tipos de pessoas. Você deverá criar uma FÁBULA baseada em uma dessas imagens e no tipo de pessoa que ela representa; escolha a que julgar mais interessante. Para deixar claro que sua história faz referência a um tipo de pessoa e não a um indivíduo apenas, utilize termos mais generalizantes para nomear o(s) personagem(ns). Não se esqueça de apresentar uma MORAL ao final da sua história.

1.



(<http://www.arenafama.com/2013/03/10-fundamentos-para-ser-milionario.html>; acesso em 22 de junho de 2014)

2.



([http://dc715.4shared.com/doc/\\_f\\_9YiZB/preview.html](http://dc715.4shared.com/doc/_f_9YiZB/preview.html); acesso em 22 de junho de 2014)

## 6. CONCLUSÕES

Nesta Tese, procuramos ampliar o domínio da Linguística de Texto, evidenciando como ela nos permite construir os sentidos do texto, alcançando suas intencionalidades. Embora hoje se considere que há “uma complementaridade das tarefas e dos objetos da Linguística Textual como subdomínio do campo mais vasto da análise das práticas discursivas” (ADAM, 2008, p. 43), comprovamos que a Linguística de Texto nem sempre precisa estar a serviço de outras correntes teóricas, que seriam mais abrangentes, configurando-se apenas como uma ferramenta delas. Demonstramos que a referenciação nos permite desenvolver uma metodologia de análise em que, partindo do elemento linguístico, alcançamos os efeitos de sentido do texto, as suas intencionalidades e a compreensão dos objetos de discurso representados. Por ser bastante objetiva, essa metodologia pode ser transposta para a educação básica e possibilita, ainda, a integração das três grandes práticas de estudo da disciplina de Língua Portuguesa, propostas pelos PCN (leitura, produção textual e análise linguística).

No tocante à referenciação, procedemos inicialmente a uma breve revisão da teoria, modificando-a sutilmente, uma vez que a classificação da introdução referencial como um processo referencial tornava as análises, algumas vezes, contraditórias. Reiteramos que expressões anafóricas também podem introduzir referentes no texto e que, portanto, a introdução referencial deve ser compreendida como uma função da expressão referencial e não como uma classificação, em oposição à anáfora, como até então era considerada. Ainda, em nossa nova proposta de análise, a primeira expressão do texto, não ancorada prospectiva ou retrospectivamente, que categoriza o objeto de discurso, referindo-se a ele por meio de uma expressão nominal, passa a ser denominada de "enunciação do referente". Nem sempre um objeto de discurso é introduzido no texto por meio da enunciação do referente; assim, a anáfora direta prospectiva, a anáfora encapsuladora e a anáfora indireta também podem ser responsáveis pela introdução de referentes, e essa escolha influencia diretamente na construção de sentido do texto. Um objeto de

discurso pode ainda não ser enunciado no texto; nesses casos, a identificação mais precisa do referente deve-se às pistas textuais.

Como objeto de estudo desta pesquisa, analisamos as fábulas de Monteiro Lobato e de Esopo, o que nos desafiou a observar, a partir da referenciação, intencionalidades em um gênero textual de tipologia predominantemente narrativa. Confirmamos e comprovamos nossa hipótese inicial de que, nesses textos, a manifestação de uma intencionalidade é observada pela avaliação dos objetos de discurso, envolvidos no projeto de dizer, a partir da análise das expressões referenciais e das pistas textuais que constroem, conjuntamente, os efeitos de sentido dos textos.

No que diz respeito às fábulas de Lobato, esse posicionamento, observado pelos processos referenciais, desconstrói ou, pelo menos, modifica a fábula clássica, de Esopo. Assim, nessa relação intertextual, objetos de discurso aparentemente iguais recebem configurações distintas, sendo avaliados, também, de modo diverso.

Nas fábulas de Esopo, identificamos uma preferência por anáforas pronominais, e as expressões referenciais nominais utilizadas correspondem a formas menos marcadas semanticamente. Nesses textos, portanto, as cadeias referenciais evidenciam apenas de forma sutil e em bem menor quantidade uma avaliação dos objetos de discurso representados. Defendemos que, desse modo, cria-se um simulacro de neutralidade nas narrativas clássicas, que neutraliza as situações narradas, levando o leitor a identificar a moral como verdade absoluta. Reiteramos, no entanto, que não há neutralidade nos textos clássicos, uma vez que a moralidade é bastante rigorosa e apresenta, até mesmo, uma polarização maniqueísta do mundo e uma rotulação bastante enfática dos tipos de pessoas que seriam representadas pelos animais fabulares. Assim, o que se constrói é apenas um efeito de sentido de neutralidade, que pode fragilizar o questionamento e a análise crítica das narrativas.

Nas fábulas de Monteiro Lobato, por outro lado, predominam as anáforas diretas recategorizadoras, e a avaliação dos elementos representados

nos textos por meio de expressões referenciais nominais é constante e explícita. Isso permite ao leitor observar uma tomada de posição por parte do narrador desde o início da narrativa, podendo se colocar de forma crítica diante do que lê. Em relação às anáforas diretas recategorizadoras encontradas nas fábulas de Lobato, evidenciamos que sua configuração é bastante complexa e seu papel na construção de sentido dos textos é extremamente importante. Por um lado, essas anáforas contribuem para transmitir informações novas sobre o objeto de discurso em foco; por outro, podem manifestar, em sua composição, uma avaliação desse objeto de discurso. Diferentes possibilidades de nome-núcleo e de termos determinantes manifestam em maior ou em menor grau a recategorização do referente e sua avaliação.

Neste trabalho também nos ocupamos do que denominamos de pistas textuais e destacamos seu papel na construção de sentido das fábulas, mais especificamente no tocante à avaliação dos objetos de discurso representados. Muito pouco se fala hoje sobre as pistas textuais, e defendemos que elas merecem maior destaque nas pesquisas da área, uma vez que também são responsáveis pela recategorização dos objetos de discurso, se considerarmos o termo em sentido amplo e não apenas relacionado à anáfora direta recategorizadora. Ainda, a análise das pistas textuais confirmou que, nos textos de Esopo, constrói-se um efeito de sentido de neutralidade, em oposição às narrativas de Monteiro Lobato. As pistas textuais são mais recorrentes nas fábulas nacionais e também avaliam o referente de forma mais direta e enfática.

Finalmente, as listas de exercícios elaboradas no capítulo 5 desta Tese integram a pesquisa acadêmica à realidade da sala de aula. Confirmamos, com elas, que a referenciação pode ser trabalhada na educação básica desde as séries iniciais do Ensino Fundamental II. Nossos exercícios levam o aluno a compreender o sentido das fábulas a partir do material linguístico do texto – as cadeias referenciais e as pistas textuais – e convidam-nos a colocar em prática as estratégias observadas em suas produções textuais. Além disso, as propostas de produção textual privilegiam não apenas uma única tipologia textual, mas conduzem o discente a redigir textos narrativos, descritivos e

argumentativos. Desse modo, mais uma vez cumprimos os postulados dos PCN:

Compreendida como um complexo processo comunicativo e cognitivo, como atividade discursiva, a prática de produção de textos precisa realizar-se num espaço em que sejam consideradas as funções e o funcionamento da escrita, bem como as condições nas quais é produzida: para que, para quem, onde e como se escreve. (BRASIL, p. 44)

Acreditamos ser de suma importância que, no ensino de língua materna, os professores privilegiem o trabalho com o texto em sala de aula e saibam reconhecer e abordar os mecanismos pelos quais se evidenciam intencionalidades. Sabemos que, para isso, são necessários modelos de materiais didáticos que norteiem o professor nesse desafio. Portanto, compreendemos que é necessário enfatizar cada vez mais a ponte entre a teoria e a prática, entre a academia e a sala de aula. Em nossa Tese, comprovamos que, para além de seu valor acadêmico, a discussão sobre referenciação pode contribuir para a formação de alunos-cidadãos-leitores críticos, que, por dominarem os mecanismos de que se compõe o discurso, terão autonomia para ler o mundo e para posicionar-se diante dele.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOT, B. **Reference**. Oxford: Oxford University press, 2010.
- ACIOLI, S. **Aula de leitura com Monteiro Lobato**. São Paulo: Biruta, 2012.
- ADAM, J. M. **A Linguística Textual**. São Paulo: Cortez, 2008.
- APOTHÉLOZ, D. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, M. *et alii*. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.
- APOTHÉLOZ, D.; PEKAREK DOEHLER, S. Nouvelles perspectives sur la référence: dès approches informationnelles aux approches interactionnelles. **VERBUM**, Nancy, XXV, 2003. p. 109-136.
- APOTHÉLOZ, D; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. **Journal of Pragmatics**, n. 3, 1999. p. 363-97.
- ARANTES, M. **A argumentação nos gêneros fábula, parábola e apólogo**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- \_\_\_\_\_. Apólogos, fábulas e parábolas: confluências e divergências. In: TRAVAGLIA, L. C. *et alii*. (Orgs.). **Gêneros de texto**: caracterização e ensino. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 193-228.
- AVELEZA, M. Origens, conceito e evolução do gênero fábula. In: ESOPPO. **As fábulas de Esopo**: em texto bilíngue grego português. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2002. p. XXXI-LXII.
- BARBISAN, L. B. A construção do sentido no discurso. **Cadernos de pesquisas em linguística**. Porto Alegre: PUC-RS, 2006.
- BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Einführung in die Textlinguistik**. Tübingen: Niemeyer, 1981.
- BERRENDONNER, A. Anaphore associative et méréologie. In: MIÉVILLE, D.; VERNANT, D. (Eds.). **Recherches sur la philosophie et la langage**, 16, 1994. p. 81-98.
- CAMARA, T. M. Hipocorísticos, apelidos e crítica social: linguagem e estilo em Machado de Assis. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.20, n.32, jan./jun. 2013.

CATINARI, A. Lobato vai à escola. In: MARTINS, G.; SANTOS, L.; GENS, R. **Literatura infantil e juvenil na prática discente**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2010. p. 22-38.

CAVALCANTE, M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Ceará: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, M.; *et alii*. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

CAVALCANTE, M.; *et alii*. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.) **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-261.

CAVALCANTE, M.; LIMA, S. **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.

CAVALCANTE, M.; SANTOS, L. Referenciação e marcas de conhecimento compartilhado. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v.12, n. 3, 2012. p. 657-681.

CECCANTINI, J. L. O prazer à revelia: sobre a leitura de *O picapau amarelo* no Ensino Fundamental. In: MACHADO, M. Z. *et alii*. **Escolhas (literárias) em jogo**. Belo Horizonte: Ceale Autêntica Editora, 2009.

CHAFE, W. **Discourse, consciousness, and time**: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CIULLA E SILVA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. *et alii*. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.

CORNISH, F. Deictic, discourse deictic and anaphoric uses of demonstrative expressions in English. Workshop **Anaphoric uses of demonstrative expressions**, System und Variation, 29th DGfS Annual Meeting, Universität Siegen, Germany (28th February-2nd March 2007) [mimeo]

\_\_\_\_\_. Anaphora: Text-based or discourse-dependent? *Functionalism vs. formalist accounts*. **Functions of Language**, Toulouse, v. 17, n. 2, 2010. p. 207-241.

CORTEZ, S. **Referenciação e construção do ponto de vista**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CORTEZ, S.; KOCH, I. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais. In: CAVALCANTE, M.; LIMA, S. M. **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.

CUSTÓDIO FILHO, V. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v.12, n. 3, set./dez. 2012. p. 839-859.

DUARTE, A. Esopo e a tradição da fábula. In. ESOPO. **Esopo** - fábulas completas. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 7-25.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUMMET, M. El carater social del significado. In: DUMMET, M. **La verdad y otros Enigmas**. México: Fondo de Cultura económica, 1990. p. 515-526.

ESOPO. *As fábulas de Esopo: em texto bilíngue grego português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2002.

FEIJÓ, M. **O prazer da leitura**. São Paulo: Ática, 2010.

FIORIN, J. L. Millôr e a destruição da fábula. **Alfa**, São Paulo, v. 30/31, 1987. p. 85-94.

\_\_\_\_\_. Polifonia Textual e Discursiva. In: BARROS, D.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 2003, p. 29-36.

\_\_\_\_\_. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FONSECA, F. I. **Dêixis, Tempo e Narração**. Porto: Fund. Eng. A. da Almeida, 1992.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Trad. BRAGA, C. *et. alii*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

GÊNOVA, M. de. O picapau amarelo: o espaço ideal e a obra-prima. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. **Monteiro Lobato livro a livro**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008. p. 409-423.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KLEIMAN, Â. **Leitura**: Ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 1989a.

\_\_\_\_\_. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989b.

\_\_\_\_\_. Abordagens da leitura. **Scripta**, Belo Horizonte, v.7, n.14, 1º sem. 2004. p. 13-22.

KOCH, I. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, 41, jul./dez. 2001. p. 75-89.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

\_\_\_\_\_. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. (Orgs.). **Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004b. p. 244 - 262.

\_\_\_\_\_. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2008b [1983].

\_\_\_\_\_. Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso. **Investigações**, Recife, v. 21, n. 2, 2008c.

KOCH, I.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I.; CAVALCANTE, M. A acessibilidade de referentes no discurso. In: CAVALCANTE *et alii*. **Texto e Discurso sob múltiplos olhares**: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

KOCH, I.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2008.

LA FONTAINE, J. *Fábulas*. 2 volumes. Trad. AMADO, M.; AMADO, E. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

LAJOLO, M. Através do Brasil: Introdução. In: BILAC, O.; BOMFIM, M. **Através do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000b.

\_\_\_\_\_. Linguagens *na* e *da* literatura infantil de Monteiro Lobato. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. **Monteiro Lobato livro a livro**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008. p. 15-32.

LIMA, S. M. Recategorização metafórica e humor: uma proposta classificatória. In: CAVALCANTE *et alii*. **Texto e Discurso sob múltiplos olhares: referenciação e outros domínios discursivos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_. **Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

LIMA, S. M.; FELTES, H. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, M.; LIMA, S. M. **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

LOBATO, M. D. **Quixote das crianças**. São Paulo: Brasiliense, 1968.

\_\_\_\_\_. **Fábulas**. São Paulo: Globo, 2008.

LYONS, J. **Semantics**. v.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. (Orgs.). **Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263 - 298.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.v. 2 Brasília, DF. 1997.

MICHELLI, R. A fábula e suas armadilhas. Trabalho apresentado no **16º COLE** - Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, 2007.

MONDADA, L; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation. **Tranel**, Neuchâtel, n. 23, 1995. p. 273-302. Trad. CAVALCANTE, M. **Revista Letras**, Ceará, , v. 1/2, n. 24, jan/dez. 2002. p. 118-130.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CIULLA, A. *et alii*. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52

MORAIS, M. Os processos anafóricos no gênero relato esportivo. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NADAL, M.; MOREIRA, U. Gênese e contribuições das fábulas de Monteiro Lobato. Anais do 4º CIELLI, Maringá, 2010.

NELSON, R. J. **Naming and Reference**. London and New York: Routledge, 1992.

OLIVEIRA, M. A.; LUCENA, I. Metáforas do Palimpsesto: o diálogo entre as *Fábulas* e a *Fábula Fabulosa*. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (Orgs.). **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 1879-1888.

PAULIUKONIS, M. A. L. Ensino do léxico: seleção e adequação ao contexto. In: \_\_\_\_\_; GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 103-128.

PEREIRA, C. *et. alii*. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para o ensino de leitura. In: PAULIUKONIS, M. A.; SANTOS, L. (orgs.). **Estratégias de leitura**: texto e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 27-58.

PIÈGAY-GROS, N. **Introduction à l'Intertextualité**. Tradução CAVALCANTE, M.; GENTIL, M. M.; JAGUARIBE., V. Paris: Dunod, 1996.

PIMENTEL, F. Os meninos vadios. In: \_\_\_\_\_. **Contos da Carochinha**. Rio de Janeiro: Garnier, 1992.

RABATEL, Alain. La part de l'énonciateur dans la construction interactionnelle des points de vue. **Marges linguistiques**, 9, 2005. p. 115-136.

SAINSBURY, R. M. **Reference without referents**. Oxford: Clarendon press, 2007.

SANT'ANNA, A. R. **Paródia, paráfrase & Cia**. São Paulo: Ática, 2003.

SANTOS, L. **Articulação textual na literatura infantil e juvenil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SANTOS, L.; CAVALCANTE, M. Referenciação: *continuum* anáfora-dêixis. **Intersecções**, Jundiá, v. 12, n. 1, maio. 2014. p. 224-246.

SANTOS, L; COLAMARCO, M. Referenciação e ensino: panorama teórico e sugestões de abordagem de leitura. **Gragoatá**, Niterói, n. 36, 1º sem. 2014. p. 43-62,

SARFATI, G. **Princípios da análise do discurso**. São Paulo: Ática, 2010.

SCHIFFRIN, D. Between text and context: Deixis, anaphora, and the meaning of *then*. **Text**, v. 10, n. 3, 1990. p. 245-270.

SCHWARTZ, M. **Indirekte Anaphern in Texten**: studien zur domägebundenen Referenz und Kohärenz um Deutschen. Tübingen: Max Niemayer Verlag, 2000.

SILVA, F. **Contributos para a Descrição da Anáfora Associativa em Português Europeu**. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto, Porto, 2006.

SILVA, F.; FERREIRA, I. Modificação Adjectival em diferentes tipos de anáfora. **Actas del XXXVII Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística**, Navarra, 2008. p. 785-796.

SILVA, J. Gênero discursivo e tipo textual. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1999. p. 87-106.

SILVA, V. M. T. **Literatura Infantil Brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. Goiânia: Cãnone Editora, 2008.

SOUZA, L. N. de. Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. **Monteiro Lobato livro a livro**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008. p. 102-122.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual discursivo do verbo no português do Brasil**. Campinas. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 1991.

\_\_\_\_\_. Caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n.1, 2007. p. 39-79.

VAN DIJK, T. **Discurso, notícia e ideologia**: Estudos na Análise Crítica do Discurso. Porto: Campo das Letras, 2005.

VIEIRA, A. L.; ALMEIDA, J. L. de. O ramo verde. In: \_\_\_\_\_. **Contos infantis em verso e prosa**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo, 1927.

## ANEXO 1

### A CIGARRA E AS FORMIGAS

Era inverno, e as formigas secavam o trigo molhado. Uma cigarra com fome pediu-lhes um pouco de comida. Então as formigas lhe disseram: “Por quê, durante o verão, não ajuntaste provisões também tu?” Ao que a cigarra respondeu: “Não tive tempo, pois cantava melodiosamente.” E as formigas, rindo, replicaram: “Pois se no verão flauteavas,<sup>15</sup> no inverno dança!”

Esta fábula mostra que, em todo e qualquer assunto, ninguém deve ser negligente, a fim de não sofrer desgostos nem correr perigos.

(ESOPO, 2002, p. 73)



## ANEXO 2

### A Cigarra e as Formigas

#### I - A Formiga Boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

Aparece uma formiga, friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

– Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

– Venho em busca de um agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

– E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

– Eu cantava, bem sabe...

– Ah! ... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

– Isso mesmo, era eu...

– Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

#### II - A Formiga Má

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se nem folinha que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

– Que fazia você durante o bom tempo?

– Eu... eu cantava!...  
– Cantava? Pois dance agora, vagabunda! – e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra, morta por causa da averseza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

*Os artistas, poetas, pintores e músicos são as cigarras da humanidade.*

(LOBATO, 2008, p.12-13)

## ANEXO 3

### O JUMENTO QUE TRANSPORTAVA SAL

Um jumento carregado de sal atravessava um rio. A certa altura escorregou e caiu na água. Então o sal derreteu-se e o jumento, levantando-se mais leve, ficou encantado com o acontecido. Tempos depois, chegando à beira de um rio com um carregamento de esponjas, o jumento pensou que, se ele se deixasse cair outra vez, logo se levantaria mais ligeiro; por isso resvalou de propósito e caiu dentro do rio. Todavia ocorreu que, tendo-se as esponjas embebido de água, ele não pôde levantar-se, e morreu afogado ali mesmo.

Assim também certos indivíduos não percebem que, por causa das suas próprias astúcias, eles mesmos se precipitam na infelicidade.

(ESOPO, 2002, p. 173)

## ANEXO 4

### Burrice

Caminhavam dois burros ,um com carga de açúcar,outro com carga de esponjas.

Dizia o primeiro:

- Caminhemos com cuidado, pois a estrada é perigosa.

O outro redarguiu:

- Onde está o perigo? Basta andarmos pelo rastro dos que hoje passaram por aqui.

- Nem sempre é assim . Onde passa um pode não passar outro.

- Que burrice! Eu sei viver , gabo-me disso ,e minha ciência toda se resume em só imitar o que os outros fazem.

- Nem sempre é assim ...-continuou a filosofar o primeiro.

Nisto alcançaram o rio, cuja ponte cairá na véspera.

- E agora?

- Agora e passar a vau.

O burro do açúcar meteu-se na correnteza e,como a carga ia se dissolvendo ao contato com água logo passou.

O burro da esponja fiel às suas ideias, pensou consigo:

- Se ele passou, passarei também e lançou-se ao rio mas sua carga em vez de ser esvair-se cresceu de peso a tal ponto que o pobre tolo foi ao fundo.

- Bem dizia eu! Não basta *querer* imitar, é preciso *poder* imitar - comentou o outro.

(LOBATO, 2008, p.25)

## O CÃO, O GALO E A RAPOSA

Um cão e um galo, tendo feito amizade, iam por um caminho. Ao anoitecer, o galo subiu a uma árvore para aí dormir, e o cão acomodou-se junto à raiz côncava da mesma árvore. Ora, tendo o galo, segundo o seu hábito, cantado ao alvorecer, uma raposa ouviu-o, correu e, parando debaixo da árvore, pediu-lhe que descesse até ela, porque ela desejava abraçar o animal que tinha uma voz tão bonita. O galo lhe disse então para ela acordar primeiramente o porteiro, que dormia junto à raiz, a fim de que este abrisse a porta para ele poder descer. Então, quando a raposa procurou o porteiro para lhe falar, o cão, saltando bruscamente, fê-la em pedaços.

Esta fábula mostra que as pessoas sensatas, quando são atacadas pelos seus inimigos, dão-lhes o troco remetendo-os aos mais fortes.

(ESOPO, 2002, p. 55)

## ANEXO 6

### O Galo que logrou a raposa

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação de uma raposa, empoleirou-se numa árvore.

A raposa, desapontada, murmurou consigo: Deixe estar, seu malandro, que já te pego! ... E, em voz alta:

- Amigo , venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados.

- Muito bem! Exclamou o galo. Não imagina como tal notícia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldades e traições! Vou já descer para dar um abraço na amiga raposa, mas ... como lá vem vindo três cachorros, acho bom esperá-los, para que também eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorros, Dona Raposa não quis saber de histórias, tratou de dar uma desculpa, dizendo: - Infelizmente, amigo Co – co – ri – có , tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães . Fica para outra festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

*Contra esperteza, esperteza e meia.*

(LOBATO, 2008, p.34)

## ANEXO 7

### O JUMENTO QUE PASSAVA POR SER UM LEÃO

Certo jumento, revestido de uma pele de leão, era tido por todos como um leão, e punha em fuga tanto os homens como os animais. Todavia o vento, soprando com força, arrancou-lhe a pele, e o jumento ficou nu. Então todos o perseguiram e lhe bateram com paus e bengalas.

Eis que, sendo tu um pobre indivíduo particular, não tentes imitar os ricos, a fim de não te expores às galhofas e aos perigos; porquanto o alheio é inadaptável.

(ESOPO, 2002, p. 173)

## ANEXO 8

### O burro na pele do leão

Certo burro de ideias, cansado de ser burro, deliberou fazer-se leão.

- Mas como, estúpida criatura?

- Muito bem. Há ali uma pele de leão. Visto-a e pronto! Viro leão. Assim fez. Vestiu-a e pôs-se a caminhar pela floresta, majestosamente, convencido de que era o rei dos animais.

Não demorou muito e apareceu o dono.

- Vou pregar-lhe o maior susto da vida, pensou lá consigo o animalejo - e lançado-se à frente do homem desferiu um formidável urro. Em vez de urro, porém, saiu o que podia sair e um burro: um zurro.

O homem desconfiou.

- Leão que zurra!... Que história é esta?

Firmou a vista logo notou que o tal leão tinha orelhas de asno.

- Leão que zurra e tem orelhas de asno há de ser o raio do Cuitelo que me fugiu ontem do pasto. Grandíssimo velhaco! Espera aí... E agarrou-o. Tirou-lhe a pele de leão, dobrou-a, fez dela um pelego, e, montando no pobre bicho, tocou-o para casa no trote.

-Toma, leão duma figa! Toma... e pregava-lhe valentes lambadas.

*Quem vestir pele de leão, nem zurre nem deixe as orelhas de fora.*

(LOBATO, 2008, p.48)



## O AVARENTO

Certo avarento converteu em ouro toda a sua fortuna, fez um lingote, e enterrou-o em determinado lugar, ali enterrando juntamente o seu coração e o seu espírito. Desde então, todos os dias ele ia olhar o seu tesouro. Ora, um dos operários o espreitou e, imaginando o que acontecera, desenterrou o lingote e levou-o. Quando o avarento voltou, já encontrou vazio o lugar, pondo-se então a gemer e a arrancar-se os cabelos. Então alguém, vendo-o lamentar-se daquela maneira, e informando-se do motivo, disse-lhe: “Não te desesperes tanto, meu amigo, pois, na realidade, embora tendo o ouro, tu não o possuías. Agarra então uma pedra, coloca-a no lugar do ouro, e convence-te de que ela é o teu ouro; de fato, ela desempenhará para ti o mesmo papel; porquanto, pelo que eu vejo, mesmo no tempo em que o ouro estava lá, tu não fazias uso desse teu bem.”

Esta fábula mostra que a posse nada é, se não proporciona prazer.

(ESOPO, 2002, p. 27)

## ANEXO 10

### Unha-de-fome

Depois duma vida de misérias e privações Unha-de-Fome conseguiu amontoar um tesouro, que enterrou longe de casa, num lugar ermo, colocando uma grande pedra em cima. Mas tal era o seu amor pelo dinheiro, que volta e meia rondava a pedra, e namorava como o jacaré namora os seus próprios ovos ocultos na areia. Isto atraiu a atenção dum vizinho, que o espionou e por fim lhe roubou o tesouro.

Quando Unha-de-Fome deu pelo saque, rolou por terra desesperado, arrependendo os cabelos.

- Meu tesouro! Minha alma! Roubaram minha alma! Um viajante que passava foi atraído pelos berros.

- Que é isso, homem?

- Meu tesouro! Roubaram meu tesouro!

- Mas morando lá longe você o guardava aqui, então? Que tolice! Se o conservasse em casa não seria mais cômodo para gastar dele quando fosse preciso?

- Gastar do meu tesouro!? Então você supõe que eu teria a coragem de gastar uma moedinha só, das menores que fosse?

- Pois se era assim, o tesouro não tinha para você a menor utilidade, e tanto faz que esteja com quem o roubou como enterrado aqui. Vamos! Ponha no buraco vazio uma pedra, que dá no mesmo. Que utilidade tem o dinheiro para quem só o guarda e não gasta?

(LOBATO, 2008, p.80)

## O RATO E A RÃ

Um rato terrestre, para sua infelicidade, fez amizade com uma rã. Ora, a rã, mal-intencionada, amarrou a pata do rato à sua própria pata. E no início eles ficaram em terra comendo trigo; depois, aproximaram-se da margem da lagoa; em seguida a rã levou o rato para o fundo; enquanto ela se divertia na água coaxando o seu *brequequequex*, o infeliz rato, repleto de água, morreu afogado; contudo continuou flutuando, amarrado à pata da rã. Entretanto um milhafre, avistando-o, arrebatou-o nas suas garras; ora a rã, atrelada, acompanhou-o, e serviu, ela também, de refeição para o milhafre.

Eis que, mesmo depois de morto, qualquer um pode vingar-se, porque a justiça divina tudo observa e tudo pesa, de maneira equitativa, na sua balança.

(ESOPO, 2002, p. 325)

## ANEXO 12

### O rato e a rã

Estava um ratinho sem experiência da vida tomando fresco à beira da lagoa, quando surgiu à tona uma rã velhaca.

— Bom dia, Rói-Rói! Que faz aí tão pensativo?

— Estou admirando a beleza destas águas e invejando a felicidade dos que podem viver nela.

— Tem razão de invejar-nos, ratinho. É lindo isto aqui dentro, mas não é para bico de rato. Ah, se você conhecesse a margem oposta!... Que beleza! Algas que boiam, libelinhas que esvoaçam. Quer ir até lá?

— Querer, quero. Mas como, se nado tão mal?

— Isso é o de menos. Posso atar você à minha pata, e levá-lo de reboque.

O ratinho aceitou. A rã trouxe uma embira, amarrou pata com pata e pôs-se a nado rebocando o ingênuo. Ao chegar em lugar fundo a rã, que o que queria era afogar o ratinho, mergulhou, procurando arrastá-lo consigo. Mas o ratinho em apuros pôs a boca no mundo, pererecou, gritou por socorro e resistiu aos empuxões da rã com quantas forças tinha. Nisto um gavião que ia passando ouviu o ruído, desceu qual uma flecha e agarrou o mísero. Ao tirá-lo d'água, porém, viu a rã encambada nele e exclamou radiante:

— Ora viva, que estou de sorte! Atirei no que vi e matei o que não vi. Meu jantar vai ser de carne e peixe.

E foi para o alto numa árvore engolir os petiscos — castigando, sem o saber, a traição da rã e a imprudência do ratinho.

(LOBATO, 2008, p.83)

## O LOBO E O CORDEIRO

Um lobo, ao ver um cordeiro que bebia num rio, quis alegar um motivo aceitável para devorá-lo. Por isso, embora estando do lado de cima, ele acusou o cordeiro de turvar a água e de impedi-lo de beber. O cordeiro respondeu que só bebia com as pontas dos beiços e que, além disso, estando na parte de baixo, ele não podia turvar a água da parte de cima. O lobo, frustrado no seu motivo, replicou: “Mas no ano passado tu insultaste o meu pai.” Como o cordeiro explicasse que naquela época ele nem sequer havia nascido, o lobo bradou-lhe: “Apesar de tu teres tanta facilidade em te defender, nem por isso eu deixarei de te devorar.”

Esta fábula mostra que, perante as pessoas decididas a praticar o mal, nem a defesa mais legítima prevalece.

(ESOPO, 2002, p. 225)

## ANEXO 14

### O lobo e o cordeiro

Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

– Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? — disse o monstro arreganhando os dentes. Espere, que vou castigar tamanha má-criação!...

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

– Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

– Além disso — inventou ele — sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

– Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

– Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

– Como poderia ser meu irmão mais velho, se sou filho único?

O lobo furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

– Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

E — *nhoc!* — sangrou-o no pescoço.

*Contra a força não há argumentos.*

(LOBATO, 2008, p.84)

## A GALINHA DOS OVOS DE OURO

Certo homem tinha uma bela galinha que punha ovos de ouro. Julgando que havia dentro dela uma massa de ouro, ele matou-a; contudo, achou-a semelhante às outras galinhas. E, assim, ele, que esperara encontrar uma riqueza enorme, ficou privado até do seu pequeno proveito.

Eis que cada um deve contentar-se com aquilo que possui, e evitar a cupidez insaciável.

(ESOPO, 2002, p. 123)

## ANEXO 16

### A galinha dos ovos de ouro

João Impaciente descobriu no quintal uma galinha que punha ovos de ouro. Mas um por semana apenas. Louco de alegria, disse à mulher:

- Estamos ricos! Esta galinha traz um tesouro no ovário. Mato-a e fico o mandão aqui das redondezas.

- Por que matá-la, se conservando-a você obtém um ovo de ouro de sete em sete dias?

- Não fosse eu João Impaciente! Quer que me satisfaça com um ovo por semana quando posso conseguir a ninhada inteira num momento?

E matou a galinha.

Dentro dela só havia tripas, como nas galinhas comuns, e João Impaciente, logrado, continuou a marcar passo a vida inteira, morrendo sem vintém.

*Quem não sabe esperar, pobre há de acabar.*

(LOBATO, 2008, p.101)



## O LEÃO E O RATO AGRADECIDO

Como um leão estivesse dormindo, um rato foi perambular sobre o corpo dele. Entretanto o leão acordou e, agarrando o rato, preparava-se para devorá-lo. Então o rato pediu-lhe que o soltasse, acrescentando que, se o leão lhe perdoasse, ele o recompensaria pelo favor. O leão pôs-se a rir e libertou-o. Ora aconteceu que, pouco tempo depois, o leão deveu a sua salvação à gratidão do rato, ao ser aprisionado por caçadores, que o amarraram com uma corda a uma árvore; nesse momento o rato, ouvindo-o gemer, correu, roeu a corda e libertou-o, dizendo-lhe: “Recentemente tu zombaste de mim, porque não esperavas recompensa da minha parte; agora fica sabendo que também entre os ratos existe gratidão.”

Esta fábula mostra que, de acordo com as circunstâncias, os mais poderosos podem ter necessidade dos mais fracos.

(ESOPO, 2002, p. 205)

## ANEXO 18

### O leão e o ratinho

Ao sair do buraco viu-se um ratinho entre as patas de um leão. Estacou, de pelos em pé, paralisado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

– Segue em paz, ratinho; não tenhas medo do teu rei.

Dias depois o leão caiu numa rede. Urrou desesperadamente, debateu-se, mas quanto mais se agitava mais preso no laço ficava.

Atraído pelos urros, apareceu o ratinho.

– Amor com amor se paga – disse ele lá consigo e pôs-se a roer as cordas. Num instante conseguiu romper uma das malhas. E como a rede era das tais que rompida a primeira malha as outras se afrouxam, pode o leão deslindar-se e fugir.

*Mais vale paciência pequenina do que arrancos de leão.*

(LOBATO, 2008, p.104)

## O VEADO NA FONTE E O LEÃO

Um cervo pressionado pela sede chegou junto de um curso de água. Após ter bebido, como visse a sua sombra na água, ele sentiu orgulho dos seus chifres ao observar o tamanho e a variedade deles; todavia ficou muito descontente com as suas pernas, por serem delgadas e fracas. Ainda ele estava absorto na sua meditação, quando um leão apareceu e o perseguiu. Pondo-se em fuga, o cervo colocou uma grande distância entre ele e o leão; porque a força dos cervos está nas suas pernas, e a dos leões acha-se no seu coração. Ora, enquanto a planície era nua, o veado mantinha a dianteira que o salvava; porém, quando ele chegou a um lugar arborizado, ocorreu que nesse momento os seus chifres se enredaram nos galhos e, não podendo continuar a correr, ele foi agarrado pelo leão. Então, prestes a ser estraçalhado, o cervo disse para si mesmo: “Infeliz que eu sou! as minhas pernas, de quem eu suspeitava que me trairiam, estavam-me salvando; e os meus chifres, nos quais eu confiava inteiramente, acabaram me perdendo!”

É assim que, muitas vezes, nos perigos, os amigos que são olhados com desconfiança, tornam-se salvadores; entretanto, aqueles em quem se confia inteiramente, revelam-se traidores.

(ESOPO, 2002, p. 349)

## ANEXO 20

### O útil e o Belo

Parou um veado à beira do rio, mirando-se no espelho das águas. E refletiu:

- Bem mal feito de corpo que sou! A cabeça é linda, com esses formosos chifres que todos os animais invejam. Mas as pernas... muito finas, muito compridas. A natureza foi injusta comigo. Antes me desse menos pernas e mais galharada na cabeça. Que lindo diadema seria! Com que orgulho eu passearia pelos bosques ostentando um enfeite único em toda animalidade!...

Neste ponto interrompe-o o latido dos veadeiros, valentes cães de caça que lhe vinham na pista, como relâmpagos.

O veado dispara, foge à toda e embrenha-se na floresta. E enquanto corria pode verificar quão sábia fora a natureza dando-lhe mais pernas do que chifres, porque estes em toda sua formosura, só serviam para enroscar-se nos cipós e atrapalhar-lhe a fuga; e aquelas, apesar de toda feiura, constituíam sua única segurança. E mudou de ideia, convencido de que antes mil vezes pernas finas, mas velocíssimas do que formosa, mas inútil galhaça.

(LOBATO, 2008, p.45)